

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**A RAIVA: RELAÇÕES COM A VINCULAÇÃO E  
COM OS ESTILOS PARENTAIS PERCEBIDOS**

**Catarina Soares Braga da Mota Rodrigues Dias**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**  
**Secção de Psicologia Clínica e da Saúde**  
**Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa**

**2015**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**A RAIVA: RELAÇÕES COM A VINCULAÇÃO E  
COM OS ESTILOS PARENTAIS PERCEBIDOS**

**Catarina Soares Braga da Mota Rodrigues Dias**

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria João Afonso**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**  
**Secção de Psicologia Clínica e da Saúde**  
**Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa**

**2015**

## AGRADECIMENTOS

O meu percurso na Faculdade de Psicologia iniciou-se devido a um período crítico e difícil, e o seu término, durante a elaboração desta tese, também. Pelo meio, um tempo gratificante e de intensa aprendizagem. Cabe pois expressar aqui, em primeiro lugar, um agradecimento especial a todos os Professores da Faculdade que me acolheram, me incentivaram e tanto me ensinaram. Um agradecimento particular e sincero é devido:

À Professora Doutora Maria João Afonso que me permitiu a ponte entre dois mundos: um, a que eu estava habituada, totalmente concreto, visível, palpável (quantitativo!); o outro, com uma linguagem diferente, inicialmente hermética, mas progressivamente bela, e complementar. Agradeço também a relevância que teve na minha formação como psicóloga.

Ao Dr. Nuno Monteiro pela gentileza em disponibilizar-me bibliografia relativa ao STAXI e ao STAXI-2.

A todos os participantes neste estudo que generosamente partilharam aspetos da sua vida privada e sem os quais a realização deste trabalho teria sido, naturalmente, impossível.

Aos meus colegas e amigos nesta caminhada (eles sabem tão bem quem são...). Que privilégio ter-vos encontrado, poder conhecer-vos, conviver e partilhar convosco tantas ideias, tantos trabalhos, tanta entreajuda. Obrigada!

Ao meu marido e à minha filha pelo incentivo e afeto permanente, pelo compromisso e pelo respeito sempre demonstrados por este meu desafio e aventura.

## RESUMO

A raiva é uma emoção primária cujos componentes são importantes como fator de risco, quer no relacionamento interpessoal, quer na doença cardíaca e nas perturbações de ansiedade.

Neste contexto, considerou-se pertinente um estudo que relacionasse autorrelatos relativos a estilos de vinculação parental, e a esquemas parentais percebidos, com a emoção raiva, contribuindo assim para uma melhor compreensão da importância da vinculação e das condutas parentais na génese daquela emoção.

A amostra foi não-probabilística por conveniência, constituída por adultos de uma população não-clínica que responderam a um questionário sociodemográfico e a três instrumentos de autorrelato: o Inventário de Estado-Traço de Expressão da Raiva (STAXI-2), o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM) e o Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI).

Foram efetuadas análises em componentes principais (rotações Varimax e Promax) e de consistência interna ( $\alpha$ -Cronbach), testada a igualdade de médias para verificar a influência do sexo em todas as escalas dos três instrumentos (MANOVAs, testes- $t$ ), e realizados estudos de correlações ( $r$  Pearson) e de regressão múltipla *stepwise*.

Os resultados não revelaram diferenças significativas na variação de respostas entre sexos, salvo nas dimensões II. *Afetuosidade e estabilidade emocional* e III. *Hipervigilância e orientação para o outro*, do YPI-Pai, e na dimensão I. *Distanciamento e rejeição*, do YPI-Mãe. Os resultados revelaram correlações e associações significativas entre as dimensões de vinculação, quer ao pai, quer à mãe, bem como entre as diferentes dimensões dos estilos parentais, quer paternos, quer maternos, com os diferentes componentes da raiva (Estado, Traço, Expressão e Controlo).

Em conclusão, estes resultados são consistentes com a noção de que fatores do ambiente familiar, tais como os estilos de vinculação e as condutas parentais, estão envolvidos na génese e no desenvolvimento da raiva/zanga/hostilidade e, como tal, será de grande utilidade o desenvolvimento de programas de prevenção e de intervenção eficazes dirigidos a estes fatores de risco psicológicos.

**Palavras-chave:** Raiva; Vinculação; Esquemas parentais; STAXI-2; QVPM; YPI.

## ABSTRACT

Anger is a primary emotion whose components are important as a risk factor, both in interpersonal relationships or in heart disease and anxiety disorders.

In this context, it was considered important to relate adult attachment to mother and father's perceived parenting schemes with anger, thus contributing to a better understanding of the importance of attachment and parental behavior in the genesis of that emotion.

The sample was a non probabilistic one, consisting of adults of a non-clinical population who answered a sociodemographic questionnaire and three self-report instruments: the *State-Trait Anger Expression Inventory-2* (STAXI-2), the *Father and Mother Attachment Questionnaire* (QVPM) and the *Young Parenting Inventory* (YPI).

Principal Component Analyzes (Varimax and Promax rotations) and internal consistency studies ( $\alpha$ -Cronbach) were carried out, the equality of means was tested to verify the influence of sex on the variance of answers to all scales of the three instruments (MANOVA, t-tests). Correlation studies ( $r$  Pearson) and stepwise multiple regression were also conducted.

The results revealed no significant differences between genders, except in dimensions II. Warmth and emotional stability, and III. Hypervigilance and guidance to other (YPI-Father), and dimension I. Detachment and rejection (YPI-Mother). Attachment dimensions to either father or mother, as well as between the different dimensions of parenting styles, either paternal or maternal, were significantly correlated and associated with different components of anger (State, Trait, Expression, and Control).

In conclusion, these results are consistent with the notion that family environment factors, such as self-reported attachment style and perceived parental rearing, are involved in the genesis and development of anger / rage / hostility. It may be useful to develop effective prevention and intervention programs targeting these psychological risk factors.

**Keywords:** Anger; Attachment styles; Parental schemas; STAXI-2; QVPM; YPI.

## ÍNDICE GERAL

	<b>Pág.</b>
Agradecimentos	1
Resumo	2
Abstract	3
Índice geral	4
Lista de abreviaturas	5
Índice de tabelas	6
<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b>	<b>9</b>
<b>Preâmbulo</b>	<b>9</b>
2.1. Afeto, sentimento e emoção	10
2.2. As emoções	11
2.3. A raiva/ira/zanga, uma emoção básica	13
2.4. A vinculação	18
2.5. Os esquemas parentais	21
<b>3. OBJETIVOS E HIPÓTESES</b>	<b>23</b>
<b>4. METODOLOGIA</b>	<b>26</b>
4.1. Recolha de dados	26
4.2. Caracterização da amostra	27
4.3. Instrumentos de avaliação	28
4.3.1. Questionário sociodemográfico	28
4.3.2. Inventário de Estado-Traço de Expressão da Raiva, versão 2 (STAXI-2)	29
4.3.3. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)	34
4.3.4. Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI)	35
4.4. Tratamento estatístico	40
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b>	<b>42</b>
5.1. Estudo metrológico dos testes	42
5.1.1. Inventário de Estado-Traço de Expressão da Raiva, versão 2 (STAXI-2)	42
5.1.1.1. Estudo da estrutura fatorial do STAXI-2	42
5.1.1.2. Análise de consistência interna do STAXI-2	45
5.1.1.3. Estatísticas descritivas do STAXI-2	47
5.1.2. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)	50
5.1.2.1. Estudo da estrutura fatorial do QVPM	50
5.1.2.2. Análise de consistência interna do QVPM	53
5.1.2.3. Estatísticas descritivas do QVPM	53
5.1.3. Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI)	56
5.1.3.1. Estudo da estrutura fatorial do YPI	56
5.1.3.2. Análise de consistência interna do YPI	57
5.1.3.3. Estatísticas descritivas do YPI	59

	<b>Pág.</b>
5.2. Estudo Principal: teste das hipóteses de investigação	61
5.2.1. Análise de correlações	61
5.2.2. Análise de regressão linear	67
<b>6. CONCLUSÕES</b>	<b>73</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>77</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>81</b>

#### **Lista de abreviaturas**

DP	Desvio padrão
Ku	Achatamento ( <i>Kurtosis</i> )
M	Média
Max	Máximo
Me	Mediana
Min	Mínimo
Mo	Moda
N	Número total de sujeitos da amostra
P. ex.	Por exemplo
QVPM	Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe
Sk	Assimetria ( <i>Skewness</i> )
SPSS	<i>Statistical Package for Social Sciences</i>
STAXI	Inventário de Estado-Traço de Expressão de Raiva
YPI	Inventário de Estilos Parentais de Young

## Índice de tabelas

	<b>Pág.</b>
<b>Tabela 1.</b> Domínios e esquemas parentais na versão original do Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI).	37
<b>Tabela 2.</b> Estrutura fatorial das escalas de <i>Estado de raiva</i> e <i>Traço de raiva</i> (STAXI-2).	43
<b>Tabela 3.</b> Estrutura fatorial das escalas de <i>Controlo</i> e de <i>Expressão da raiva</i> (STAXI-2).	44
<b>Tabela 4.</b> Consistência interna (alfa de Cronbach) das escalas e subescalas do STAXI-2.	46
<b>Tabela 5.</b> Caracterização descritiva das diferentes escalas e subescalas do STAXI-2 (n=236).	47
<b>Tabela 6.</b> Caracterização descritiva (média total e média por sexo) das escalas e subescalas do STAXI-2. Comparação dos dados normativos com os valores obtidos (n=236).	49
<b>Tabela 7.</b> Estrutura fatorial do QVPM-Mãe.	51
<b>Tabela 8.</b> Estrutura fatorial do QVPM-Pai.	52
<b>Tabela 9.</b> Consistência interna (alfa de Cronbach) das escalas do QVPM.	53
<b>Tabela 10.</b> Caracterização descritiva das escalas de percepção da vinculação à Mãe e ao Pai (QVPM), resultados globais e por sexo (n=236).	55
<b>Tabela 11.</b> Consistência interna (alfa de Cronbach) das escalas do YPI versão paterna e materna.	58
<b>Tabela 12.</b> Caracterização descritiva das cinco dimensões do YPI, para a Mãe e para o Pai, resultados globais e por sexo (n= 204 a 211).	60
<b>Tabela 13.</b> Correlações entre as dimensões do STAXI-2 e as dimensões do QVPM (versão paterna e materna) (n=236).	62
<b>Tabela 14.</b> Correlações entre as dimensões do STAXI-2 e os estilos parentais percebidos (YPI-Pai e YPI-Mãe) (n entre 204 e 211).	64
<b>Tabela 15.</b> Correlações entre os esquemas parentais (YPI-Pai e YPI-Mãe) com os estilos de vinculação (QVPM-Pai e QVPM-Mãe) (n entre 204 e 211).	67
<b>Tabela 16.</b> Análise de regressão linear <i>stepwise</i> com as escalas de vinculação materna (QVPM-Mãe) como preditoras e as escalas da raiva (STAXI-2) como variáveis dependentes.	69
<b>Tabela 17.</b> Análise de regressão linear <i>stepwise</i> com as escalas de vinculação paterna (QVPM-Pai) como preditoras e as escalas da raiva (STAXI-2) como variáveis dependentes.	70
<b>Tabela 18.</b> Análise de regressão linear <i>stepwise</i> com as escalas de estilos parentais como preditoras (YPI-Mãe) e as escalas da raiva (STAXI-2) como variáveis dependentes.	72
<b>Tabela 19.</b> Análise de regressão linear <i>stepwise</i> com as escalas de estilos parentais como preditoras (YPI-Pai) e as escalas da raiva (STAXI-2) como variáveis dependentes.	72



## 1. INTRODUÇÃO

Os psicólogos lidam frequentemente com pacientes zangados e reconhecem a zanga como uma emoção que está muitas vezes na base das dificuldades que estes relatam. Contudo, muitos psicólogos não sabem como lidar e ajudar os seus pacientes a autorregular esta emoção. Kassinove, citado por Holloway (2003), refere mesmo que o número de pacientes com problemas relacionados com raiva/zanga/ira justificaria merecida atenção de académicos e investigadores para estudos nesta área, dado que a raiva tem sido uma emoção pouco estudada, a literatura base é reduzida, não há categorias diagnósticas para esta emoção e os manuais terapêuticos raramente a mencionam. Daí a importância que a avaliação diagnóstica desta emoção na forma de autorrelato pode ter, quer na prática clínica – na conceptualização e no estabelecimento de planos de intervenção psicoterapêutica individualizados, logo mais eficazes –, quer a um nível mais abrangente, como seja para o estabelecimento de programas de prevenção de comportamentos agressivos ou planos de reinserção para a comunidade de reclusos (Tafrate, Kassinove & Dundin, 2002).

Por outro lado, os resultados da investigação referem, de forma consistente, uma ligação entre a qualidade da relação precoce que se estabelece entre a criança e os seus cuidadores significativos, a perceção da parentalidade e o desenvolvimento posterior de psicopatologia, sendo consensual a importância que tem o padrão de interação entre o indivíduo e o seu ambiente (Sheffield, Waller, Emanuelli, Murray & Meyer, 2005).

Muitas teorias e modelos foram propostos para explicar esta ligação. Uma dessas propostas é a Teoria da Vinculação. Bowlby sugere que as crianças têm uma motivação inata para procurar proximidade com os seus prestadores de cuidados básicos na tentativa de manter um sentimento de segurança (Bowlby, 1973; 1980). Por outro lado, é sabido que a consistência com que os cuidadores respondem às necessidades da criança influencia a formação de modelos de funcionamento interno (*working models*) com o desenvolvimento de representações sobre o *self* e os outros que são transversais ao desenvolvimento do ser humano ao longo da sua vida relacional e que são ativadas em resposta à perda, à separação, ao *stress* ou à doença (Hazan & Shaver, 1987; Mikulincer, 1998; Young, Klosko & Weishaar (2003).

Bowlby (1973) afirmou também que a emoção zanga é uma reação de protesto ao comportamento de desapego (desvinculação) dos outros e que uma vinculação insegura transforma uma resposta funcional de zanga numa resposta disfuncional. Para este autor, experiências de vinculação segura e calorosa promovem a crença de que os outros são bem-intencionados, que os seus comportamentos negativos são temporários e reversíveis, e que o

próprio tem capacidade e competência para lidar com sucesso com esses comportamentos (Mikulincer, 1998).

Também Young (1999) e Young et al. (2003) propõem um modelo baseado nos esquemas cognitivos para explicar a ligação entre a parentalidade e o desenvolvimento de perturbação psicológica. O modelo de Young baseia-se em alguns dos conceitos e na investigação subjacente à Teoria da Vinculação, mas sugere que um potencial mediador entre os estilos parentais e a psicopatologia é o desenvolvimento de esquemas mal-adaptativos precoces ou de crenças centrais disfuncionais (Young, 1999; Young et al. 2003), particularmente nas perturbações do eixo II e, sobretudo, nas que estão relacionadas com a impulsividade (Sheffield et al., 2005).

No seu conjunto, estes modelos e teorias sugerem que a vinculação e os estilos parentais contribuem de forma significativa para explicar a raiva disfuncional, quer na forma de agressão reprimida (depressão, ansiedade, doença psicossomática) quer na forma de agressão autodirigida (tentativa ou ideação suicida), ou na forma manifesta (violência parental e conjugal) (Tafrate et al., 2002).

É nesta perspectiva que se situa o presente trabalho, procurando ampliar o conhecimento sobre o modo dominante de sentir, reagir e controlar a raiva, e avaliar as suas relações com os estilos de vinculação ao pai e à mãe, e com as práticas parentais percebidas, dado que experiências precoces adversas e crenças centrais negativas são também evidentes na população comum, ainda que, previsivelmente, em menor escala (Sheffield et al., 2005), e que episódios de raiva parecem ocorrer principalmente em contextos sociais bastante familiares (Tafrate et al., 2002).

## 2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### PREÂMBULO

Em Fevereiro de 2015, Scheff<sup>1</sup> publica um artigo de reflexão em que escreve sobre a dificuldade em definir o que é uma “emoção básica” ou primária, referindo que mesmo os especialistas em emoções discordam quanto ao que deve ser considerado como tal, havendo autores que reportam duas e outros até onze emoções básicas. Este autor expõe também que mesmo a definição conceptual de uma dada emoção, sobretudo para uso académico e científico, não é fácil, e que até o uso de nomes comuns, endémicos de uma determinada língua, é muitas vezes ambíguo e enganador, sendo esses termos usados não apenas pela população menos diferenciada, como também nos estudos científicos. Na verdade, o reino das emoções é assaltado por palavras cujo significado é por vezes confuso, sendo difícil atribuir-lhes uma definição precisa e, quando se compara a terminologia usada para definir/caracterizar um comportamento, uma atitude, uma percepção ou um pensamento, verifica-se que o domínio das emoções é, ainda, *terra incognita*. A dificuldade aumenta quando o uso de termos – sinónimos numa determinada língua – é alvo de tradução. E, tal como os especialistas no estudo das emoções, também os antropólogos, sociólogos e linguistas discordam muitas vezes quanto ao nome a dar às mesmas (Scheff, 2015). Tal facto deve-se muitas vezes a diferenças culturais relativas ao léxico emocional em diferentes zonas de um mesmo país ou de diferentes países com a mesma língua-mãe.

É sabido que, para não se tornarem ambíguos, os termos científicos requerem uma definição precisa, quer conceptual, quer operacional. É neste contexto que o significado da emoção básica alvo de estudo neste trabalho se torna difícil de disciplinar. Se para alguns autores portugueses, especialistas na área da psicologia e com publicações sobre o instrumento que avalia esta emoção, o vocábulo raiva é o generalizadamente usado (Monteiro & Silva, 2012), para outros o termo ira (Marques, 2008; Marques, Mendes & Sousa, 2007) é o escolhido.

A dificuldade instala-se não só na altura de escolher o termo que conceptual e operacionalmente traduz a emoção raiva (zanga, ira, cólera, fúria)<sup>2</sup>, como na tradução de termos equivalentes em língua estrangeira, nomeadamente a anglo-saxónica em que, de novo, o uso de *rage* (cuja tradução é raiva, fúria, cólera) e de *anger* (cuja tradução é raiva, fúria, ira, zanga), não parece obedecer a um critério definido. Uma dificuldade acrescida ocorre quando se pretende caracterizar o sentir raiva e o expressar/externalizar (emoção ou comportamento?) aquela emoção

---

<sup>1</sup> Thomas Scheff é ex-presidente da *Emotions Section* da *American Sociological Association*.

<sup>2</sup> Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa de Francisco Torrinha, raiva é sinónimo de fúria, ódio; Ira é sinónimo de cólera, raiva; Zanga é sinónimo de aversão, aborrecimento, importunação; Cólera é sinónimo de irritação, raiva, fúria, ira.

(Scheff, 2015). Na verdade, por exemplo, e para que melhor se entenda o que se pretende expor, o sentimento de medo não se confunde com a fuga que desencadeia, nem o sentimento associado à emoção de perda com o ato de chorar, mas a dificuldade é francamente maior quando a emoção em causa é a raiva (zanga ou ira) (Scheff, 2015).

Apesar de tudo, os termos sinónimos usados para definir raiva, tantas vezes usados para evitar repetir na mesma frase o mesmo vocábulo, não escondem habitualmente a emoção em si, apenas a suavizam ou intensificam. É neste contexto de dificuldade em optar por um ou outro termo aceite pela comunidade científica nacional, e não pelas preferências semânticas da autora, que neste trabalho se usará indistintamente o vocábulo “raiva”, preferido nos trabalhos de Monteiro & Silva (2012), e Silva, Campos & Prazeres (1999), o vocábulo “ira”, preferido nos trabalhos de Marques (2008) e Marques et al. (2007) e o vocábulo “zanga” que, ainda que sinónimo, o uso comum associa a um estar e sentir mais brando, mais mitigado.

## **2.1. Afeto, sentimento e emoção**

Também a demarcação clara entre os significados de “afeto”, “emoção” e “sentimento” nem sempre é corretamente designada e veiculada (Greenberg & Paivio, 2003, p. 7 e 8). Para estes autores:

*Afeto* refere-se a uma resposta biológica inconsciente a um estímulo, e envolve processos automáticos fisiológicos, motivacionais e neuronais que estão implicados no sistema evolutivo de resposta comportamental adaptativa. Os afetos não envolvem avaliação reflexiva, acontecendo simplesmente, enquanto emoções e sentimentos são produtos conscientes deste processo afetivo inconsciente.

*Sentimento* reflete um estado afetivo irreduzível que é, habitualmente, e apenas retrospectivamente, enriquecido por significado e razão de ser (*rationale*). Envolve, pois, a tomada de consciência de sensações básicas de afeto, mas numa experiência sentida no corpo (sentir-se a tremer, sentir-se tenso). Os sentimentos são chamados complexos quando envolvem uma relação do afeto com a percepção que cada um faz de si (sentir-se humilhado, sentir que o outro não se importa).

*Emoção* é já uma combinação entre processos afetivos e intelectuais. As emoções dão significado pessoal à experiência de cada um. São pois experiências humanas, conscientes, que acontecem quando as tendências de ação e os estados de espírito se unem com as situações que as evocam e com o *self*. As emoções são pois experiências que envolvem a integração de vários níveis de processamento de informação. Incluem a experiência de uma emoção discreta (p. ex. medo,

raiva e tristeza, as quais têm associadas tendências de ação e expressões faciais específicas), bem como de emoções mais complexas (p. ex. orgulho e ciúme), mais relacionadas com uma história complexa ou com um repertório de histórias, um *script*.

## **2.2. As emoções**

### **2.2.1. O valor funcional das emoções**

As emoções organizam-nos para ações particulares: regulam o funcionamento mental organizando quer o pensamento (p. ex. avaliar o perigo, planejar a ação subsequente e estabelecer objetivos prioritários), quer a ação. Ou seja, a emoção alerta-nos para uma situação e organiza-nos para a ação; mas é necessário o pensamento, a razão, para uma análise mais detalhada, logo mais morosa, para a validação ou correção da avaliação prévia (automática, logo rápida), para a apreensão de padrões e para planejar e decidir que ação/ações efetivamente executar.

Os objetivos para os quais as emoções nos incitam estão, em grande parte, relacionados com a regulação dos nossos vínculos sociais. Por exemplo, o medo alerta para o perigo, estabelece como objetivo a retirada e prepara-nos para a ação, levando à fuga; a raiva estabelece como objetivo a superação de uma dificuldade, de um obstáculo, e prepara-nos para a ação, o ataque, a luta, permitindo assim estabelecer e gerir os nossos limites (Greenberg & Paivio, 2003). Este processamento emocional “precognitivo” é altamente adaptativo pois permite uma resposta rápida a uma situação estranha ou perigosa, sem a necessidade de um processamento mais complexo, e moroso, permitindo agir primeiro e pensar depois. Ou seja, as emoções têm fundamentalmente a ver com motivação (estabelecimento de objetivos) e preparar para a ação, enquanto a cognição tem fundamentalmente a ver com o conhecimento (analisar a situação e decidir que ação tomar).

### ***As emoções são fundamentalmente adaptativas***

As emoções não são, nem racionais, nem irracionais (disfuncionais), mas sim, como referiu Darwin, fundamentalmente adaptativas. Comparativamente às cognições, elas correspondem a um sistema biológico mais ancestral que, ao permitir uma atuação rápida, aumenta as hipóteses de sobrevivência. Na verdade, a principal função duma emoção é conectar o sistema biológico com o meio, regulando a atenção, monitorizando o ambiente para eventos que necessitem de adaptação repentina e alertando a consciência para uma resposta imediata. Assim: a) Precisamos da *emoção* para que, num determinado momento, informe sobre o que é mais preocupante ou o que mais nos deve preocupar e, assim, estabelecer o objetivo que necessita de ser rapidamente atingido; uma avaliação que ocorre instantânea e automaticamente por comparação com uma situação prototípica ou por generalização quando a situação prototípica não é rapidamente encontrada

(Eckman, 1984, p. 338); b) Necessitamos da *cognição* (pensamento, expectativas, memórias) para dar sentido à experiência; e c) Carecemos da *razão* para escolher a melhor forma de atingir um objetivo ou de satisfazer uma preocupação num contexto cultural específico.

Em conclusão, a evolução cultural dos últimos séculos parece permitir concluir que é da integração da emoção e da razão que resulta a resposta mais adaptativa (Greenberg & Paivio, 2003).

### ***Emoções “positivas” e “negativas”***

Cada emoção tem as suas próprias características, e diferentes emoções alertam para diferentes situações e servem objetivos distintos. É comum a distinção entre emoções “positivas” e “negativas”, divisão atribuída sobretudo pelas sociedades ocidentais, ainda que, atualmente, contestada nalguns círculos científicos, exatamente no reconhecimento de que todas as emoções são positivas no sentido de funcionais ou adaptativas. Neste sentido, Vasco (2013), refere-se à terminologia simplista das expressões emoções “positivas” e emoções “negativas”, reconhecendo-as sim como “(...) subjectivamente eufóricas (agradáveis) ou disfóricas (desagradáveis) e adaptativas ou não-adaptativas!”. Contudo, a função adaptativa das emoções é melhor percebida quando se observam as diferenças entre as chamadas emoções positivas e negativas, diferenças essas que têm que ver com os seus aspetos fenomenológicos, ou seja, com a experiência geral dessa emoção como agradável (emoção eufórica), ou desagradável (emoção disfórica), e com a forma como é percebida e como se manifesta através do tempo e do espaço (e não com a sua função adaptativa objetiva) (Greenberg & Paivio, 2003). Assim:

As *emoções positivas* são reduzidas em número (alegria/satisfação, amor/carinho/preocupação/cuidado, felicidade, interesse e curiosidade) e motivam um comportamento exploratório proativo. Com elas abrimo-nos ao mundo, sentimo-nos genericamente bem, de espírito aberto, curioso e ativo, e com um sentimento de satisfação. Elas atuam frequentemente como antídoto para as emoções negativas, restaurando o equilíbrio das respostas fisiológicas e libertando da tendência de ação provocada pelas emoções negativas. Por exemplo, a alegria e o amor aceleram a recuperação de um estado entristecido/deprimido (Greenberg & Paivio, 2003).

Em contraste com o reduzido número de emoções positivas, existe um grande reportório de *emoções negativas* (Ekman & Friesen, 1975). Tristeza, raiva, vergonha, medo, surpresa, nojo, todas podem provocar preocupação mas nenhuma delas se confunde com as outras. Mais, todas desencadeiam tendências de ação diferenciadas e específicas (Greenberg & Paivio, 2003). Parece, pois, que a espécie humana evoluiu mais, e de forma mais diferenciada, na distinção das emoções negativas do que na das positivas, gerando igualmente muitos e diferenciados tipos de resposta de

modo a lidar com numerosas situações potencialmente perigosas. Ou, dito de outra forma, esta especialização na diferenciação de emoções negativas terá tido maior importância na luta pela sobrevivência.

Em conclusão, todas as emoções primárias ou básicas consideradas negativas são úteis e servem propósitos adaptativos; não são intrusos de que temos de nos livrar, nem tóxicos contra os quais temos de nos precaver. Elas levam a ações cujo objetivo é modificar a relação entre o organismo e o ambiente sociocultural envolvente. Assim, por exemplo, na tristeza, fechamo-nos em nós próprios, escondemo-nos do mundo, baixamos os olhos e a cara, encurvamos o tronco e choramos; no medo, encolhemo-nos ou fugimos e com a raiva tornamo-nos hostis. Na verdade, o choro aumenta a probabilidade de receber conforto, o medo aumenta a probabilidade de fuga e a raiva aumenta a probabilidade de afirmação pessoal. E, quando as necessidades de chorar, de fugir ou de afirmação/asserção são asseguradas e satisfeitas, a resposta emocional deixa de ser necessária e atenua-se (Greenberg & Paivio, 2003). A ser assim, as emoções não deveriam ser consideradas positivas ou negativas mas sim adaptativas, dado que são informativas e necessárias à sobrevivência (Scheff, 2015), ou deverão, também por isso, ser todas consideradas como positivas dada a sua função adaptativa (Greenberg & Paivio, 2003), sendo problemáticas apenas quando a sua expressão é impedida ou dificultada (Vasco, 2013).

## **2.3. A raiva/ira/zanga, uma emoção básica**

### **2.3.1. A natureza adaptativa da raiva**

As bases biológicas do medo (ansiedade) e raiva foram reconhecidas por Darwin há mais de um século (Darwin, 1872/1965, cit por Spielberger, 2010). Estas emoções são consideradas adaptativas tanto para humanos como para animais, tendo desde sempre estado envolvidas no processo de seleção natural (Monteiro & Silva, 2012; Spielberger, Reheiser & Sydeman, 1995). No reino animal e quando em presença de um predador, a escolha entre lutar (raiva) ou fugir (medo) é fundamental. Tal como Darwin percebeu e registou, quer o medo, quer a raiva, variam em grau (intensidade) (Darwin, 1872/1965, cit por Spielberger, 2010) e, à medida que a raiva aumenta, ocorrem acentuadas mudanças fisiológicas que levam a alterações corporais que são um sinal claro de aviso para outros animais. Por exemplo, os animais incham e bufam como forma de aviso do seu poder a possíveis predadores (Kassinove & Tafrate, 2006). Também na espécie humana, a raiva inspira sentimentos e comportamentos de poder/domínio/afirmação, por vezes agressivos, que permitem a luta e a defesa em situações de ataque.

A raiva é, pois, uma emoção natural, instintiva (básica), necessária à sobrevivência, cuja função primordial parece ser a resposta adaptativa a ameaças. Ela cumpre uma grande variedade de funções adaptativas que incluem a regulação de processos internos (fisiológicos e psicológicos) e a regulação de interações com o meio ambiente, nomeadamente as interações sociais (Del Barrio, Aluja & Spielberger, 2004; Figueroa, Schmidt & Gol, 2001).

### **2.3.2. O conceito de raiva**

Muitos foram os psicólogos que nos últimos quarenta anos se interessaram pelo estudo das emoções consideradas *negativas* (já abordadas atrás), nomeadamente o medo (a ansiedade) e a raiva. Estudos iniciados nos anos 70, que pretendiam investigar a relação das variáveis psicológicas com doenças orgânicas, identificaram a raiva como um potencial fator causal de doença cardíaca coronária e de cancro (Håseth, 1996; Spielberger, 1999; Tafrate et al., 2002). A importância crescente que então começou a ser dada a esta emoção como fator a explorar aquando da avaliação de doenças cardiovasculares, fez com que os estudos se centrassem no desenvolvimento de instrumentos de medida que avaliassem esta emoção.

Foram vários os instrumentos então criados para avaliar a raiva, mas a grande maioria com baixa clareza conceptual e baixas propriedades psicométricas, pois que não definiam claramente nem diferenciavam os constructos raiva, hostilidade e agressividade, não permitindo saber o que efetivamente mediam (Eckhardt, Kassinove, Tsytsarev & Sukhodolsky, 1995; Håseth, 1996). Na verdade, estes três conceitos eram com frequência usados como sinónimos, até para evitar a repetição de um dos vocábulos quando o(s) outro(s) se encontravam próximos numa dada construção frásica, sobrepondo-se assim, quer as definições, quer a variedade de instrumentos para a sua avaliação (Silva et al., 1999; Spielberger, 1999). Tornou-se, pois, importante um melhor conhecimento teórico e empírico dos três conceitos interrelacionados: raiva, hostilidade e agressão. Charles Spielberger e a sua equipa passam a referir-se-lhes como a síndrome AHA (*Anger, Hostility and Agression*), sugerindo que constituem uma entidade complexa com efeitos sinérgicos no comportamento. Procuram então definir e caracterizar devidamente esses três conceitos e o que cada um pretende medir (Håseth, 1996; Silva et al., 1999):

**1.** A *raiva* é considerada uma emoção mais elementar, básica, que se caracteriza por uma ativação fisiológica e uma expressão facial características, acompanhada por sentimentos de tédio/desagrado/aborrecimento ou desdém e comportamentos hostis, e que emerge quando não se consegue alcançar determinado objetivo ou necessidade, ou quando se percebe um prejuízo ou malefício, entendendo-se normalmente que a responsabilidade desse dano é externa ao sujeito (Ekman, 1984; García-Rosado & Pérez-Nieto, 2005).



O conceito de raiva refere-se habitualmente a um *estado emocional* (experiência) que engloba *sentimentos* que variam em intensidade desde a arrelia ou aborrecimento ligeiro até à fúria / cólera intensas, sentimentos esses acompanhados por ativação do sistema nervoso autónomo. A raiva é, pois, um estado emocional que regula não só processos internos (psicológicos e fisiológicos) como interações com o meio ambiente, nomeadamente interações sociais (Del Barrio et al., 2004; Figueroa et al., 2001; Guimarães & Pasian, 2006; Silva et al., 1999; Spielberger, 1999).

A raiva produz um fenómeno que é consistente com a acumulação de tensão não consumida pelo organismo, sendo a sua intensidade e a via pela qual se expressa variáveis críticas. Por isso, torna-se necessário encontrar a forma de suprimir ou de exteriorizar essa energia de forma socialmente aceite. Contudo, o recurso à hostilidade, à agressão ou mesmo a hábitos de consumo, pode servir para libertar essa tensão e/ou reduzir a sintomatologia fisiológica de ativação (García-Rosado & Pérez-Nieto, 2005).

**2.** A *Hostilidade* foi conceptualizada por Spielberger como um conjunto complexo de *atitudes* que servem como força motriz (motivacional) para comportamentos agressivos e vingativos. Na verdade, embora a hostilidade envolva habitualmente sentimentos de raiva, o conceito está conotado com um conjunto complexo de *atitudes* que motivam comportamentos de agressão dirigidos a pessoas ou a objetos (Eckhardt et al., 1995; Håseth, 1996; Silva et al., 1999; Spielberger, Jacobs, Russell & Crane, 1983). Pode, assim, deduzir-se que a emoção raiva é “uma condição necessária, mas não suficiente, para o desenvolvimento de posturas hostis e comportamentos agressivos” (Spielberger & Biaggio, 1992, p. 15, citado por Guimarães & Pasian, 2006).

**3.** A *Agressão* implica geralmente um *comportamento aversivo, destrutivo e punitivo* dirigido aos outros ou a objetos. A forma natural de lidar com a raiva/ira/fúria é a *agressão* em qualquer das suas modalidades, todavia esta conduta é em geral socialmente penalizada, só sendo aceite em circunstâncias extremas. De notar ainda que a agressão pode, como referido, derivar de atitudes hostis e experiências emocionais de zanga, mas pode ser também puramente instrumental (Eckhardt et al., 1995; Håseth, 1996; Silva et al., 1999; Spielberger et al., 1983).

### **2.3.3. A evolução da noção de estado e de traço**

A distinção entre *estado* e *traço* tem sido objeto de interesse e investigação desde há vários anos. Inicialmente, por Raymond Cattell, um psicólogo inglês devoto do método científico aplicado à ciência psicológica, que se interessou por diversas áreas da psicologia, nomeadamente pelo estudo da personalidade, do temperamento e das emoções, tendo mesmo proposto métodos de análise fatorial da personalidade (Cattell, 1965, cit por Del Barrio et al., 2004). Mais tarde, também Spielberger e colaboradores, nos EUA, publicam as definições de *estado* e de *traço* nos sucessivos

manuais dos instrumentos destinados a avaliar a raiva enquanto estado emocional. Mas, para poder medir a raiva, torna-se necessário operacionalizar a *intensidade* dos respectivos sentimentos em função das situações em que ocorrem, a *frequência* com que são experienciados esses sentimentos, e a forma como são *controlados* (reprimidos ou expressos adequadamente) ou *expressos* por comportamentos agressivos contra outros ou contra o ambiente (Silva et al., 1999).

**1. O Estado de Raiva (*Anger-State*)** é definido como uma emoção num momento particular, um estado emocional momentâneo, transitório, e reativo a determinada situação no momento presente (p. ex. no momento da aplicação do teste). Caracteriza-se por *sentimentos* subjetivos que variam em *intensidade* desde a tensão, aborrecimento, irritação, até à raiva ou fúria intensas sendo, geralmente, acompanhado pelo despertar e ativação concomitante do sistema nervoso autónomo. O estado de raiva variará em intensidade e flutuará no tempo em função da injustiça percebida, do ser atacado ou maltratado, ou ainda da frustração resultante do bloquear de um comportamento (Figuerola et al., 2001; Mendoza, Pozo & Bello, 2010; Spielberger et al., 1988, cit. por Silva et al., 1999, p. 57).

**2. O Traço de Raiva (*Anger-Trait*)** foi definido por Spielberger e colaboradores como uma disposição/tendência emocional geral para reagir de forma mais ou menos zangada às situações e que pode tornar-se *frequente e intensa* (Del Barrio et al., 2004; Spielberger et al., 1983). O constructo foi definido operacionalmente pelas diferenças inter-individuais relativas à *frequência* com que se experimentam estados de raiva. Assim, notas elevadas em traço correspondem a pessoas que tendem a perceber maior número de situações como incómodas ou frustrantes e geradoras de aborrecimento, irritação, frustração, fúria, ira, o que leva a um aumento na escala de estado (Spielberger et al., 1988, cit. por Silva et al., 1999, p. 57; Spielberger, 1991). Em suma, uma pessoa define-se com um traço emocional de raiva, quando essa emoção particular ou conjunto (*set*) de emoções reaparece de forma crónica e não é apenas um acontecimento ocasional (Eckman, 1984, p. 333). O traço de raiva é, pois, mais estrutural, correspondendo a raiva como traço de personalidade; uma predisposição estável, durável, para sentir ou reagir com raiva de forma frequente (crónica) e que pode ser devida, quer à percepção das situações como provocadoras, quer à predisposição para experimentar de forma intensa conflitos em situações desafiantes ou, ainda, devido à interação destas duas tendências (Biaggio, 1998; Figuerola, et al., 2001; Mendoza et al., 2010; Monteiro & Silva, 2012).

### 2.3.5. A raiva e a saúde física e mental

Para além do significado funcional da raiva (funções adaptativas que incluem a regulação fisiológica e psicológica na reação de defesa), muitos estudos colocaram em evidência o papel desta emoção como importante fator de risco de doença física para o próprio. Neste sentido, os inventários de expressão da raiva como estado e traço têm sido muito usados em investigação psicológica a nível mundial, nomeadamente em estudos que se propõem analisar a relação entre esta emoção e as suas consequências na saúde. Na verdade, foi notório que, de forma crescente, os estudos se centraram na avaliação da raiva e dos seus componentes (experiência, expressão e controlo), e da sua relação com várias patologias tais como a hipertensão, a doença cardíaca coronária e o cancro, bem como com o alcoolismo (Biaggio, 1998; Spielberger, 1999; Spielberger 1988, citado em Håseth, 1996). É que esta emoção, tal como outras, é acompanhada por mudanças biológicas e fisiológicas, nomeadamente pelo aumento dos neurotransmissores adrenalina e noradrenalina, bem como pelo aumento dos batimentos cardíacos e da tensão arterial, sendo considerada um dos fatores de risco mais importantes na explicação das patologias coronárias e do sistema vascular (Chida & Steptoe, 2009; Figueroa et al., 2001 e vários citados por Spielberger, 1999).

Foi assim possível concluir também que a raiva inibida, interiorizada, parece ser um fator etiológico de perturbações psicossomáticas (Alexander, 1948, citado em Håseth, 1996), aparecendo associada a problemas relacionados com o *stress*, como a insónia, dificuldades digestivas, dores de cabeça e alcoolismo (García-Rosado & Pérez-Nieto, 2005). Para além disso, a raiva aparece também associada a perturbações psicológicas como a ansiedade e a depressão (Caramona, Ponciano & Mendes, 2012; Gormeley & McNiel, 2010; Novaco, 1977, citado em Håseth, 1996).

Para além do risco associado a patologia física ou orgânica, a raiva exerce um papel fundamental na regulação das relações sociais, logo como um importante fator de risco psicossocial (Kaplan, Sadock & Grebb, 1997, citados em Guimarães & Pasian, 2006). Na opinião destes autores, o comportamento agressivo estaria relacionado com conflitos despertados pelo ambiente interpessoal que, associados ou não a comprometimento orgânico ou neurológico, agem fortalecendo impulsos agressivos. Tais impulsos, quando não regulados devido a baixa capacidade de autocontrolo (fragilidade intrapsíquica), podem então dar origem a comportamentos de risco psicossocial, nomeadamente devido às potenciais manifestações de violência.

Também Monteiro e Silva (2012) estudaram o STAXI-2 numa população militar e concluíram da importância da sua utilização para a seleção de militares e mesmo para a frequência de determinados cursos como, por exemplo, para ingresso nas tropas especiais, em que poderá ser importante avaliar o estado e o traço de raiva bem como o modo dominante de reação e de

controle. Na verdade, o estudo da raiva tem tido numerosas aplicações ao nível da saúde mental, não só na avaliação mas até na comparação de resultados de programas de intervenção para redução da zanga como seja em indivíduos com perturbação de *stress* pós-traumático e em doentes psiquiátricos internados com risco de violência (Gerlock, 1994; Lanza, 1995, citado em Marques et al. 2007).

De referir, por fim, especificamente a raiva e a sua componente hostil (emocionalidade negativa), considerada ao longo dos anos pelo DSM, mas também pela corrente psicanalítica, como um fator etiológico fundamental no diagnóstico de pacientes *Borderline* (Linehan, 1993). Muito se tem escrito sobre a perturbação Estado-Limite ou *Borderline*, considerada até há uns anos como um drama psicológico incurável e onde a experiência de zanga e de agressividade têm um importante papel. Contudo, nos últimos anos, a perturbação *Borderline* tem recebido o contributo conceptual e experimental de Marsha Linehan, psicoterapeuta norte americana fundadora da *Dialectical Behavior Therapy* (DBT) e dos seus colaboradores e seguidores. Para a Terapia Comportamental Dialética, muito do comportamento interpretado como de raiva e hostilidade nos *borderline* não é mais do que medo, desespero, desamparo e pânico; afinal o medo do abandono! Ou seja, a raiva como uma emoção secundária ao medo e ao desespero e, também por isso, geradora de ansiedade e depressão (Linehan, 1993).

## **2.4. A vinculação**

### **2.4.1. A importância da vinculação**

O surgimento da Teoria da Vinculação reflete um ponto de viragem relativamente às teorias psicanalíticas mais tradicionais e fornece uma tradição conceptual e uma base empírica com mais de 40 anos cuja compreensão e aceitação permite (e facilita) conceptualizar aspetos importantes do desenvolvimento emocional, relacional e psicopatológico e, como tal, dos problemas dos clientes e do processo de intervenção terapêutica.

Inicialmente, o papel da vinculação foi estudado em crianças e, de acordo com a teoria inovadora de Bowlby, a regulação do *self* começa na relação diádica precoce que se estabelece entre a criança e a figura cuidadora ou de vinculação, habitualmente a(os) progenitora(es). Depois, os estudos foram-se alargando a outras faixas etárias e contextos, permitindo concluir igualmente sobre a importância das relações de vinculação ao longo do desenvolvimento do indivíduo (Canavarro, Dias & Lima, 2006; Gormely & McNeil; Mikulincer, 1998). Na verdade, ainda que concebida por Bowlby como uma modificação (ou revisão) da teoria psicanalítica, a sua teoria evoluiu para um modelo do desenvolvimento humano (e da psicopatologia), que influenciou muitos

terapeutas, quer dentro da tradição mais psicanalítica, quer fora dela, sendo um dos pilares das abordagens integrativas mais contemporâneas (Gold, 2011; Liotti, 2011). De facto, a investigação relativa aos estilos de vinculação precoce permitiu concluir da influência determinante de tais laços no funcionamento psicológico, tanto de crianças e adolescentes como de adultos, e, em última análise, do papel fundamental das relações interpessoais precoces no desenvolvimento de estruturas psicológicas e neurobiológicas, o que estimulou o interesse geral sobre o papel dos processos de inter-relação afetiva e de representações sobre o *self*, os outros e o mundo (modelos de funcionamento interno) como as bases para compreender o desenvolvimento de competências sociais ajustadas e também a psicopatologia (Gold, 2011; Laulik, Chou, Browne & Allam, 2013; Fosha & Yeung, 2006; Mikulincer, 1998).

Neste sentido, os modelos de vinculação enfatizam a importância da proximidade da criança a um cuidador sensível às suas necessidades (responsivo), que permita o desenvolvimento de laços afetivos próximos e proporcione um sentimento de segurança e proteção, uma base segura a partir da qual lhe é permitido expressar a sua identidade e autonomia, necessárias para explorar e descobrir o mundo, e onde sabe poder regressar em situação de ameaça ou perigo. No domínio intrapessoal, pessoas com vinculação segura tendem a visões mais positivas, integradas e coerentes de si, e no domínio interpessoal promovem representações de que os outros têm boas intenções, que os seus comportamentos negativos são temporais e reversíveis, e que o próprio tem modelos de resposta adequada para lidar com sucesso com esses comportamentos (Mikulincer, 1998; Muris, Meesters, Morren, & Moorman, 2004).

#### **2.4.2. Vinculação e raiva**

No contexto da perspectiva da vinculação, a raiva poderá ser usada instrumentalmente para desencorajar os outros de novos comportamentos indesejados, para ultrapassar obstáculos relacionais e para manter fortes ligações de vinculação (Mikulincer, 1998). Contudo, quando não é esse o objetivo e o indivíduo é sujeito a ameaças de rejeição e de abandono, a zanga pode tornar-se disfuncional com acessos de raiva (p. ex., as birras infantis) e episódios de comportamentos destrutivos que enfraquecem as relações e afastam os pares (Bowlby, 1988). Tal é o caso de pessoas com vinculação insegura que crescem com figuras de vinculação indiferentes/insensíveis e que, portanto, experienciam de forma recorrente episódios de zanga disfuncional (Mikulincer, 1998). Na verdade, crianças e adolescentes inseguros comportam-se de modo mais agressivo relativamente às mães e são mais agressivos na escola, e adultos inseguros reagem a eventos mais stressantes, emocionalmente mais exigentes, com elevados sintomas de hostilidade (Mikulincer, Florian & Weller, 1993).

A ausência de vinculação segura e de um ambiente estimulante, inspirador e significativo são pois aspetos centrais da teoria da vinculação, que explicam que famílias rígidas, pouco afetuosas, com sentimentos reprimidos, hiper-críticas, rejeitantes, abusivas..., causem experiências de vinculação insegura (o trauma relacional original), com sequelas na regulação emocional dos seus descendentes diretos, que levarão a dificuldades e medos relativos ao próprio, ao outro e à exploração do mundo.

A regulação dos afetos e o comportamento relacional ao longo da vida são, pois, fortemente afetados pelas vicissitudes das relações de apego e das representações internas dessas relações, com implicações significativas no desenvolvimento afetivo e comportamental adaptado/adequado vs psicopatológico (Laulik, et al., 2013). Na verdade, e dado que a regulação do *self* começa na relação diádica precoce entre a criança e a figura cuidadora ou de vinculação (habitualmente os progenitores e mais especificamente a mãe), a mente processa essas capacidades reguladoras projetando-as para todo o ciclo de vida através de uma díade análoga inter-relacional. Ou seja, um sistema de vinculação enraizado que compreende estados que representam a experiência subjetiva, que coordena a nossa atividade, regulando afetos, pensamentos, percepções e comportamentos, e que cria padrões de relacionamento que podem comprometer o envolvimento adaptativo e harmonioso ao longo do ciclo de vida. Como é sabido, os resultados da investigação mostram que crianças vítimas de abusos desenvolvem estilos de vinculação inseguros. Estas crianças atendem seletivamente a pistas que sentem como hostis, tornam-se hipervigilantes, veem as relações interpessoais como ameaçadoras, adquirem estratégias comportamentais agressivas para resolver as suas dificuldades interpessoais, transportando assim para as relações futuras modelos representacionais negativos, conflituosos e imprevisíveis, pois que processam a informação social de forma enviesada e/ou desviante. Neste sentido, há autores que defendem que as perturbações psicológicas, nomeadamente as perturbações do comportamento e as de base emocional, mas também as da personalidade, possam ser o reflexo de dificuldades de vinculação, as quais levam ao desenvolvimento de padrões comportamentais que envolvem o evitamento social, a impopularidade ou mesmo a manifestações de rejeição pelos pares (Gold, 2011; Gormley & McNiel, 2010; Lipton & Fosha, 2011; Liotti, 2011; Mash & Barkley, 2003).

A importância central de uma vinculação segura na regulação do *stress* e das perturbações psicopatológicas, e a capacidade metacognitiva de refletir sobre si e sobre os outros de forma ajustada/adaptada, pode levar ao aumento da capacidade de resiliência face à adversidade e à mudança, refletindo afinal um fator comum ao ser humano e, como tal, também às diferentes

abordagens psicoterapêuticas, constituindo-se como uma abordagem transteórica e integrativa (Prochaska & Norcross, 2010).

## 2.5. Os esquemas parentais

A família é o primeiro ambiente sociocultural imediato em que a criança participa (Bronfenbrenner, 1979). Neste sentido, os pais transmitem às crianças os seus valores, competências e capacidades, atitudes, motivações, objetivos, etc. É através da educação, observação, treino, experiência, que a criança se desenvolve e adquire competências de socialização. Os pais são pois os primeiros mediadores entre a criança e o mundo, desempenhando um papel essencial no desenvolvimento de competências de interação social (Spera, 2005).

Os estilos parentais são constituídos pelo conjunto de atitudes parentais que criam um clima emocional no qual se expressam os seus comportamentos e que incluem práticas e outros aspetos da sua interação com os filhos, ou seja, um clima emocional no qual criam e educam os filhos (Young, Klosko & Weishaar, 2003). Segundo a teoria de Jeffrey Young, os estilos parentais são entendidos como representando a origem das crenças centrais da criança e dos esquemas que lhes estão associados (Young et al., 2003; Sheffield et al., 2005).

O conceito de esquema é muito usado na linguagem psicológica em diversos campos de estudo, entendendo-se que correspondem a corpos de conhecimento relativamente coesos e persistentes, capazes de orientar a perceção que o indivíduo faz de si, dos outros e do mundo, e que se formam mediante a organização interna de experiências passadas. Muitos dos esquemas são formados na infância, mas são também formados ao longo da vida, continuando a ser elaborados e a sobrepor-se às experiências anteriores. Considera-se que podem ser *positivos* ou *negativos*, ou melhor, adaptativos ou não-adaptativos (Young et al., 2003).

Young colocou a hipótese de que alguns desses esquemas, especialmente os desenvolvidos primariamente como resultado de más experiências na infância, podem estar no centro das perturbações da personalidade, problemas caracteriais e perturbações crónicas do eixo I. Nesse sentido, propôs a existência de Esquemas Precoces Mal-Adaptativos que corresponderiam a padrões estáveis e duradouros compostos por memórias, emoções, sensações e cognições, relativos ao próprio e ao outro, que se desenvolvem durante a infância ou adolescência mas que, como já referido, continuam a ser elaborados ao longo da vida, e que são disfuncionais a um nível significativo (Young et al., 2003).

Para Young, os esquemas desenvolvem-se quando necessidades básicas específicas e centrais na infância não são satisfeitas. Os esquemas desenvolvidos devido a experiências de vida precoces são os mais fortemente enraizados, sendo que os mais tardios não serão tão persistentes nem

poderosos. Para este autor, há quatro tipos de experiências base que podem levar ao desenvolvimento de esquemas. *i)* Frustração excessiva das necessidades; *ii)* Traumas ou vitimização; *iii)* Experiências de “Demasiado de uma coisa boa”; *iv)* Internalização ou identificação seletiva com os outros significativos. Claro que o temperamento emocional inato tem influência sobre as experiências negativas na infância e na adolescência, logo também sobre o desenvolvimento dos esquemas disfuncionais. As implicações futuras são que, quando o indivíduo é confrontado com estímulos semelhantes aos presentes nas experiências que conduziram ao desenvolvimento do esquema, as emoções e as sensações corporais a elas associadas são ativadas automática e inconscientemente. Para Young et al. (2003), os esquemas nunca desaparecem totalmente, visto não ser possível eliminar completamente as memórias que lhes estão associadas. Contudo, os esquemas podem ser inibidos, o que leva a que as emoções associadas sejam menos intensas e menos frequentes. Para além disso, pessoas diferentes lidam de formas diversas com os seus esquemas. Mesmo crianças nascidas no mesmo ambiente podem vir a ser muito diferentes, devido não só a fatores de vinculação, como contextuais, como biológicos (Young et al., 2003).

Na sequência da Teoria dos Esquemas de Young, a Terapia Focada nos Esquemas representa um desenvolvimento significativo da Terapia Cognitivo-Comportamental e afirma-se como uma abordagem integrativa especialmente adequada para a intervenção em pacientes com perturbações caracteriais consideradas difíceis (Young et al., 2003).



### 3. OBJETIVOS E HIPÓTESES

#### 3.1. Objetivos

O crescimento e o desenvolvimento individual é diretamente afetado pelas experiências vividas nos sistemas sociais com que a criança precocemente tem contacto e só indiretamente por sistemas mais alargados ou distais. A ser assim, poderá especular-se em que medida a família é o berço de muitas das perturbações psicológicas internalizadas (ansiedade, depressão, fobias), bem como de outras de cariz psicopatológico (como a perturbação estado-limite ou *borderline*) ou outras que implicam manifestação expressa de violência (comportamentos auto-lesivos como a ideação ou tentativa de suicídio), e, em última análise, até que ponto a família é responsável pelo adulto agressivo e pela violência na sociedade.

Deste modo, lançou-se a hipótese de que a experiência, expressão e controlo da emoção raiva poderiam ser influenciadas pela vinculação a cada uma das figuras parentais e pela percepção que os filhos têm sobre a qualidade das práticas parentais dos seus progenitores.

O objetivo deste trabalho foi, pois, avaliar a percepção dos adultos de uma população geral, sem queixas conhecidas, relativamente aos níveis de raiva nas suas diferentes dimensões e a sua relação com a qualidade da vinculação ao pai e à mãe, bem como com a percepção que têm de diferentes esquemas parentais.

Este estudo permitirá avaliar como se correlaciona a influência da história de vida na infância (vinculação e práticas parentais) com as diferentes dimensões de raiva, elucidando, assim, sobre a importância de promover práticas e relações parentais mais construtivas e estimulantes da saúde mental, bem como intervenções clínicas preventivas de comportamentos desadequados.

#### 3.2. Hipóteses

O foco desta investigação foi, pois, testar as seguintes hipóteses:

H1. Na população geral, sem queixas conhecidas, as dimensões de raiva *Estado*, *Traço* e *Expressão* estarão positivamente correlacionadas e positivamente influenciadas pelas dimensões de vinculação ao pai e à mãe:

H1.1. *Inibição da exploração e individualidade.*

H1.2. *Ansiedade de separação e dependência.*

H2. Na população geral, sem queixas conhecidas, a dimensão de raiva *Controlo* estará negativamente correlacionada e negativamente influenciada pelas dimensões de vinculação ao pai e à mãe:

H2.1. *Inibição da exploração e individualidade.*

H2.2. *Ansiedade de separação e dependência.*

H3. Na população geral, sem queixas conhecidas, as dimensões de raiva *Estado*, *Traço* e *Expressão* estarão negativamente correlacionadas e negativamente influenciadas pela dimensão de vinculação ao pai e à mãe *Qualidade do laço emocional*.

H4. Na população geral, sem queixas conhecidas, a dimensão de raiva *Controlo* estará positivamente correlacionada e positivamente influenciada pela dimensão de vinculação ao pai e à mãe *Qualidade do laço emocional*.

H5. Na população geral, sem queixas conhecidas, as dimensões de raiva *Estado*, *Traço* e *Expressão* estarão positivamente correlacionadas e positivamente influenciadas pela percepção desses adultos relativamente a diferentes dimensões dos esquemas parentais percebidos:

H5.1. *Distanciamento e rejeição.*

H5.2. *Hipervigilância e orientação para o outro.*

H5.3. *Superproteção e autonomia prejudicada.*

H5.4. *Limites deteriorados.*

H6. Na população geral, sem queixas conhecidas, a dimensão de raiva *Controlo* estará negativamente correlacionada e negativamente influenciada pela percepção desses adultos relativamente a diferentes dimensões dos esquemas parentais percebidos:

H6.1. *Distanciamento e rejeição.*

H6.2. *Hipervigilância e orientação para o outro.*

H6.3. *Superproteção e autonomia prejudicada.*

H6.4. *Limites deteriorados.*

H7. Na população geral, sem queixas conhecidas, as dimensões de raiva *Estado*, *Traço* e *Expressão* estarão negativamente correlacionadas e negativamente influenciadas pela percepção desses adultos relativamente à dimensão dos esquemas parentais percebidos *Afetuosidade e estabilidade emocional*.

H8. Na população geral, sem queixas conhecidas, a dimensão de raiva *Controlo* estará positivamente correlacionada e será positivamente influenciada pela percepção desses adultos relativamente à dimensão dos esquemas parentais percebidos *Afetuosidade e estabilidade emocional*.

### 3.3. Variáveis

Tomando em linha de conta as hipóteses formuladas, foram consideradas as seguintes variáveis:

1. Estado, Traço, Expressão e Controlo de raiva, avaliadas pelo Inventário de Estado-Traço de Expressão da Raiva, versão 2 (STAXI-2; Spielberg, 1999).
2. Vinculação ao pai e à mãe, individualmente avaliadas pelo Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM; Matos & Costa, 2001).
3. Estilos parentais, individualmente avaliados pelo Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI; Young, 1994, 1999).

Para a análise de regressão efetuada, foram consideradas as seguintes variáveis:

1. Variáveis dependentes:
  - Estado, Traço, Expressão e Controlo de raiva, avaliadas pelo Inventário de Estado-Traço de Expressão da Raiva (STAXI-2; Spielberg, 1999).
2. Variáveis independentes:
  - Vinculação ao pai e à mãe, individualmente avaliadas pelo Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM; Matos & Costa, 2001).
  - Esquemas parentais, individualmente avaliados pelo Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI; Young, 1994, 1999).

## 4. METODOLOGIA

Neste capítulo descreve-se a metodologia que permitiu a realização desta dissertação. Inicialmente serão apresentados os critérios de recolha, seleção e caracterização da amostra, depois os instrumentos utilizados e, por fim, os critérios usados na análise estatística dos dados.

A investigação foi previamente aprovada, do ponto de vista deontológico, pela Comissão Especializada de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

### 4.1. Recolha de dados

Para a obtenção dos dados foi criada uma conta na plataforma *online Qualtrics Survey Software®*, na qual foram inseridos e disponibilizados o termo de consentimento informado (**Anexo 1**) e o protocolo de instrumentos. Este apresentava duas partes, sendo a primeira constituída por doze questões de caracterização sociodemográfica e uma referente a breve história clínica. A segunda parte incluía três instrumentos de avaliação psicológica no formato de autorrelato. O inquérito foi lançado *online* no dia 1 de abril, tendo a recolha de dados decorrido até 31 de julho de 2015. O tempo médio de resposta foi estimado em 30 a 40 minutos.

A construção da amostra de conveniência foi efetuada pelo método de amostragem não-probabilística de propagação geométrica, também conhecido por “bola de neve” (*snowball*) (Maroco, 2003). Os inquiridos foram selecionados através dos meios sociais da autora, os quais, através da sua rede social, selecionaram e recomendaram o estudo a outros participantes.

Os critérios de inclusão no estudo foram: ser adulto ou jovem adulto (idade superior a 17 anos), de qualquer dos sexos. O preenchimento só ocorria depois de lido o consentimento informado de participação e de permissão para tratamento dos dados, que esclarecia o objetivo do estudo, atestava o anonimato dos participantes, a confidencialidade das respostas e a sua livre decisão em participar ou desistir a qualquer momento. Nele se dava também o contacto da investigadora, da orientadora da dissertação e a sua afiliação profissional.

## 4.2. Caracterização da amostra

Verificou-se que 337 respondentes abriram o *link* e 333 iniciaram as respostas. Destes, 274 completaram apenas os dados sociodemográficos e a breve história clínica, e 236 terminaram o STAXI-2 e também o QVPM.

A caracterização sociodemográfica da amostra e o estudo metrológico foram efetuados tendo por base o subconjunto de respondentes com todas as respostas válidas. Se, no caso do STAXI-2 e do QVPM, tal resulta na consideração dos 236 acima referidos (100%), no caso do YPI registaram-se vários casos de não resposta, com redução do número de casos por escala para cerca de 209 (88,6%). Efetuada a análise de padrões de omissos, esta não revelou padrões dominantes de não resposta, podendo ser considerada *missing at random* (MAR).

A amostra é maioritariamente constituída por mulheres (70,8%; n=167) e maioritariamente caucasiana (95,3%; n=225). A grande maioria dos respondentes tem nacionalidade portuguesa (96,6%; n=228) e tem elevado nível de escolaridade, tendo terminado um nível académico superior (bacharelato, licenciatura ou mestrado; 79,7%; n=188), dos quais 7,6% (n=18) são doutorados. Quanto à situação académica atual, a maioria não estuda (74,6%; n=176) e quanto à situação profissional atual, a maioria trabalha (73,8%; n=174), sendo o grupo profissional mais representado<sup>3</sup> o dos “Especialistas das atividades intelectuais e científicas” (38,1%; n=90) e o dos “Técnicos de nível intermédio” (17,8%; n=42) (**Anexo 2**).

Em termos etários, registou-se uma idade média global de 43 anos (DP=15) e uma mediana de 41 anos, o que indicia uma ligeira assimetria negativa reafirmada pela respetiva medida (Sk=0,330; erro padrão=0,16). Em termos de achatamento, a distribuição revela-se ligeiramente leptocúrtica (Ku=0,402; erro padrão=0,32). Em linha com estes resultados, verificou-se que a variável idade não segue uma distribuição normal (Teste de Kolmogorov-Smirnov, p=0,036).

Relativamente à situação familiar na infância, 95,3% (n=225) foi criado pelos pais, sendo que 34,3% (n=81) refere a mãe como principal cuidador e 53,4% (n=126) não responde (presumindo-se que entende como principal cuidador ambos os pais). A maioria (64,3%; n=152) viveu a infância com um agregado familiar constituído por três a seis pessoas. Relativamente à posição na fratria, 23,3% (n=55) são os mais novos, 14,4% (n=34) ocupa uma posição no meio, 0,42% (n=1) tem um irmão gémeo, 35,2% (n=83) são os mais velhos e 26,7% (n=63) não tem irmãos. Apenas 13,1% (n=31) dos respondentes refere ser filho de pais divorciados ou separados.

---

<sup>3</sup> Grupo profissional segundo a Classificação Portuguesa das Profissões, Instituto Nacional de Estatística, 2010.

Quanto ao estado civil e relacional, a maioria é solteiro (43,7; n=103), sendo o segundo estado mais prevalente o de casado (40,7%; n=96). Quanto à situação parental, cerca de metade dos participantes tem filhos (55,1%; n=130) e, destes, 30,9% (n=73) tem dois filhos, 16,9% (n=40) tem um filho e 7,2% (n=17) tem três filhos, não havendo respondentes com mais de três filhos. Por fim, e relativamente ao agregado familiar atual, 40,7% (n=96) vive com o cônjuge ou companheiro, 11,4% (n=27) vive com os pais, 29,2% (n=69) vive com filho(s) e/ou enteados, e 13,1% (n=31) vive só (categorias não mutuamente exclusivas).

A breve informação clínica (**Anexo 3**) revela que a maioria dos respondentes (58,9%; n=139) diz não ter nada a referir, 19,5% (n=46) refere depressão, 13,6% (n=32) menciona dificuldades de relacionamento social, 10,2% (n=24) refere doença cardíaca circulatória ou hipertensão e 6,8% (n=16) menciona doença oncológica (categorias não mutuamente exclusivas).

### **4.3. Instrumentos de avaliação**

Os instrumentos utilizados para esta investigação são os que resumidamente se descrevem de seguida. Para além do questionário de dados sociodemográficos, foram utilizados três instrumentos de avaliação psicológica, em formato de autorrelato, aplicados *on-line*, que foram respondidos pela ordem aqui apresentada.

#### **4.3.1. Questionário sociodemográfico**

O questionário sociodemográfico foi construído pela autora com o objetivo de aceder a um conjunto de características pessoais e familiares escolhidas em função do que se pretendia estudar (Moura & Matos, 2008; Moreira, Gonçalves, & Beutler, 2005). Foi solicitado aos participantes que indicassem idade, sexo, nacionalidade, etnia, nível de escolaridade máximo atingido, situação académica e/ou profissional atual, qual o grupo profissional<sup>4</sup>, características da família na infância e na atualidade e, por fim, uma breve informação clínica.

---

<sup>4</sup> Para avaliar o grupo profissional usou-se a Classificação Portuguesa das Profissões, Instituto Nacional de Estatística (2010).

### 4.3.2. Inventário de Estado-Traço de Expressão da Raiva, versão 2 (STAXI-2)

#### 4.3.2.1. Evolução das escalas de medida da raiva

Charles Spielberger e a sua equipa dedicaram-se ao estudo da raiva e criaram o seu primeiro instrumento para avaliação desta emoção contemplando a distinção de duas dimensões, o *Estado de raiva* e o *Traço de raiva*, através da Escala de Raiva como Estado e Traço (*State-Trait Anger Scale*, STAS; Spielberger, 1980, cit por Del Barrio et al., 2004).

Surge depois o Inventário de Estado-Traço de Expressão da Raiva (*State-Trait Anger Expression Inventory*, STAXI; Spielberger, 1988), desenvolvido a partir de dois programas de investigação independentes, ainda que relacionados. Um dos programas centrava-se na definição e desenvolvimento de medidas de ansiedade, curiosidade e raiva, nomeadamente nos componentes da raiva que pudessem ser usados para avaliar estados emocionais básicos e traços de personalidade. O outro programa de investigação centrava-se na identificação de preditores que estimassem a contribuição desses componentes para o desenvolvimento de patologias médicas comuns que incluíam a hipertensão, a patologia coronária e o cancro.

O STAXI representa um avanço conceptual considerável sobre os anteriores instrumentos de avaliação de raiva, pois permite medir não só experiências de raiva imediata (a raiva como estado), como a disposição para experienciar raiva “a mais longo prazo” (a raiva como traço temperamental ou de personalidade), mas também medir diferentes modalidades de expressão da raiva (Eckhardt et al., 1995; Håseth, 1996; Monteiro & Silva, 2012). Na verdade, à medida que os estudos e a medida da raiva melhoravam, tornou-se progressivamente claro ser necessário estudar também os diferentes modos como os indivíduos expressavam ou suprimiam essa emoção (Spielberger et al., 1988, cit. por Silva et al., 1999). Sabia-se já, desde os anos 50, que os sujeitos reagiam a estados emocionais de raiva com recalçamento ou negação (segundo a teoria psicanalítica) ou pela supressão consciente dessa emoção (segundo a perspetiva cognitivista), mas impunha-se a necessidade de operacionalizar isso através da construção de instrumentos com boas propriedades psicométricas de validade e precisão. Assim, o instrumento teve depois várias edições, criando Spielberger a Escala de Expressão de Raiva (*Anger Expression Scale*, AX).

Em 1999, para dar resposta a questões práticas e conceptuais (eliminação de itens ambíguos, introdução de novos itens e criação de uma nova escala que avalia o *Controlo da raiva para dentro*), Spielberger divulga então a segunda versão do STAXI, o Inventário de Estado-Traço de Expressão da Raiva<sup>5</sup>, versão 2 (*State-Trait Anger Expression Inventory-2*, STAXI-2; Spielberger 1999).

---

<sup>5</sup> O Inventário de Estado-Traço de Expressão de Raiva, é assim chamado por Monteiro & Silva (2012), e é chamado Inventário de Expressão de Ira Estado-Traço por Marques, Mendes & Sousa (2007) e por Marques (2008).

O STAXI-2 é um instrumento de autorrelato, constituído por 57 itens na versão original americana, e por 54 itens na versão adaptada para português (Marques et al., 2007). O tempo de preenchimento é, segundo Spielberger (1999), aproximadamente 12 a 15 minutos. O instrumento é usado para aceder aos componentes da raiva fornecendo uma medida da experiência, expressão e controlo da raiva, quer no contexto da personalidade normal, quer da psicopatologia, sendo utilizado para avaliar adultos e adolescentes a partir dos 17 anos (Del Barrio et al., 2004; Figueroa et al., 2001; Marques et al., 2007; Mendoza et al., 2010; Monteiro & Silva, 2012; Spielberger, 1999).

O instrumento original apresenta os itens divididos por 3 partes e, no que se refere à estrutura fatorial, os 57 itens constituem 6 dimensões, 5 facetas e um Índice de Expressão de Raiva. Na versão adaptada para português, Marques et al., (2007) encontraram apenas 4 escalas, 5 subescalas, embora no estudo principal subsequente tivessem optado pela estrutura original do teste (ainda que retirados 3 dos itens). O instrumento é, assim, constituído pelas seguintes partes, escalas e subescalas:

1ª parte. Escala de *Estado de raiva* (*Raiva-estado*, *State Anger* ou *S-Ang*). Esta escala permite avaliar a *intensidade* da raiva enquanto estado emocional num momento determinado, ou seja, mede os sentimentos associados a um estado de raiva momentâneo, transitório, e que corresponde a “como se sente neste momento” (no momento da avaliação) (Biaggio, 1998; Marques et al., 2007). As respostas são dadas numa escala tipo Likert que vai de 1 (*Nada*) a 4 (*Muitíssimo*), e consta de 15 itens repartidos por três subescalas, cada uma com 5 itens. São elas:

- 1) *Sentimento de raiva* ou *Raiva-estado-sentimento* (*S-Ang/F*): mede a intensidade dos sentimentos de raiva e o nível de desejo de exprimir raiva num determinado momento. São exemplo de itens desta subescala: “1. Estou furioso(a)” ou “6. Estou louco(a) de raiva”.
- 2) *Expressão verbal* ou *Raiva-estado verbal* (*S-Ang/V*): mede o sentir vontade de expressar raiva verbalmente. Exemplo de um item desta subescala: “4. Apetece-me gritar com alguém”.
- 3) *Expressão física* ou *Raiva-estado física* (*S-Ang/P*): mede o sentir vontade de expressar raiva fisicamente, por exemplo, “8. Apetece-me bater em alguém”.

2ª parte. Escala de *Traço de raiva* (*Raiva-traço*, *Trait Anger* ou *T-Ang*). Avalia a *frequência* (disposição) para experienciar sentimentos de raiva ao longo do tempo, algo mais estrutural, correspondente a raiva como traço de personalidade; uma predisposição estável, durável, que corresponde a descrever “como se sente ou reage geralmente” (Biaggio, 1998; Figueroa, et al., 2001; Mendoza et al., 2010; Monteiro & Silva, 2012). As possibilidades de resposta são avaliadas com base numa escala tipo Likert que vai de 1 (*Quase nunca*) a 4 (*Quase sempre*). A escala original é



constituída por 10 itens, dos quais dois grupos de 4 itens diferentes se distribuem por duas subescalas:

1) *Temperamento de raiva, Traço temperamental de raiva ou Traço-raiva temperamento (T-Ang/T)*.

Mede a predisposição para a tendência geral ou crónica em sentir raiva, ou seja, em experimentar e expressar raiva sem uma provocação específica, dando informação sobre um temperamento cronicamente irritável, por exemplo, “16. Irrito-me com facilidade” (Figuerola et al., 2001; Monteiro & Silva, 2012).

2) *Reação de raiva, Traço-raiva reação (T-Ang/R)*. Dá indicação sobre a predisposição para expressar raiva quando se sente injustamente criticado ou tratado, portanto em que há uma provocação específica e o indivíduo está em situação de ameaça ao ego e à autoestima, por exemplo, “19. Irrito-me quando sou prejudicado pelos erros dos outros” (Figuerola et al., 2001; Monteiro & Silva, 2012).

3ª parte. Escala de *Expressão de Raiva* e escala de *Controlo de Raiva*. Estas duas escalas avaliam a forma como os indivíduos reagem quando se sentem zangados ou furiosos e corresponde a descrever “a frequência com que geralmente reage ou se comporta da forma descrita” em cada item. Ainda que inicialmente fosse conceptualizada e desenvolvida como escala unidimensional (correspondendo a uma dimensão bipolar que oscilava entre uma conduta com forte supressão de sentimentos de raiva até à expressão extrema através de condutas agressivas contra pessoas e/ou objetos), a verdade é que a análise estatística mostrou claramente a necessidade de considerar a expressão de raiva como duas dimensões (direções) independentes, cada uma com duas escalas. As quatro escalas seguintes avaliam essa direção (da raiva), num total de 32 itens na versão original e de 29 na versão adaptada para português. Trata-se de duas escalas de *Expressão de Raiva* e duas de *Controlo de Raiva*, sendo as respostas dadas, tal como na escala de traço, de 1 (*Quase nunca*) a 4 (*Quase sempre*) (Figuerola et al., 2001; Marques et al., 2007; Monteiro & Silva, 2012; Spielberger, 1999). As duas escalas de *Expressão de raiva (AX scales)* informam, respetivamente, como os indivíduos expressam externamente ou experienciam internamente a raiva:

1) *Expressão de Raiva para Fora, Expressão exterior de raiva ou Ira manifesta (Anger-out, AX-Out ou AX-O)*.

A escala informa sobre a frequência com que o sujeito expressa abertamente raiva (zanga externalizada) em comportamentos hostis sobre a forma de agressão física e/ou verbal contra os outros e/ou o ambiente. Quer as manifestações físicas quer as verbais podem ser expressas diretamente contra a fonte que provoca a raiva, quer indiretamente a sujeitos ou objetos associados ao agente provocador. Exemplo de um item desta subescala é: “39. Faço comentários irónicos aos outros”. Notas elevadas correspondem geralmente a pessoas que expressam de forma inadequada estados de raiva intensos e comportamentos agressivos

(Figuerola et al., 2001; Marques et al., 2007; Monteiro & Silva, 2012; Siegel, 1986; Spielberger et al., 1995).

- 2) *Expressão de Raiva para Dentro, Expressão interior de raiva ou Ira Contida (Anger-in, AX-In ou AX-I)*. A escala informa sobre a frequência com que o indivíduo contém ou suprime pensamentos de raiva, que podem ir da ruminação mental sobre sentimentos de zanga (causas, significados e implicações geradoras de ansiedade e nervosismo), até à supressão de qualquer pensamento ou emoção/afeto relacionado com a zanga. Por exemplo: “33. *Amuo ou fico calado(a)*”. Valores elevados caracterizam pessoas que não expressam abertamente a raiva, antes tendem a inibi-la e suprimi-la, guardando para si pensamentos relacionados com a situação que a causou; uma zanga internalizada, dirigida ao *self*, numa tendência inconsciente à culpabilização que pode levar à depressão (Biaggio, 1998; Figuerola et al., 2001; Gormeley & McNeil, 2010; Mikulincer, 1998); Monteiro & Silva, 2012). A raiva suprimida pode ser convertida<sup>6</sup> ou redirecionada. Quando se converte em algo contra o próprio, pode causar perturbação psíquica (p. ex. ansiedade, depressão) e/ou psicossomática (p. ex. hipertensão), pelo que, notas altas nesta escala são também formas inadequadas de expressar raiva (Figuerola et al., 2001; Marques et al., 2007; Siegel, 1986; Spielberger et al., 1995).

As duas escalas de *Controlo de raiva (AC scales)* informam sobre a capacidade de lidar e dominar a expressão de raiva. Não confundir “controlo” de raiva com “supressão” ou expressão de raiva para dentro (escala de expressão), como muitas vezes acontece, pois, controlar a raiva implica expressá-la adequadamente. Onde, as escalas de controlo medem a frequência com que o indivíduo consegue dominar sentimentos relativos à raiva (p. ex. ser paciente, tolerante e compreensivo) ou lidar com sentimentos de raiva trocando, reciprocamente, e aceitando, pontos de vista diferentes (Figuerola et al., 2001; Scheff, 2015), no que se pode chamar de controlo assertivo da raiva. Tal como a *Expressão de raiva*, também o constructo *Controlo de raiva* está dividido em duas escalas, na versão original de Spilberger (1999):

- 1) *Controlo de raiva para fora ou Controlo externo da ira (Anger Control-out, AC-Out ou AC-O)*: tendência consciente a controlar sentimentos de raiva, evitando a sua manifestação (Marques et al., 2007; Monteiro & Silva, 2012). Exemplo de um item desta subescala: “30. *Sou paciente com os outros*”.
- 2) *Controlo de raiva para dentro ou Controlo interno da ira (Anger Control-in, AC-In ou AC-I)*: mitigação da zanga de forma controlada, suprimindo-a e, assim, reduzindo a sua intensidade

---

<sup>6</sup> Conversão, termo introduzido por Freud, significa o “salto do psíquico para a inervação somática”, ou seja, uma tentativa de resolução de um conflito psíquico em sintomas somáticos, motores ou sensitivos (Laplanche e Pontalis, 1976, p. 148).

(Marques et al., 2007; Spielberger, 1999). Exemplo de um item desta subescala: “28. *Respiro fundo e descontrolo*”.

O *Índice de Expressão de Raiva (AX Index)* é um índice global a que o STAXI-2 também permite aceder e que assenta nos itens e valores das duas escalas de expressão e nas duas de controlo atrás referidas. Na versão original, o cálculo faz-se pela fórmula  $AX\ Index = AX-O + AX-I - (AC-O + AC-I) + 48$ . A constante 48 tem a finalidade de eliminar números negativos (sempre que a escala de Controlo é superior à de Expressão). Os resultados possíveis variam entre 0 e 96. Na versão portuguesa, o índice é calculado pela fórmula  $(Expressão\ de\ Ira/11 - Controlo\ de\ ira/18) + 3$ . Este índice baseia-se na média dos itens e não no seu somatório, dado as duas escalas terem um número de itens diferente. O valor da constante é, neste caso, igual a 3 e o valor do índice pode variar entre 0 e 6 (Marques et al., 2007). Valores elevados no *Índice de Expressão de Raiva* correspondem a indivíduos em que a frequência com que experienciam raiva intensa (quer expressa em comportamentos agressivos, quer na forma suprimida, quer em ambos) é mais elevada. Um valor elevado é pois uma medida geral da frequência com que a raiva toma uma direção inadequada. Estas são pessoas com maior probabilidade de dificuldades no relacionamento interpessoal e maior risco de doenças físicas e dificuldades psicológicas (Figuerola et al., 2001; Monteiro & Silva, 2012; Spielberger, 1999).

As normas do instrumento original, por sexo e por grupo etário, são baseadas numa amostra de 1900 indivíduos com idades compreendidas entre os 16 e os 63 anos, sendo 1644 de população dita normal ou não-clínica (977 mulheres e 667 homens) e 276 pacientes psiquiátricos hospitalizados (105 mulheres, 171 homens) (Spielberger, 1999).

Os resultados da adaptação do STAXI-2 para português foram estabelecidos com base nos resultados obtidos de uma amostra de 1644 adultos “normais” (977 mulheres e 667 homens), tendo revelado indicadores de elevada fiabilidade e validade (Marques et al., 2007). Nesta adaptação, não se diferenciaram as duas dimensões *Controlo interno* e *Controlo externo* nem as duas dimensões *Expressão de raiva para fora* (ira manifesta) e *Expressão de raiva para dentro* (ira contida). De referir também que os itens 31, 39 e 51 foram retirados da escala de *Expressão* devido à baixa consistência interna revelada. O item 41, que na escala de Spielberger (1999) pertence à escala de *Expressão de raiva para dentro*, apresenta maior carga fatorial na escala de *Controlo*, onde foi colocado, tal como o item 29 que só satura nesta escala (Marques et al., 2007). Em conclusão, a versão adaptada para português é constituída, para além do Índice global, por 4 escalas e 5 subescalas, pois que foram agrupadas as duas escalas de *Expressão* e as duas de *Controlo*.

De entre os inúmeros instrumentos para avaliação da raiva, o STAXI-2 tornou-se um instrumento de referência a nível mundial, sendo utilizado pela comunidade científica internacional, não só para a avaliação das diferentes dimensões da raiva, como no auxílio à avaliação detalhada da personalidade pois que revelou ter boas qualidades psicométricas, nomeadamente de fiabilidade e de validade (Guimarães & Pasian, 2006, citando Spielberger & Biaggio, 1992; Monteiro & Silva, 2012).

#### **4.3.3. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)**

Os questionários de vinculação têm por base as contribuições teóricas de Bowlby e de Ainsworth, bem como a proposta de Bartholomew de avaliação da vinculação no adulto.

O Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM; Matos & Costa, 2001) é um instrumento de autorrelato que se destina a avaliar as representações relativas à qualidade da vinculação a cada uma das figuras parentais. É constituído por 30 itens, respondendo-se a cada um em colunas separadas para pai e mãe, através de uma escala tipo Likert com 6 alternativas de resposta que vão de 1 (*Discordo totalmente*) a 6 (*Concordo totalmente*) e em que se pede aos participantes que identifiquem a alternativa que melhor expressa o modo como vivencia ou vivenciou um conjunto de situações referentes às relações com os progenitores. O questionário remete para uma abordagem tridimensional da vinculação a cada uma das figuras parentais. A estrutura do QVPM organiza-se, pois, em três dimensões (fatores, escalas), cada uma com 10 itens, sendo a média das somas em cada dimensão um valor que varia entre 10 e 60 e a média das médias das cotações um valor entre 1 e 6, conforme a escala de Likert (Moura & Matos, 2008). As dimensões são:

**I. Inibição da exploração e individualidade (IEI)**, que avalia a perceção a restrições à expressão da individualidade própria através de itens, como, por exemplo: “4. *Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas*” (itens 1, 4, 7, 10, 13, 16, 19, 22, 25 e 28).

**II. Qualidade do laço emocional (QLE)**, que avalia a importância da figura parental enquanto figura de vinculação, sendo percebida pelo sujeito como única e fundamental ao seu desenvolvimento, a quem recorrerá em situações de dificuldade e com quem pretende uma relação duradoura. Exemplo de um item desta escala é “11. *Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida*” (itens 2, 5, 8, 11, 14, 17, 20, 23, 27, 30).

**III. Ansiedade de separação e dependência (ASD)**, que acede à perceção de experiências de ansiedade e medo de separação da figura parental de vinculação, podendo revelar uma relação de dependência. Avalia-se através de itens como: “9. *Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo*” (itens 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 26, 29).

A principal razão para a utilização do QVPM neste estudo ficou a dever-se a ter sido especialmente construído para a população portuguesa, bem como às suas qualidades psicométricas, dado que demonstrou ter indicadores de validade e de fiabilidade adequados (Gouveia & Matos, 2011; Moura & Matos, 2008). Embora o instrumento tenha sido desenvolvido para adolescentes e jovens adultos, já bastantes estudos o aplicaram a adultos reportando-se à recordação da relação com as figuras parentais (Gouveia & Matos, 2011). Este facto foi tido em conta nas instruções dadas, aquando da aplicação no presente estudo, referindo-se que “No caso de ter perdido um ou ambos os pais, deverá interpretar as questões como se estivessem formuladas no passado. Por exemplo, na questão 1. Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo, deverá ler *1. Os meus pais estavam sempre a interferir em assuntos que só tinham a ver comigo*”.

#### **4.3.4. Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI)**

##### **4.3.4.1. Instrumentos de medida dos esquemas**

O Inventário de Esquemas de Young (*Young Schema Questionnaire*, YSQ) constituiu uma das formas de operacionalizar a teoria de Young e um novo sistema de psicoterapia integrativa com foco importante nos esquemas mal adaptativos precoces (Terapia Focada nos Esquemas). Alguns desses esquemas, sobretudo os desenvolvidos precocemente como resultado de más experiências na infância, podem estar no centro de perturbações de personalidade, problemas caracteriais e perturbações do Eixo I (Young et al., 2003). Young propôs 18 esquemas mal adaptativos precoces distribuídos por 5 domínios e avaliados através do YSQ. De referir que os estudos empíricos entretanto realizados apoiam razoavelmente os 5 domínios, embora não confirmem o número total de esquemas (Lee, Taylor, & Dunn, 1999); Schmidt, Joiner, Young, & Telch (1995).

Para Young et al. (2003), uma forma indireta de avaliar os esquemas disfuncionais do cliente é, não só através do instrumento anterior, mas também através da percepção do cliente relativamente aos estilos (esquemas) dos seus progenitores. É que, a avaliação dos estilos parentais percebidos permite identificar padrões comportamentais disfuncionais e os correspondentes esquemas mal adaptativos do cliente, e, assim, perceber melhor a origem desses esquemas na infância e na adolescência. Permite também identificar estilos de *coping*, aceder ao temperamento subjacente e, conjuntamente, permite uma melhor conceptualização de caso.

Para tal, criou depois o Inventário de Estilos Parentais de Young (*Young Parenting Inventory*, YPI; Young, 1994, 1999), que identifica as origens mais prováveis de cada esquema num determinado cliente, sendo que cotações elevadas sugerem estilos parentais que, com grande

probabilidade, influenciaram os correspondentes esquemas mal adaptativos do cliente (*Youth Parent Inventory: Informal Clinical Scoring Instructions. s.d.*).

Ao contrário do que era tradicional – o foco na representação da mãe – o instrumento permite aceder também às representações percebidas da interação com o pai. Ou seja, o Inventário foi concebido para avaliar e explicar de forma indireta o desenvolvimento de crenças centrais disfuncionais e os correspondentes esquemas mal adaptativos precoces, tendo por base a percepção que o filho (o respondente) tem sobre as suas experiências com os pais e o desempenho destes.

Apesar da literatura relativa ao modelo não ser vasta, existem alguns estudos de validação do inventário (Sheffield et al., 2005; Valentini, 2009) e estudos de associações entre estilos parentais e psicopatologia (Vlierberghe, Timbremont, Braet, & Basile, 2007).

Na versão original, em inglês, o YPI é constituído por duas escalas (Pai e Mãe), cada uma com 72 itens, aos quais se responde através de uma escala de Likert que vai de 1 (*Completamente falso*) a 6 (*Descreve-o(a) na perfeição*) (pontuação máxima de 432 pontos) e em que se pede ao participante que avalie, separadamente, quão bem cada afirmação descreve o seu pai e a sua mãe durante a infância.

O inventário original permite aceder a 5 fatores (domínios) e a 17 esquemas parentais (subescalas) (**Tabela 1**), as quais, segundo o modelo conceptual de Young, correspondem a 17 dos 18 *Esquemas mal-adaptativos precoces* (Young et al., 2003). Isto porque o esquema Isolamento social/Alienação não faz parte do YPI uma vez que, segundo os autores, as crenças e percepções associadas se adquirem mais em contexto social com os pares, que com os pais.

Segundo Young, para fins científicos e de publicação, a cotação é feita calculando o valor médio em cada subescala/esquema, sendo pai e mãe avaliados separadamente. Pontuações elevadas nos itens sugerem que, muito provavelmente, os comportamentos parentais influenciaram o desenvolvimento dos correspondentes esquemas mal adaptativos precoces nos filhos (Young et al., 2003). Para fins clínicos, qualitativos, os itens que o respondente assinalou como mais elevados devem ser discutidos em sessão numa tentativa de o ajudar a identificar a origem dos seus esquemas e a possível relação com os estilos parentais (*Young Parent Inventory: Informal Clinical Scoring Instructions. s.d.*).

**Tabela 1.** Domínios e esquemas parentais na versão original do Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI)<sup>a</sup>.

Domínios e esquemas	Nºs de itens
<b>I. Distanciamento e rejeição<sup>a</sup></b>	
1. Privação emocional	5 <sup>c</sup>
2. Abandono/Instabilidade	4
3. Desconfiança/Abuso	4
5. Defeito/Vergonha	4
<b>II. Autonomia e desempenho deteriorados</b>	
6. Fracasso	4
7. Dependência/Incompetência funcional	3
8. Vulnerabilidade ao mal e à doença	4
9. Emaranhamento/Eu subdesenvolvido	4
<b>III. Influência dos outros</b>	
10. Subjugação	4
11. Auto-sacrifício	4
16. Procura de aprovação/reconhecimento	4
<b>IV. Hipervigilância e Inibição</b>	
12. Inibição emocional	5
13. Padrões excessivos/hipercriticismo	7
17. Negativismo/Pessimismo	4
18. Punição	4
<b>V. Limites deteriorados</b>	
14. Grandiosidade/Limites indefinidos	4
15. Autocontrolo e autodisciplina insuficientes	4

<sup>a</sup> Os nomes dos domínios e esquemas são os mesmos do Inventário de Esquemas de Young (YSQ). Optou-se por usar o nome dos domínios e esquemas utilizados em Portugal (Rijo, 2009).

<sup>b</sup> O esquema 4. Isolamento social/Alienação não faz parte do YPI. Apenas faz parte do Inventário de Esquemas de Young (Young Schema Questionnaire, YSQ).

<sup>c</sup> Itens a cotar de forma inversa (*Youth Parent Inventory: Informal Clinical Scoring Instructions. s.d.*).

Sheffield et al. (2005) realizaram um estudo de validação preliminar do YPI e da sua relação com o desenvolvimento de esquemas precoces mal adaptativos, numa amostra universitária não clínica. Os resultados apontaram para 9 fatores (esquemas parentais) dos 17 teoricamente propostos por Young, numa versão com apenas 37 itens (YPI-R) (Sheffield et al., 2005).

Valentini (2009) fez a adaptação para português (Brasil) do YPI original e estudou as suas propriedades psicométricas, concluindo por uma versão com 49 itens e 5 dimensões, e em que não encontra correlações que permitam agrupar os itens nas subescalas (esquemas) de Young. Também a escala de resposta “... de difícil tradução e compreensão para a Língua Portuguesa” (Valentini, 2009), foi modificada por um comité de 3 juízes especialistas em avaliação psicológica, tendo resultado numa escala de 5 pontos (1- *Não descreve absolutamente nada* a 5- *Descreve perfeitamente*), o que corresponde a uma cotação máxima de 245 (Valentini, 2009; Valentini & Alchieri, 2009). Por outro lado, o autor brasileiro optou por redistribuir os itens ao longo do inventário criando assim uma nova numeração não coincidente com a do autor da versão americana original. Foi esta a versão do instrumento usada no presente estudo, ainda que com algumas, poucas, adaptações necessárias ao português de Portugal (p. ex. “alcoólatra” substituído por “alcoólico(a)”, “me dava...” substituído por “dava-me...” ou “machucar” substituído por “magoar/ferir”).

A principal mudança na estrutura do instrumento brasileiro, relativamente ao instrumento que Young conceptualizou, ocorreu na extração e denominação dos fatores bem como na diferente numeração dos itens (Valentini, 2009; Young et al., 2003). Assim, o fator II-*Afetuosidade e estabilidade emocional* era apenas uma parte do fator I. de Young (*Distanciamento e rejeição*), e o fator III. *Hipervigilância e orientação para o outro* estava no instrumento americano separado em duas dimensões (o fator III e IV de Young). De referir, contudo, que estes resultados do autor brasileiro são esperados, pois a teoria de Young é relativamente recente e poucos estudos empíricos foram ainda realizados com este instrumento. De referir igualmente, como já exposto atrás, que o estudo de Sheffield et al., (2005) também não apoia o modelo teórico.



Os 5 domínios do YPI, retidos na versão brasileira, são (Valentini, 2009):

**I. Distanciamento e rejeição.** Considerando o conteúdo dos itens, emerge a ideia de pais que privam a criança de afeto, são ‘frios’, desrespeitadores/abusadores, rejeitantes e com falta de estabilidade emocional. Este estilo resulta em esquemas para a criança de que as suas necessidades de segurança, carinho, estabilidade, aceitação e respeito não serão atendidas. Pontuações elevadas podem indicar pais depreciativos, incapazes de prover carinho, aceitação e estabilidade. Exemplo de um item desta escala é: *“15. Fazia com que eu me sentisse rejeitado(a) ou não amado(a)”* (18 itens: 11, 15, 16, 21, 23, 26, 29, 31, 32, 34, 36, 38, 49, 50, 63, 65, 73, 80).

**II. Afetuosidade e estabilidade emocional.** O conteúdo dos itens alerta para alguém que avalia os pais como afetuosos, compreensivos, conselheiros, que atendem às necessidades de aceitação e carinho, provendo estabilidade emocional. Contudo 2 dos itens apresentam ideias opostas aos demais (correlações negativas), tendo de ser invertida a sua cotação. Valores elevados podem indicar participantes que avaliam os pais como provedores de afeto e estabilidade emocional. Exemplo de um item desta escala: *“2. Era carinhoso(a) e afetivo(a)”* (9 itens: 1, 2, 7, 18, 30, 37, 43, 58, 77).

**III. Hipervigilância e orientação para o outro.** O conteúdo dos itens sugere pais vigilantes, com regras rígidas. Valores elevados podem significar pais com elevados níveis de exigência e perfeccionismo bem como a busca exagerada de aprovação e reconhecimento social. Exemplo de um item desta escala é: *“13. Tinha de ter tudo sob controlo”* ou *“25. Preocupava-se com a sua aparência e posição social”* (11 itens: 3, 13, 24, 25, 27, 35, 39, 41, 54, 55, 59).

**IV. Superproteção e autonomia prejudicada.** Os pais são sentidos como protegendo a criança em demasia, com dificuldade em sustentar a competência e a confiança da criança fora da família, resultando em esquemas precoces de que as expectativas sobre o cuidador significativo e o ambiente interferem com a confiança nas aptidões próprias para se afastar, sobreviver e funcionar de forma independente e com sucesso. Valores elevados podem ser indicadores de pais superprotetores, incapazes de estimular a independência dos filhos, como é exemplo o seguinte item: *“60. Fazia muitas coisas por mim ao invés de me deixar tentar sozinho”* (6 itens: 46, 48, 60, 64, 70, 78).

**V. Limites deteriorados.** O conteúdo dos itens remete para pais permissivos, com dificuldade em estabelecer regras e limites adequados, ou seja, com falta de orientação segura. Isto leva a criança à dificuldade em estabelecer limites internos, em ser responsável e a ter dificuldade em estabelecer objetivos a longo prazo, bem como à ausência de método e disciplina. Um item desta escala é: *“71. Não me ensinou que eu tinha responsabilidades com as outras pessoas”* (5 itens: 69, 40, 71, 68, 56).

#### 4.4. Tratamento estatístico

Os dados dos participantes foram diretamente importados da plataforma Qualtrics para o programa informático *Statistical Package for Social Sciences* (IBM, SPSS Statistics), versão 22.0 (2013).

Para os procedimentos descritivos da amostra, foram efetuadas medidas de tendência central e de dispersão. Para a análise de fiabilidade dos instrumentos, recorreu-se ao cálculo dos alfa de Cronbach que informam sobre a consistência interna da medida, ou seja, o seu grau de fiabilidade. Quanto mais elevado o valor (quanto mais próximo de 1) maior essa confiança, sendo que valores superiores a 0,70 permitem afirmar que as variáveis em estudo (escalas/dimensões), são bem explicadas pelos itens que as compõem, sendo o valor de alfa considerado aceitável ou mesmo bastante aceitável. Garante-se, assim, que os respondentes são consistentes nas suas respostas ou seja, que elas são tendencialmente dadas na mesma direção, pelo que variações individuais são verdadeiras e não resultam de erros estruturais da escala ou do item. Segundo Maroco & Marques (2006) o valor de alfa é considerado com consistência elevada se  $\alpha \geq 0,90$ , de boa consistência se  $\alpha [0,80-0,90[$  e de baixa consistência se  $\alpha [0,70-0,80[$ . De notar que valores muito baixos ou negativos podem indiciar uma direção conceptual oposta dos itens que compõem a escala, exigindo que sejam reformulados ou invertidos na sua cotação.

A análise da estrutura fatorial dos instrumentos foi explorada através da análise em componentes principais (ACP), usando rotação ortogonal Varimax ou não ortogonal Promax, consoante o instrumento.

As associações entre as escalas utilizadas - STAXI-2, QVPM (versão Pai e Mãe) e YPI (versão Pai e Mãe) – e a variável sociodemográfica sexo, foram estudadas utilizando os testes estatísticos para comparação de médias (MANOVA, seguida de testes *t-Student*). Para a validação das hipóteses de trabalho recorreu-se a análises de correlação bivariada (*r* de Pearson) e de regressão linear múltipla pelo método *stepwise*. Nesta última análise, foram consideradas variáveis independentes as dimensões de vinculação e estilos parentais percebidos, tendo-se avaliado a contribuição relativa de cada variável como preditora dos níveis de raiva nas suas diferentes dimensões (variáveis dependentes).

No capítulo que se segue, serão, assim, apresentados os resultados das análises de consistência interna (fiabilidade), através do alfa de Cronbach, e de validade, através da análise em componentes principais (ACP), quer por rotação ortogonal Varimax, quer por rotação não ortogonal Promax. Depois, serão apresentadas as estatísticas descritivas de cada instrumento.

Após os resultados dos estudos metrológicos, serão analisados os resultados do estudo principal, em que foram efetuados estudos de correlações, testes *t*, análises de variância multivariada (MANOVAs) e análises de regressão linear múltipla *stepwise*.

Os resultados descritivos referentes às variáveis sociodemográficas foram apresentados no tópico relativo ao Método, sendo que, ao analisar os resultados, há que ter presente que a amostra em estudo é maioritariamente feminina (70,8%; *n*=167), com nível de escolaridade superior (79,7%; *n*=188) e com especial incidência do grupo profissional dos “Especialistas das atividades intelectuais e científicas” (*n*=90; 38,1%), factos que se atribuem à forma como foi disseminado o inquérito o que introduz frequentemente enviesamentos deste tipo (ver **Anexo 2**).

Foi explorada a possibilidade de testar a igualdade de médias entre homens e mulheres, simultaneamente para todas as escalas, através do método de análise de variância multivariada MANOVA. Contudo, o teste de Box à igualdade das matrizes de covariância revelou um valor *p* sempre significativo que alerta para a violação de um dos pressupostos necessários à aplicação da MANOVA. Apesar de todas estas limitações associadas a esta técnica multivariada, e como se verá aquando da discussão das estatísticas descritivas para cada escala de cada um dos três instrumentos usados, a MANOVA não revelou diferenças significativas entre sexos em todas as análises efetuadas, com exceção para uma das escalas materna do YPI, a escala I. *Distanciamento e rejeição*, e de duas das escalas paternas do YPI, que foram as escalas II. *Afetuosidade e estabilidade emocional* e III. *Hipervigilância e orientação para o outro*, que mostram diferenças significativas entre homens e mulheres. Em virtude da violação dos pressupostos mencionadas, as diferenças foram também testadas de forma univariada através de testes *t* para comparação de duas médias. Ora, a aplicação dos testes *t* é exequível dado que, quer o grupo dos homens, quer o das mulheres, tem uma dimensão grande (>60), facto que permite invocar o teorema do limite central<sup>7</sup>. Os resultados obtidos são concordantes com os atrás descritos, tendo revelado um efeito significativo do sexo nas escalas já mencionadas.

---

<sup>7</sup> O Teorema do Limite Central postula que a distribuição de uma média tende a aproximar-se da curva de Laplace-Gauss à medida que *N* aumenta, ou seja, a soma de um grande número de observações independentes retiradas de uma mesma distribuição tende a assumir uma distribuição Normal. Assim, mesmo que a distribuição sob observação não seja Normal, a sua média seguirá invariavelmente essa distribuição de probabilidade, desde que o número de casos seja suficientemente elevado (segundo alguns autores, superior a 30, segundo outros, superior a 60) (Afonso, 2007; Maroco, 2003). Ou, dito de outra forma, as probabilidades distribucionais subjacentes à estrutura do teste *t* são razoavelmente verificadas quando as amostras são grandes (não pela normalidade das populações em estudo mas pela normalidade das respetivas médias amostrais) (Field, 2005; Maroco, 2003).

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1. Estudo metrológico dos testes

#### 5.1.1. Inventário de Estado-Traço de Expressão da Raiva, versão 2 (STAXI-2)

##### 5.1.1.1. Estudo da estrutura fatorial do STAXI-2

No sentido de validar a constituição das escalas do STAXI-2, procedeu-se a uma análise em componentes principais. O valor de KMO de 0,87, que permite concluir da boa adequação do método escolhido para a análise fatorial dos dados, tal como o teste de esfericidade de Bartlett, que se mostrou altamente significativo ( $p < 0,001$ ) (Maroco, 2003) tornaram legítima a aplicação desta técnica. Foi usada a rotação ortogonal de tipo Varimax, de forma a maximizar as cargas fatoriais e considerou-se como critério de retenção de fatores os seus valores próprios serem  $\geq 1$ . Relativamente às escalas *Estado de raiva* e *Traço de raiva* não se verificaram diferenças na estrutura fatorial, quer face à versão original de Spielberger (1999), quer face à de Marques et al. (2007), sendo que a variância explicada após rotação Varimax foi de 28,7% para a escala de *Estado* e de 18,5% para a escala de *traço*. De referir, que o item 2 satura simultaneamente nos 2 fatores, tendo sido considerado no fator *Estado* por ser o que corresponde à estrutura teórica e no qual tem maior carga fatorial (**Tabela 2**).

No caso das escalas de *Expressão de raiva* e de *Controlo de raiva* (**Tabela 3**), efetuou-se também uma análise exploratória, tendo-se encontrado diferenças na estrutura fatorial na versão de Marques et al. (2007), face à versão original de Spielberger (1999), com o aparecimento de uma solução intermédia. Assim, enquanto Spielberger aponta para 4 fatores (dois de *Expressão* e dois de *Controlo*), e Marques et al. (2007) sugerem 2 fatores (escala de *Expressão* e escala de *Controlo*), os resultados obtidos no presente estudo permitiram detetar 3 componentes, correspondentes a *Expressão de raiva para fora* e *Expressão de raiva para dentro*, tal como definidos por Spielberger (1999), tendo-se mesmo verificado não ser necessário retirar os itens 31, 39 ou 51 (que foram mantidos). De referir, que o item 33 satura simultaneamente nos fatores 2 (*Expressão da raiva para fora*) e 3 (*Expressão da raiva para dentro*), tendo sido considerado neste último fator, por ser o que corresponde à estrutura teórica. Um outro fator emergiu e corresponde a *Controlo da raiva*, tal como definido por Marques et al. (2007), ou seja, em que não se distinguem as duas escalas teóricas. Será esta a estrutura adotada no presente trabalho por ser a que melhor se adequa aos dados obtidos. De referir que as três dimensões explicam, em conjunto, 54,6% da variância total (**Tabela 3**).

**Tabela 2.** Estrutura fatorial das escalas de *Estado de raiva* e *Traço de raiva* (STAXI-2).

Itens	Cargas fatoriais <sup>a</sup>	
	Estado	Traço
1. Estou furioso(a)	0,569	
2. Sinto-me irritado(a)	0,485	0,357
3. Sinto-me zangado(a)	0,608	
4. Apetece-me gritar com alguém	0,731	
5. Apetece-me partir coisas	0,621	
6. Estou louco/a de raiva	0,647	
7. Apetece-me dar murros na mesa	0,827	
8. Apetece-me bater em alguém	0,723	
9. Apetece-me dizer palavrões	0,716	
10. Estou aborrecido(a)	0,591	
11. Apetece-me dar pontapés em alguém	0,615	
12. Apetece-me praguejar/amaldiçoar	0,780	
13. Apetece-me desatar aos berros	0,747	
14. Apetece-me bater em alguém	0,624	
15. Apetece-me gritar bem alto	0,752	
16. Irrito-me com facilidade		0,720
17. Tenho um temperamento exaltado		0,748
18. Sou uma pessoa colérica		0,666
19. Irrito-me quando sou prejudicado/a pelos erros dos outros		0,636
20. Aborreço-me quando não sou reconhecido(a) por fazer um bom trabalho		0,614
21. Perco as estribeiras		0,707
22. Quando estou furioso(a), digo coisas desagradáveis		0,648
23. Fico furioso/a quando me criticam na presença de outros		0,543
24. Quando fico frustrado(a), apetece-me bater em alguém		0,402
25. Sinto-me enfurecido(a) quando faço um bom trabalho e me dão avaliação fraca		0,555
% Variância explicada (após rotação)	28,7%	18,5%

<sup>a</sup> Apresentam-se apenas as cargas fatoriais de valor absoluto superior a 0,35.  
KMO=0,87; Teste de Esfericidade de Bartlett  $\chi^2=3648,6$  ( $p<0,001$ ).

**Tabela 3.** Estrutura fatorial das escalas de *Controlo* e de *Expressão da raiva* (STAXI-2).

Itens	Cargas fatoriais <sup>a</sup>		
	Controlo da raiva	Expressão raiva para fora	Expressão raiva para dentro
44. Esforço-me por me acalmar outra vez	0,762		
46. Consigo evitar perder a calma	0,743		
38. Mantenho a calma, o sangue frio	0,740		
40. Tento moderar a minha raiva	0,724		
42. Controlo o meu comportamento	0,711		
48. Consigo reduzir a minha raiva rapidamente	0,706		
34. Controlo a necessidade que sinto de exteriorizar a minha raiva	0,704		
32. Tento acalmar-me o mais depressa possível	0,701		
28. Respiro fundo e descontrolo	0,686		
56. Tento relaxar	0,682		
50. Tento ser tolerante e compreensivo/a	0,680		
54. Controlo os meus sentimentos de raiva	0,652		
26. Consigo controlar o mau génio	0,586		
30. Sou paciente com os outros	0,559		
36. Tento manter-me frio	0,495		
52. Faço algo de relaxante para me acalmar	0,405		
47. Discuto com os outros		0,689	
27. Expresso a minha raiva		0,674	
55. Digo coisas desagradáveis		0,648	
35. Perco a paciência		0,582	
39. Faço comentários irónicos aos outros		0,581	
31. Quando alguém me aborrece, não deixo de dizer-lhe o que sinto		0,464	
33. Amuo ou fico calado/a		0,441	0,392
51. Ataco tudo o que me enfureça		0,439	
43. Faço coisas como bater com as portas		0,425	
57. Fico muito mais irritado/a do que aquilo que as pessoas pensam			0,731
41. Fico a ferver por dentro, mas não o mostro			0,688
53. Fico mais zangado/a do que sou capaz de admitir			0,630
49. Sou bastante crítico/a com os outros, mas não o revelo			0,621
29. Guardo para mim o que sinto			0,588
45. Tendo a guardar rancor, mas não digo a ninguém			0,494
37. Afasto-me das pessoas			0,481
% Variância explicada (após rotação)	23,6%	10,8%	10,2%

<sup>a</sup> Apresentam-se apenas as cargas fatoriais de valor absoluto superior a 0,35.  
KMO=0,89; Teste de Esfericidade de Bartlett  $\chi^2=3088,0$  ( $p<0,001$ ).

#### 5.1.1.2. Análise de consistência interna do STAXI-2

O estudo das qualidades psicométricas do STAXI-2 foi verificado, numa primeira fase, pela avaliação da consistência interna, tendo-se recorrido à utilização do coeficiente  $\alpha$ -Cronbach (**Tabela 4**). Como se pode verificar, os valores de  $\alpha$  publicados por Spielberger (1999) no manual do STAXI-2, são uniformemente elevados nas escalas e subescalas de *Estado* e *Traço* ( $\alpha \geq 0,84$ ), salvo a subescala *Traço de raiva-Reação* com um valor de  $\alpha=0,76$  para as mulheres e  $0,73$  para os homens. Também as duas escalas de *Expressão de raiva* e o *Índice de expressão de raiva* apresentam coeficientes nessa ordem de grandeza ( $\alpha=0,73$  a  $\alpha=0,78$ ). Pode pois concluir-se que a consistência interna da versão original do STAXI-2 é satisfatória e não influenciada pelo género.

Tal como na versão original, também a versão adaptada para português apresenta valores de  $\alpha$  aceitáveis ( $\alpha > 0,70$ ) em todas as escalas, salvo nas duas escalas de *Expressão de raiva* onde se observa baixa consistência interna ( $\alpha < 0,70$ ), melhorando o índice quando da escala de *Expressão de raiva para fora* se retiram três dos itens: 31, 39 e 51 (Marques et al., 2007).

Relativamente à amostra em estudo, foi feito o estudo prévio da consistência interna, tendo em conta quer a organização conceptual do instrumento original, quer a organização das escalas de *Expressão de raiva* e de *Controlo de raiva* proposta por Marques et al. (2007). Verificou-se que a dimensão *Expressão de raiva* (para fora e para dentro) é a que apresenta menor consistência interna, tal como também haviam observado Marques et al. (2007), ainda que os valores obtidos neste estudo estejam dentro dos mínimos aceitáveis. Foi ainda testada uma variante ao instrumento original mantendo separadas as escalas de *Expressão de raiva para fora* e *Expressão de raiva para dentro* mas unificando numa só escala o *Controlo de raiva* de forma análoga à de Marques et al. (2007).

Face aos valores de alfa obtidos, todos  $> 0,70$  (**Tabela 4**), concluiu-se pela boa consistência interna das escalas e não se viu razão para não usar a organização da maioria das escalas, segundo a versão original, tanto mais que os valores de alfa na escala *Expressão de raiva para fora* ( $\alpha=0,73$ ) e *Expressão de raiva para dentro* ( $\alpha=0,74$ ) são mais elevados que os obtidos quando os itens se organizam numa única escala ( $\alpha=0,70$ ). Esta foi, aliás, a opção que acabou também por ser efetuada por Marques et al. (2007), ainda que após a eliminação dos três itens. Contudo, quando se organizam numa única escala os itens de *Controlo de raiva para fora* e *para dentro*, o alfa de Cronbach melhora ligeiramente ( $\alpha=0,92$ ), tendo sido esta a organização considerada neste estudo.

**Tabela 4.** Consistência interna (alfa de Cronbach) das escalas e subescalas do STAXI-2.

	Nº de itens <sup>a</sup>	Spielberger, 1999		Marques et al., 2007	Este estudo	
		Fem	Masc			
<b>1. Estado de raiva</b>	15	0,92	0,94	0,90	0,91	
<i>Sentimento</i>	5	0,87	0,88	0,74	0,79	
<i>Expressão verbal</i>	5	0,88	0,87	0,82	0,88	
<i>Expressão física</i>	5	0,85	0,88	0,87	0,84	
<b>2. Traço de raiva</b>	10	0,84	0,86	0,82	0,84	
<i>Temperamento</i>	4	0,85	0,87	0,78	0,82	
<i>Reação</i>	4	0,76	0,73	0,74	0,77	
<b>3. Expressão de raiva p fora ou     Ira manifesta</b>	8 (5) <sup>b</sup>	0,74	0,73	0,42 (0,66)	0,73 <sup>c,e</sup>	0,70 <sup>d</sup>
<b>4. Expressão de raiva p dentro     ou Ira contida</b>	8	0,78	0,74	0,61	0,74 <sup>c,e</sup>	
<b>5. Controlo de raiva p fora ou     Controlo externo</b>	8	0,85	0,84	0,85	0,89 <sup>c</sup>	0,91 <sup>d</sup> <b>0,92<sup>e</sup></b>
<b>6. Controlo de raiva p dentro     ou Controlo interno</b>	8	0,93	0,91	0,85	0,83 <sup>c</sup>	
<b>Índice de expressão de raiva</b>	32    ---	0,75	0,76	---	0,78 <sup>c</sup>	0,81 <sup>d</sup>

Fem = Feminino; Masc = Masculino.

<sup>a</sup> Número de itens na versão original e na versão adaptada para português por Marques et al. (2007).

<sup>b</sup> Número de itens na escala de Spielberger (1999) e na escala de Marques et al. (2007) antes (e após exclusão dos itens nºs 31, 39 e 51).

<sup>c</sup> Alfas de Cronbach segundo a organização dimensional de Spielberger (1999).

<sup>d</sup> Alfas de Cronbach segundo a organização dimensional proposta por Marques et al (2007).

<sup>e</sup> Alfa de Cronbach da dimensão Controlo de raiva considerada neste estudo e que resulta da .



### 5.1.1.3. Estatísticas descritivas do STAXI-2

A **tabela 5** mostra os valores mínimos, máximos, médias, desvios-padrão, medianas, assimetrias e achatamentos, para cada uma das escalas e subescalas do STAXI-2, segundo a estrutura adotada no presente trabalho, e com eles a percepção que cada respondente faz da sua experiência de raiva.

Verifica-se que os valores das variáveis estão entre 1 e 4, logo os valores médios observados estão deslocados para a esquerda (assimetria positiva) face ao ponto intermédio da escala, sendo os desvios-padrão relativamente baixos (da ordem dos 0,3 a 0,6). Este facto é também evidenciado pelos resultados mínimos observados, encostados ao limite inferior das pontuações possíveis, ao contrário dos resultados máximos possíveis que, ou não se observaram, ou surgiram em menor número. Ainda que os coeficientes de assimetria não revelem enviesamentos demasiado vincados, a escala de *Estado* e as suas subescalas possuem também valores de achatamento mais elevados do que seria razoável a uma distribuição Normal. Contudo, tendo em atenção a dimensão da amostra (>60) considerou-se legítimo invocar o Teorema do Limite Central, como já atrás referido (Afonso, 2007; Field, 2005; Maroco, 2003), e optar pelo uso de técnicas de estatística paramétrica no tratamento dos dados.

**Tabela 5.** Caracterização descritiva das diferentes escalas e subescalas do STAXI-2 (n=236)<sup>a</sup>.

Escalas e Subescalas	Nº de itens	Min	Max	M±DP	Me	Sk	Ku
<b>1. Estado de raiva</b>	15	1,00	3,13	1,17±0,33	1,07	3,11	11,15
<i>Sentimento</i>	5	1,00	3,60	1,29±0,43	1,20	2,29	6,28
<i>Expressão verbal</i>	5	1,00	3,60	1,18±0,44	1,00	3,34	11,82
<i>Expressão física</i>	5	1,00	3,20	1,06±0,25	1,00	5,48	34,72
<b>2. Traço de raiva</b>	10	1,00	3,60	1,71±0,49	1,60	1,34	2,80
<i>Temperamento</i>	4	1,00	4,00	1,41±0,48	1,25	2,12	6,12
<i>Reação</i>	4	1,00	3,83	1,91±0,51	1,83	0,79	0,86
<b>3. Expressão raiva p fora</b>	9	1,00	3,50	1,73±0,43	1,75	1,12	2,53
<b>4. Expressão raiva p dentro</b>	7	1,00	3,88	2,02±0,50	2,00	0,68	0,58
<b>5. Controlo de raiva</b>	16	1,00	4,00	2,89±0,59	2,94	-0,32	-0,39

mínimos (Min), máximos (Max), médias (M), desvios-padrão (DP), mediana (Me), assimetria (Sk) e achatamento (Ku).

A **tabela 6** mostra a percepção sobre a experiência, expressão e controlo de raiva na amostra em estudo através das médias por sexo e das médias totais, e correspondentes desvios-padrão, para cada uma das escalas e subescalas do STAXI-2. Salienta-se que os valores médios podem variar entre o mínimo de 1 e o máximo de 4, conforme a escala Likert utilizada, pelo que os resultados apresentados correspondem à média dos itens que compõem cada escala. Apresentam-se também os dados normativos publicados por Spielberger (1999) para a população adulta não-clínica. Ainda que os dados normativos tenham sido construídos pela média das somas dos respetivos itens, os valores reportados na tabela abaixo resultam da transformação necessária para poderem ser comparados com os dados do presente estudo.

Reafirma-se agora, o que genericamente foi dito aquando do início da discussão dos resultados: o teste de Box para as escalas do STAXI-2 mostrou um  $p=0,006$ . Contudo, o teste de igualdade simultânea de todas as escalas do STAXI-2 entre homens e mulheres através da MANOVA, revelou um  $p=0,148$  para as quatro estatísticas de teste (traço de Pillai, lambda de Wilks, traço de Hotelling e matriz raiz de Roy). Estes resultados demonstram que não há efeito significativo da variável sexo em qualquer das escalas deste instrumento, o que leva à não rejeição de  $H_0$ , isto é, não há razões para afirmar que existem diferenças estatísticas entre os homens e mulheres que responderam a este instrumento. O teste univariado veio confirmar que não existem efetivamente essas diferenças (teste  $t$  com valores  $p>0,05$ ).

Embora em nenhuma escala e subescala do STAXI-2 se tenham verificado diferenças estatisticamente significativas entre sexos, de referir, contudo, que os valores encontrados para as mulheres são, em geral, ligeiramente mais baixos que para os homens, facto que está de acordo com o que é socialmente aceite e que Spielberger (1999) também relatou. Parece, pois, que os homens têm ligeiramente maior tendência a ser mais expressivos na zanga e menos capazes de a controlar, investindo menos energia na redução da sua intensidade. De notar, contudo, que as mulheres aparentam um traço de *raiva-temperamento* ligeiramente superior ainda que não significativo. De referir, também, valores mais elevados nas escalas de *Controlo de raiva* (para fora e para dentro), quer na amostra de conveniência usada, quer na amostra americana, o que sugere que, à parte as diferenças culturais entre os dois povos, a tendência a controlar sentimentos de raiva, evitando a sua manifestação, e a mitigar a raiva, suprimindo-a e reduzindo a sua intensidade, parece ser comum às duas culturas, ainda que Spielberger (1999) estabeleça os dados normativos com base numa população heterogénea de 1900 indivíduos, com idade média de 27 anos e de maior diversidade profissional, enquanto a população de conveniência deste estudo tem uma idade

média de 43 anos e o grupo profissional mais representado é o dos “Especialistas das atividades intelectuais e científicas”.

**Tabela 6.** Caracterização descritiva (média total e média por sexo) das escalas e subescalas do STAXI-2. Comparação dos dados normativos com os valores obtidos (n=236)<sup>a</sup>.

Escalas e Subescalas	Spielberger (1999)			Este estudo		
	Média por sexo ±DP			Média por sexo ±DP		Média total ±DP
	Nº de itens	Fem	Masc	Fem	Masc	
		(n=977)	(n=667)	(n=167)	(n=69)	
<b>1. Estado de raiva</b>	15	3,58±1,05	3,85±1,38	1,15±0,28	1,24±0,43	1,17±0,33
<i>Sentimento</i>	5	1,33±0,50	1,41±0,56	1,26±0,40	1,36±0,50	1,29±0,43
<i>Expressão verbal</i>	5	1,19±0,44	1,28±0,53	1,14±0,38	1,27±0,54	1,18±0,44
<i>Expressão física</i>	5	1,07±0,25	1,16±0,42	1,05±0,18	1,09±0,37	1,06±0,25
<b>2. Traço de raiva</b>	10	3,58±0,99	3,68±1,08	1,72±0,44	1,70±0,47	1,71±0,49
<i>Temperamento</i>	4	1,23±0,47	1,28±0,51	1,42±0,49	1,39±0,47	1,41±0,48
<i>Reação</i>	4	1,74±0,528	1,73±0,52	1,91±0,49	1,91±0,58	1,91±0,51
<b>3. Expressão raiva p fora</b>	8	2,94±0,74	3,09±0,75	1,72±0,40	1,75±0,49	1,73±0,43
<b>4. Expressão raiva p dentro</b>	8	3,17±0,87	3,27±0,80	1,99±0,50	2,09±0,49	2,02±0,50
<b>5. Controlo de raiva p fora</b>	8	4,64±1,02	4,70±1,00	2,88±0,56	2,92±0,66	2,89±0,60
<b>6. Controlo de raiva p dentro</b>	8	4,65±1,18	4,52±1,16			

<sup>a</sup> Fem = Feminino; Masc = Masculino.

## 5.1.2. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)

### 5.1.2.1. Estudo da estrutura fatorial do QVPM

Para estudar a validade de constructo, foram efetuadas análises em componentes principais, uma vez que os valores de KMO (Pai: 0,90 e Mãe: 0,91) garantiram uma boa adequação do método de extração de componentes de variância, bem como os resultados dos testes de esfericidade de Bartlett, que mostraram um excelente valor de significância, em ambas as matrizes, do Pai e da Mãe ( $p < .001$ ). Foi aplicada a rotação ortogonal de tipo Varimax de forma a maximizar as cargas factoriais e foi considerado como critério de retenção dos fatores os seus valores próprios serem  $\geq 1$ . Verificou-se que o número de componentes está relacionado com os valores próprios, aparecendo, no caso da vinculação à mãe, 3 dimensões que explicam em conjunto 59,5% da variância total: i) *Inibição da exploração e individualidade* 25,5%; ii) *Qualidade do laço emocional* 17,9%; e iii) *Ansiedade de separação e dependência* 16,1% (**Tabela 7**).

No caso da vinculação ao pai, a análise deteta 5 componentes com valores próprios  $\geq 1$ , sendo que, após rotação Varimax, os três primeiros apresentam uma estrutura fatorial coincidente com as três escalas teoricamente definidas. Contudo, os dois últimos fatores sugerem a existência de relação entre as três escalas teóricas, sobretudo os itens do terceiro fator (*Ansiedade de separação e dependência*). Optou-se, então, por experimentar a utilização de uma rotação não ortogonal Promax com as 5 componentes retidas, o que, de facto, veio a revelar uma estrutura em 3 componentes correlacionadas e sobrepostas à estrutura teórica, permitindo concluir das boas qualidades do instrumento, do ponto de vista da sua validade fatorial. De referir, também, que as três dimensões explicam, em conjunto, 54,6% da variância total (**Tabela 8**).

**Tabela 7.** Estrutura fatorial do QVPM-Mãe.

Itens	Cargas fatoriais <sup>a</sup>		
	QLE	IEI	ASD
20. Sei que posso contar com os meus pais sempre que precisar deles	0,854		
14. Em muitas coisas eu admiro os meus pais	0,840		
5. Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles são únicos para mim	0,824		
17. Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tenho orgulho neles	0,821		
11. Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida	0,821		
30. Eu e os meus pais temos uma relação de confiança	0,812		
2. Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter...	0,793		
23. Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento	0,722		
27. Os meus pais fazem-me sentir bem comigo próprio/a	0,721		
8. Os meus pais conhecem-me bem	0,720		
3. É fundamental para mim que os meus pais concordem com o que eu penso	0,502		0,417
4. Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas		0,835	
13. Os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e...		0,799	
28. Os meus pais têm a mania que sabem sempre o que é melhor para mim		0,783	
1. Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo		0,775	
7. Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova		0,665	
10. Não vale muito a pena discutirmos, porque...		0,642	
19. Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e...		0,637	
25. Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser		0,631	
16. Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos meus pais		0,630	
22. Os meus pais dificilmente me dão ouvidos	-0,351	0,611	
26. Não sou capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais			0,788
24. Tenho medo de ficar sozinho/a se um dia perder os meus pais			0,769
9. Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo			0,747
15. Eu e os meus pais, é como se fôssemos um só			0,688
29. Se tivesse de ir estudar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido/a			0,671
6. Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais	0,418		0,664
18. Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida			0,618
12. Estou sempre ansioso/a por estar com os meus pais	0,402		0,599
21. Faço tudo para agradar aos meus pais	0,375		0,554
% Variância explicada (após rotação)	25,5	17,9	16,1
<i>Sum of squared loadings (SSL) após rotação</i>	7,6	5,4	4,8

<sup>a</sup> Apresentam-se apenas as cargas fatoriais de valor absoluto superior a 0,35.

QLE = *Qualidade do laço emocional*; IEI = *Inibição da exploração e da individualidade*; ASD = *Ansiedade de separação e dependência*.

KMO (Mãe)=0,91; Teste de Esfericidade de Bartlett  $\chi^2=4720,4$  ( $p<0,001$ ).

**Tabela 8.** Estrutura fatorial do QVPM-Pai.

Itens	Cargas fatoriais <sup>a</sup>		
	QLE	ASD	IEI
2. Tenho confiança que a minha relação com os meus pais...	0,890		
5. Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles são únicos...	0,881		
14. Em muitas coisas eu admiro os meus pais	0,870		
17. Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tenho orgulho neles	0,869		
20. Sei que posso contar com os meus pais sempre que precisar deles	0,863		
11. Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis...	0,852		
30. Eu e os meus pais temos uma relação de confiança	0,839		
27. Os meus pais fazem-me sentir bem comigo próprio/a	0,741		
23. Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento	0,722		
8. Os meus pais conhecem-me bem	0,613		
3. É fundamental que os meus pais concordem com aquilo que penso	0,468		
26. Não sou capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais		0,869	
9. Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem...		0,796	
24. Tenho medo de ficar sozinho/a se um dia perder os meus pais		0,738	
29. Se tivesse de ir estudar para longe dos meus pais, sentir-me-ia...		0,724	
15. Eu e os meus pais, é como se fôssemos um só		0,718	
18. Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida		0,642	
6. Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais		0,621	
12. Estou sempre ansioso/a por estar com os meus pais		0,598	
21. Faço tudo para agradar aos meus pais		0,485	
28. Os meus pais têm a mania que sabem sempre o que é melhor para...			0,786
4. Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas			0,766
13. Os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e...			0,751
10. Não vale muito a pena discutirmos, porque...			0,667
22. Os meus pais dificilmente me dão ouvidos			0,660
19. Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e...			0,632
1. Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que...			0,629
16. Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos meus pais			0,601
25. Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser			0,599
7. Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar...			0,573
<i>Sum of squared loadings (SSL) após rotação</i>	8,6	6,5	5,0

<sup>a</sup> Apresentam-se apenas as cargas fatoriais de valor absoluto superior a 0,35.

QLE = *Qualidade do laço emocional*; ASD = *Ansiedade de separação e dependência*; IEI = *Inibição da exploração e da individualidade*.

KMO (pai) = 0,90; Teste de Esfericidade de Bartlett  $\chi^2=4219,5$  ( $p<0,001$ ).

### 5.1.2.2. Análise de consistência interna do QVPM

As qualidades psicométricas do QVPM têm vindo a ser amplamente testadas em amostras independentes, mostrando adequados indicadores de fiabilidade e validade (Cordeiro, 2012; Gouveia & Matos, 2011; Matos & Costa, 2006; Moura & Matos, 2008).

No presente estudo, foi verificada a consistência interna dos itens através do  $\alpha$ -Cronbach para as três dimensões (10 itens cada), quer na vinculação ao pai quer na vinculação à mãe. Os valores obtidos foram: I. *Inibição da exploração e individualidade*, para o pai ( $\alpha=0,86$ ) e para a mãe ( $\alpha=0,89$ ), II. *Qualidade do laço emocional*, para o pai ( $\alpha=0,94$ ) e para a mãe ( $\alpha=0,95$ ), e III. *Ansiedade de separação e dependência*, tanto para o pai ( $\alpha=0,89$ ), como para a mãe ( $\alpha=0,89$ ). Estes valores são elevados e comparam bem com os obtidos noutros estudos com adultos e jovens adultos (Moura & Matos, 2008; Cordeiro, 2012), permitindo concluir que o instrumento tem boa consistência interna, quer relativamente à vinculação paterna, quer materna (**Tabela 9**).

**Tabela 9.** Consistência interna (alfa de Cronbach) das escalas do QVPM.

	Moura & Matos, 2008		Cordeiro, 2012		Este estudo	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe
I. <i>Inibição da exploração e individualidade</i>	0,79	0,80	0,85	0,85	0,86	0,89
II. <i>Qualidade do laço emocional</i>	0,94	0,87	0,95	0,90	0,94	0,95
III. <i>Ansiedade de separação e dependência</i>	0,86	0,82	0,87	0,83	0,89	0,89

### 5.1.2.3. Estatísticas descritivas do QVPM

A **tabela 10** mostra as estatísticas descritivas, globais e por sexo, para cada uma das três dimensões (10 itens cada) avaliadas pelo QVPM (I. *Inibição da exploração e individualidade* (IEI), II. *Qualidade do laço emocional* (QLE) e III. *Ansiedade de separação e dependência* (ASD)), independentemente para a vinculação paterna e materna. De lembrar que os valores médios podem variar entre o mínimo de 1 e o máximo de 6, conforme escala Likert deste instrumento. Também neste instrumento se verifica que todos os valores das variáveis estão encostados ao limite inferior das pontuações possíveis, ao contrário dos resultados máximos possíveis que, ou não se observaram, ou são em menor número. Na verdade, também os valores médios estão deslocados para a esquerda (assimetria positiva) face ao ponto intermédio da escala. De referir, contudo, que nem os valores de assimetria, nem os de achatamento revelam enviesamentos

demasiado vinculados. Contudo, e tendo em atenção a dimensão da amostra ( $n > 60$ ), considerou-se legítimo invocar o Teorema do Limite Central, à semelhança do já efetuado ao analisar os dados do STAXI-2.

Os resultados da análise efetuada mostram que os adultos inquiridos (homens e mulheres) percecionam, de forma global, uma qualidade de vinculação semelhante em relação a ambos os progenitores, com uma perceção mais elevada da *Qualidade do laço emocional* (valor médio mais baixo 4,70, quer para o pai, quer para a mãe, para um máximo de 6 pontos), dimensão que avalia a importância da figura parental enquanto figura de vinculação, sendo percebida como única e fundamental ao seu desenvolvimento, a quem recorrerá em situações de dificuldade e com quem pretende uma relação duradoura. A estes resultados não será porventura estranho o facto de a amostra em estudo ter uma idade média global de 43 anos ( $DP=15$ ) e em que 130 (55,1%) dos 236 têm filhos.

O teste de Box para as escalas QVPM-Pai e QVPM-Mãe mostrou um valor  $p$  de 0,428 e de 0,046, respetivamente. O teste de igualdade simultânea das escalas versão pai e versão mãe, entre homens e mulheres, através da MANOVA, revelou um valor  $p=0,334$  para as quatro estatísticas de teste da escala paterna e um valor  $p=0,462$  para as quatro estatísticas de teste da escala materna (traço de Pillai, lambda de Wilks, traço de Hotelling e matriz raiz de Roy). Estes resultados demonstram que não há efeito significativo da variável sexo em qualquer das escalas da versão paterna e materna do QVPM, o que leva à não rejeição de  $H_0$ , isto é, não há razões para afirmar que existem diferenças estatísticas entre os homens e mulheres que responderam ao QVPM. O teste univariado veio confirmar esta conclusão (testes  $t$  com  $p > 0,05$ ).

Como referido, em nenhuma escala do QVPM se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre sexos. Contudo, o valor médio da *Qualidade do laço emocional* das mulheres é maior para com os pais ( $4,99 \pm 1,17$ ), ocorrendo o inverso para com os homens, que referem uma qualidade do laço emocional maior com as mães ( $4,81 \pm 1,19$ ), factos de acordo com o que é socialmente aceite. Relativamente aos outros dois fatores (duas dimensões distintas que não mutuamente exclusivas), os valores ligeiramente mais elevados, quer por parte dos homens, quer das mulheres, são para as mães (ainda que, como referido, as diferenças não sejam significativas). Ora, atendendo ao que cada uma destas dimensões avalia (*Inibição da exploração e individualidade*, e *Ansiedade de separação e dependência*), não é de estranhar que as cotações médias para as mães sejam mais elevadas, dado que serão sentidas como mais superprotetoras.



**Tabela 10.** Caracterização descritiva das escalas de percepção da vinculação à Mãe e ao Pai (QVPM), resultados globais e por sexo (n=236)<sup>a</sup>.

		Mãe			Pai		
		I	II	III	I	II	III
<b>Masc</b> <b>(n=69)</b>	<b>Min</b>	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
	<b>Max</b>	4,78	6,00	4,90	4,80	6,00	4,90
	<b>M</b>	2,56	4,81	2,57	2,52	4,70	2,54
	<b>DP</b>	1,01	1,19	1,06	0,99	1,19	1,04
	<b>Me</b>	2,44	5,20	2,40	2,50	5,00	2,40
	<b>Sk</b>	0,321	-1,655	0,336	0,249	-1,468	0,442
	<b>Ku</b>	-0,825	2,465	-0,915	-0,902	1,533	-0,661
<b>Fem</b> <b>(n=167)</b>	<b>Min</b>	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
	<b>Max</b>	5,89	6,00	5,60	5,30	6,00	5,60
	<b>M</b>	2,70	4,97	2,76	2,45	4,99	2,75
	<b>DP</b>	1,26	1,22	1,06	0,99	1,17	1,05
	<b>Me</b>	2,44	5,50	2,70	2,30	5,40	2,70
	<b>Sk</b>	0,585	-1,796	0,457	0,484	-1,797	0,389
	<b>Ku</b>	-0,548	2,705	-0,111	-0,391	2,691	-0,380
<b>Total</b> <b>(n=236)</b>	<b>Min</b>	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
	<b>Max</b>	5,89	6,00	5,60	5,30	6,00	5,60
	<b>M</b>	2,66	4,93	2,70	2,47	4,90	2,69
	<b>DP</b>	1,16	1,21	1,06	0,99	1,18	1,05
	<b>Me</b>	2,44	5,40	2,60	2,30	5,35	2,60
	<b>Sk</b>	0,562	-1,733	0,418	0,413	-1,662	0,399
	<b>Ku</b>	-0,491	2,516	-0,324	-0,563	2,159	-0,469

<sup>a</sup> Masc = Masculino; Fem = Feminino. Mínimos (Min), máximos (Max), médias (M), desvios-padrão (DP), medianas (Me), assimetria (Sk) e achatamento (Ku).

I. *Inibição da exploração e individualidade* (IEI) (10 itens).

II. *Qualidade do laço emocional* (QLE) (10 itens).

III. *Ansiedade de separação e dependência* (ASD) (10 itens).

### 5.1.3. Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI)

Como referido na metodologia, o estudo metrológico dos testes foi efetuado tendo por base o subconjunto de respondentes com todas as respostas válidas. No caso do YPI, talvez porque este foi o último instrumento a ser respondido, registaram-se vários casos de não resposta, com redução do número de casos por escala para cerca de 209 (88,6%). Efetuada a análise de padrões de omissos, esta não revelou padrões dominantes de não resposta, podendo ser considerada *missing at random* (MAR).

O YPI resulta do modelo conceptual de Young relativo aos esquemas desadaptativos precoces que, teoricamente, se desenvolvem tendo por base os estilos (esquemas) parentais percebidos. Por isso, aquele autor considera que, quer uns, quer outros, têm os mesmos nomes e dimensões. De notar, contudo, que são escassos os estudos psicométricos relativos ao YPI. Como já referido na parte experimental, Sheffield e colaboradores (2005) tentam uma validação psicométrica preliminar, eliminam 35 itens e propõem uma versão (YPI-R) com apenas 9 dos 17 fatores teóricos, sem consideraram a sua inclusão em domínios distintos. Mais tarde, Valentini (2009) propõe-se adaptar o YPI para o português (brasileiro) e retira 23 itens, ficando o instrumento com 49 itens e, ainda que encontrando uma estrutura fatorial com 5 dimensões, os itens que cada uma inclui não são os originalmente atribuídos por Young aos seus esquemas. Tendo por pano de fundo esta realidade, optou-se por iniciar o estudo prévio do YPI com todos os itens da versão original de Young traduzidos, tal como Valentini (2009) havia feito, ainda que com algumas (pequenas) adaptações para o português de Portugal.

#### 5.1.3.1. Estudo da estrutura fatorial do YPI

Como referido, iniciaram-se as análises fatoriais tendo por base a estrutura conceptual dos 5 domínios, 17 escalas (esquemas) e 72 itens do YPI bem como os números originalmente atribuídos aos itens por Young et al., 2003. Depois de analisar escala a escala verificou-se que algumas têm baixa consistência interna revelando problemas estruturais na construção frásica que obrigariam a inverter a escala de alguns itens, para poderem ser somadas as pontuações e calculadas as médias. Por outro lado, alguns itens revelam mesmo problemas semânticos. Por exemplo, os itens do esquema *Emaranhamento/Eu subdesenvolvido*, escala paterna e materna, são mal percecionados pelo respondente. O item 55 de Young (5 brasileiro) não se correlaciona com nenhum dos da sua escala, o item 52 (43 brasileiro) está negativamente correlacionado com todos os restantes da escala (excetuando o item 55), pelo que a sua soma é contraproducente salvo se invertida. Na verdade, o carácter iminentemente positivo de bem-estar e proteção deste item é contrário aos outros da escala onde originalmente pertence. O conteúdo substantivo e as correlações entre este

item e os outros da escala sugerem a sua inversão ou mesmo exclusão ainda que toda a escala apresente problemas estruturais. Também os 4 itens que compõem a escala *Autossacrifício* de Young (ver tabela na parte experimental), revelam problemas estruturais, estando os itens inversamente correlacionados dois a dois, quer na escala paterna, quer na materna. A escala *Grandiosidade/Limites indefinidos* mostra itens com correlações negativas e significativamente diferentes de zero, tal como as duas escalas anteriores, quer para o pai, quer para a mãe. Em conclusão, depois de analisadas todas as escalas conceptualizadas por Young, verificou-se que alguns itens deveriam ser retirados, melhorando substancialmente a estrutura do instrumento. Também Valentini (2009) propôs nesta fase a retirada de 23 itens. Na verdade, no estudo agora efetuado, alguns desses itens são coincidentes com os que Valentini (2009) retirou (p. ex. 11, 16, 21, 56, 63, etc.). Contudo, outros que Valentini retirou mostraram neste estudo que deveriam ser retidos (p. ex. 13, 19, 25).

Valentini (2009) encontrou uma estrutura de 5 fatores, razoavelmente adequada à escala paterna e materna do YPI. Tendo por base os 42 itens retidos na versão brasileira e a nova organização fatorial, Valentini (2009) verificou que a variância total explicada pelos 5 fatores da escala paterna foi de 47,59% e da escala materna foi de 45,12%. Contudo, os 5 fatores englobam itens que não são, nem em número, nem em significado semântico, iguais aos teoricamente propostos por Young et al. (2003), pelo que, após nova análise fatorial confirmatória, os modelos finais das escalas paterna e materna foram redefinidos tendo em atenção o conteúdo dos itens e a teoria de Jeffrey Young (Valentini, 2009).

Relativamente ao presente estudo, o número total de observações para este instrumento é reduzido, facto que não permite a validação fatorial. Tendo em atenção a validação de Valentini (2009) e que os alfa de Cronbach deste estudo (ver parágrafo seguinte) são da mesma ordem de grandeza dos que foram por ele publicados, optou-se por usar as escalas/domínios por ele definidas e não os 17 esquemas de Young et al. (2003).

#### **5.1.3.2. Análise de consistência interna do YPI**

Valentini (2009) reporta valores de  $\alpha$ -Cronbach para a sua versão final do YPI que variaram entre 0,71 a 0,90 para a escala paterna e 0,66 a 0,89 para a escala materna, com os três fatores principais apresentando coeficientes superiores a 0,8 em ambas as escalas e apenas um fator da escala materna a apresentar a consistência interna mais baixa ( $\alpha=0,66$ ). Estes resultados garantem a fiabilidade razoavelmente adequada do YPI, na sua versão adaptada para o Brasil (Valentini, 2009) (**Tabela 11**).

Como também já referido, o autor brasileiro encontra 5 dimensões embora os itens que delas fazem parte não correspondam aos das escalas originalmente propostas, muito menos encontra (tal como Sheffiled e colaboradores, 2005) os 17 esquemas propostos.

No estudo agora efetuado, o YPI revelou também fragilidades ao nível da consistência interna das escalas. Por exemplo, a escala II (quer na versão pai, quer na versão mãe) melhora muito sem o item 18 de Valentini (64 de Young) *“Era uma pessoa fechada; raramente falava dos seus sentimentos”* e sem o item 37 de Valentini (61 de Young) *“Sentia-se desconfortável em demonstrar afeto ou fraqueza”*. Analisados os itens verificou-se que têm correlações negativas com os demais, facto compreensível numa escala que avalia a perceção de pais afetuosos e provedores de estabilidade emocional, pelo que as suas cotações foram efetivamente invertidas, correção que, ao ser efetuada, melhorou o  $\alpha$  de 0,62 (YPI-Pai) e 0,67 (YPI-Mãe) para 0,88 em ambos os casos (**Tabela 11**).

Neste estudo, os valores de alfa variaram entre 0,69 e 0,91, para a escala paterna, e entre 0,80 a 0,93 para a escala materna. Apenas o fator V da escala paterna apresenta uma consistência mais baixa ( $\alpha=0,69$ ), sendo que, à semelhança do autor brasileiro, os fatores I, II e III de ambas as escalas, bem como os fatores IV e V da escala materna, apresentam coeficientes iguais ou superiores a 0,80. Estes valores comparam bem com o estudo brasileiro, indicando boa consistência interna das escalas, e permitem concluir que o instrumento tem fiabilidade adequada para ser usado na presente investigação.

**Tabela 11.** Consistência interna (alfa de Cronbach) das escalas do YPI versão paterna e materna.

	Valentini, 2009		Este estudo	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe
<b>I. Distanciamento e rejeição</b>	0,90	0,89	0,91	0,93
<b>II. Afetuosidade e estabilidade emocional</b>	0,88	0,85	0,88	0,88
<b>III. Hipervigilância e orientação para o outro</b>	0,85	0,83	0,87	0,87
<b>IV. Superproteção e autonomia prejudicada</b>	0,79	0,78	0,78	0,81
<b>V. Limites deteriorados</b>	0,71	0,66	0,69	0,80

### 5.1.3.3. Estatísticas descritivas do YPI

A **tabela 12** mostra as estatísticas descritivas (mínimos, máximos, médias, desvios-padrão, medianas, assimetrias e achatamentos), para cada uma das 5 dimensões avaliadas pelo YPI (resultados globais e por sexo), quer para o pai, quer para a mãe, segundo a versão traduzida para português (Brasil), com as dimensões e número de itens sugeridos por Valentini (2009) e com cotações invertidas para os itens 18 e 37 da dimensão II. De relembrar que os valores médios podem variar entre o mínimo de 1 e o máximo de 5, conforme escala Likert deste instrumento. Verifica-se que, quer os valores mínimos, quer os valores máximos estão encostados ou muito próximos dos limites das pontuações possíveis, e que os valores médios se distribuem para baixo e para cima do ponto intermédio da escala. De referir que alguns valores de achatamento revelam valores acima do desejado para uma distribuição Normal. Contudo, e tendo em atenção a dimensão da amostra ( $>60$ ), considerou-se legítimo invocar também aqui, o Teorema do Limite Central, à semelhança do já efetuado ao analisar os dados dos dois instrumentos anteriores, e utilizar técnicas paramétricas no tratamento dos dados.

O teste de Box para as escalas YPI-Pai e YPI-Mãe, mostrou um *p-value* de 0,063 e de 0,012, respetivamente. O teste de igualdade simultânea das escalas versão pai e versão mãe, entre homens e mulheres, através da MANOVA, apurou um valor de  $p=0,05$ , para as quatro estatísticas de teste da escala paterna e um valor  $p=0,006$  para as quatro estatísticas de teste da escala materna (traço de Pillai, lambda de Wilks, traço de Hotelling e matriz raiz de Roy). Estes resultados demonstram, pela primeira vez neste estudo, que  $H_0$  deve ser rejeitada dado que existem diferenças significativas entre a forma como homens e mulheres analisaram uma ou mais variáveis dos estilos parentais, quer do pai, quer da mãe. O teste univariado (escala a escala), veio clarificar que, no YPI-Pai as diferenças significativas referem-se apenas à dimensão II (*Afetuosidade e estabilidade emocional*) e III (*Hipervigilância e orientação para o outro*) e no YPI-Mãe, as diferenças se referem apenas à dimensão I (*Distanciamento e rejeição*).

De forma global, os participantes do sexo masculino e do feminino avaliaram os estilos parentais de forma semelhante, quer para a escala paterna, quer para a materna. Contudo, as mulheres parecem avaliar os pais como mais afetuosos, compreensivos, conselheiros e capazes de garantir estabilidade emocional (fator II,  $M=3,45\pm0,91$ ) e as mães como mais críticas, depreciativas e incapazes de prover carinho, aceitação e estabilidade emocional (fator I,  $M=1,72\pm0,82$ ). Por outro lado, os homens parecem avaliar os pais como mais hipervigilantes e com práticas de controlo mais rígidas (fator III,  $M=2,78\pm0,80$ ). Ora, atendendo ao que cada uma das dimensões estima, mais uma

vez se verifica que as mulheres parecem avaliar os seus pais como mais afetuosos e provedores de bem-estar e as suas mães como mais críticas.

Também Valentini (2009) encontrou diferenças estatisticamente significativas para a variável sexo, ainda que a magnitude dessas diferenças seja também pequena. De referir contudo que só o fator III. *Hipervigilância* compara com os resultados daquele autor.

**Tabela 12.** Caracterização descritiva das cinco dimensões do YPI, para a Mãe e para o Pai, resultados globais e por sexo (n= 204 a 211)<sup>a</sup>.

		Mãe <sup>b</sup>					Pai <sup>b</sup>				
		Escala / Domínios									
		I	II	III	IV	V	I	II	III	IV	V
		(18 itens)	(9 itens)	(11itens)	(6 itens)	(5 itens)	(18 itens)	(9 itens)	(11itens)	(6 itens)	(5 itens)
Masc	N	64	64	63	63	62	62	63	62	61	61
	Min	1,00	2,00	1,18	1,00	1,00	1,00	1,11	1,00	1,00	1,00
	Max	3,35	5,00	4,50	4,50	3,60	5,00	5,00	4,36	4,00	4,40
	M	1,47	3,60	2,57	2,48	1,58	1,67	3,11	2,78	2,21	1,60
	DP	0,47	0,77	0,73	0,94	0,66	0,68	0,81	0,80	0,76	0,68
	Me	1,35	3,67	2,45	2,50	1,40	1,41	3,00	2,86	2,33	1,40
	Sk	1,99	0,05	0,32	0,24	1,28	2,49	0,30	-0,19	0,17	1,84
	Ku	4,76	0,80	-0,19	-0,84	1,23	8,82	-0,24	-0,50	-0,55	4,32
Fem	N	146	147	147	144	145	145	145	145	143	144
	Min	1,00	2,00	1,18	1,00	1,00	1,00	1,11	1,00	1,00	1,00
	Max	4,82	5,00	4,73	4,67	5,00	4,65	5,00	4,82	5,00	4,20
	M	1,72	3,60	2,66	2,31	1,74	1,59	3,11	2,54	2,25	1,68
	DP	0,82	0,77	0,85	0,93	0,90	0,69	0,81	0,82	0,90	0,79
	Me	1,35	3,67	2,55	2,17	1,40	1,35	3,00	2,36	2,00	1,40
	Sk	1,52	0,05	0,52	0,53	1,39	1,88	0,30	0,53	0,54	1,32
	Ku	2,10	-0,79	-0,34	-0,42	1,52	3,81	-0,24	-0,40	-0,32	1,11
Total	N	210	211	210	207	207	207	208	207	204	205
	Min	1,00	1,00	1,18	1,00	1,00	1,00	1,11	1,00	1,00	1,00
	Max	4,82	5,00	4,73	4,67	5,00	5,00	5,00	4,82	5,00	4,40
	M	1,64	3,60	2,63	2,37	1,69	1,61	3,35	2,61	2,24	1,65
	DP	0,74	0,88	0,81	0,94	0,83	0,69	0,89	0,82	0,86	0,76
	Me	1,35	3,67	2,55	2,20	1,40	1,35	3,33	2,55	2,17	1,40
	Sk	1,76	-0,41	0,49	0,44	1,45	2,03	-0,25	0,31	0,47	1,44
	Ku	3,23	-0,53	-0,25	-0,60	1,87	5,04	-0,67	-0,60	-0,30	1,72

<sup>a</sup> Masc = Masculino; Fem = Feminino. Masc. N= 62 a 64; Fem. N= 144 a 147. Mínimos (Min), máximos (Max), médias (M), desvios-padrão (DP), medianas (Me), assimetria (Sk), achatamento (Ku).

<sup>b</sup> Nomes das escalas (número total de itens = 49) propostos por Valentini (2009), para o YPI, versão brasileira: I. Distanciamento e rejeição; II. Afetuosidade e estabilidade emocional; III. Hipervigilância e orientação para o outro; IV. Superproteção e autonomia prejudicada, e V. Limites deteriorados.

## 5.2. Estudo Principal: teste das hipóteses de investigação

Como referido nos pontos anteriores, os instrumentos aplicados mostraram adequada fiabilidade em termos de consistência interna, com alfas de Cronbach iguais ou superiores a 0,73 (STAXI-2), 0,86 (QVPM-Pai e QVPM-Mãe) e 0,69 (YPI-Pai e YPI-Mãe). Verificou-se que as diferenças entre sexos não se mostram, em geral, significativas, para um nível de significância de 5% (valores  $p$  superiores a 0,05), para todas as dimensões dos três instrumentos, salvo nas dimensões II (*Afetuosidade e estabilidade emocional*) e III (*Hipervigilância e orientação para o outro*) do YPI-Pai e na dimensão I (*Distanciamento e rejeição*) do YPI-Mãe.

### 5.2.1. Análise de correlações

As relações entre as dimensões da raiva, a vinculação ao pai e à mãe e os estilos parentais foram avaliadas através de coeficientes de correlação de Pearson. Os resultados obtidos relativos às correlações entre as dimensões da raiva (STAXI-2) e as três dimensões da vinculação ao pai e à mãe (QVPM) estão apresentados na **tabela 13**. Verificou-se que grande parte das associações foram estatisticamente significativas ( $p < 0,05$ ). As maiores correlações ( $p < 0,001$ ) positivas emergem entre *Traço de raiva* e *Expressão de raiva para dentro* com *Inibição da exploração e individualidade*, e entre *Controlo da raiva* com a *Qualidade do laço emocional* atribuída, quer ao pai, quer à mãe, tal como se havia hipotizado. Por outro lado, as maiores correlações ( $p < 0,001$ ) negativas observam-se entre o *Estado de raiva* e a *Qualidade do laço emocional*, bem como entre o *Controlo da raiva* e a *Inibição da exploração e individualidade* atribuídas, quer ao pai, quer à mãe, tal como também se havia proposto nas hipóteses. De notar, contudo, que não se verificou qualquer relação entre a *Expressão de zanga para fora* e a *Qualidade do laço emocional* atribuído ao pai ( $r = 0,00$ ).

No seu conjunto, os dados correlacionais reforçam as hipóteses em estudo, ou seja, de que a disposição para experienciar sentimentos de raiva ao longo do tempo (algo mais estrutural como é o *Traço de raiva*), tal como a experiência de raiva contida ou suprimida, é tanto maior quanto maior a perceção de restrições à expressão da individualidade, tal como a capacidade de expressar a raiva adequadamente é tanto mais elevada quanto melhor a qualidade do laço emocional estabelecido com as figuras de vinculação. Como seria de esperar, o *Estado de raiva* será tanto mais intenso, quanto menor a qualidade do vínculo emocional aos progenitores, tal como a capacidade de controlar ou suprimir assertivamente a raiva será tanto mais elevada, quanto menor as restrições parentais à expressão da individualidade dos filhos.

**Tabela 13.** Correlações entre as dimensões do STAXI-2 e as dimensões do QVPM (versão paterna e materna) (n=236)<sup>a</sup>.

	Mãe			Pai		
	I	II	III	I	II	III
<b>Estado de raiva</b>	0,13 *	-0,19 ***	0,09	0,12	-0,21 ***	0,05
<i>Sentimento</i>	0,15 *	-0,18 **	0,12	0,15 *	-0,17 *	0,08
<i>Exp. Verbal</i>	0,13 *	-0,18 **	0,06	0,10	-0,21 **	0,03
<i>Exp. Física</i>	0,02	-0,14 *	0,04	0,05	-0,18 **	0,00
<b>Traço de raiva</b>	0,26 ***	-0,09	0,17 **	0,24 ***	-0,03	0,16 *
<i>Temperamento</i>	0,23 ***	-0,08	0,16 *	0,21 **	-0,03	0,15 *
<i>Reação</i>	0,24 ***	-0,08	0,15 *	0,21 **	-0,02	0,14 *
<b>Expressão raiva p fora</b>	0,17 *	-0,05	0,06	0,13 *	0,00	0,07
<b>Expressão raiva p dentro</b>	0,24 ***	-0,11	0,11	0,26 ***	-0,11	0,09
<b>Controlo da raiva</b>	-0,22 ***	0,25 ***	-0,05	-0,27 ***	0,25 ***	-0,04

<sup>a</sup> I. Inibição da exploração e individualidade; II. Qualidade do laço emocional; III. Ansiedade de separação.

\*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ .

Na **tabela 14** são apresentadas as correlações entre as dimensões da raiva (STAXI-2) e as cinco dimensões dos estilos parentais do YPI, apresentando-se em primeiro lugar as correlações com a escala materna.

Verificou-se que todas as dimensões do STAXI-2 mostram correlações estatisticamente significativas com a escala YPI-Mãe com exceção da escala IV (*Superproteção e autonomia prejudicada*) com a qual não há correlações significativas. Particularizando, verificaram-se correlações significativas positivas de todas as dimensões do STAXI-2 com a escala I (*Distanciamento e rejeição*), com exceção das correlações entre esta dimensão e *Controlo de raiva*, que são negativas tal como se havia hipotizado, facto que parece justificar-se se se atender a que o controlo assertivo da raiva será mais difícil de aprender e treinar com uma mãe rejeitante e depreciativa. De todas as escalas da raiva, as correlações positivas mais fortes ( $p < 0,001$ ) com o fator I (*Distanciamento e rejeição*) são as de *Estado de raiva*, *Expressão verbal de raiva*, *Traço de raiva*, *Temperamento*, *Reação*, e *Expressão de raiva para fora*. Ou seja, parece efetivamente que mães rejeitantes e pouco afetuosas têm implicações significativas no desenvolvimento e na manutenção da emoção raiva em valores pouco adaptativos, tal como se havia proposto como hipótese.



Verificaram-se correlações negativas significativas entre a dimensão materna II (*Afetuosidade e estabilidade emocional*) e as escalas de raiva *Estado*, *Expressão verbal*, e *Temperamento* ( $p<0,05$ ), bem como com a escala *Traço*, *Reação* e *Expressão de raiva para dentro* ( $p<0,01$ ), corroborando assim o que se havia proposto como objetivo do estudo e o que atrás foi dito: uma mãe afetuosa e emocionalmente estável parece ajudar à redução adequada da raiva nas suas diferentes componentes.

Observaram-se também correlações positivas entre *Traço de raiva*, *Reação de raiva* e *Expressão de raiva para dentro* ( $p<0,01$ ) e *Expressão de raiva para fora* ( $p<0,05$ ) com a terceira dimensão materna do YPI que é *Hipervigilância e orientação para o outro*. Estes dados parecem reforçar a noção de que mães com elevados níveis de exigência, perfeccionismo e necessidade de aprovação e reconhecimento, levam ao aumento dos níveis de raiva expressa e à estruturação do traço de raiva, respondendo assim, também, a uma das hipóteses formuladas.

Por fim, de referir correlações positivas significativas entre a *Expressão verbal*, *Expressão física* e *Temperamento de raiva* ( $p<0,05$ ), *Traço*, *Reação de raiva* e *Expressão de raiva para fora* ( $p<0,01$ ), e correlações negativas significativas entre *Controlo de raiva* ( $p<0,01$ ), com a quinta dimensão materna (*Limites deteriorados*). Estes resultados são igualmente importantes e respondem também a uma das hipóteses colocadas, alertando, assim, para a importância que uma orientação materna segura, capaz de estabelecer limites adequados, parece ter na experiência, expressão e controlo da raiva.

No que diz respeito às relações entre as dimensões da raiva e as dimensões dos esquemas paternos percebidos (YPI-Pai), observaram-se correlações estatisticamente significativas entre todas elas. As maiores correlações positivas observaram-se entre a *Expressão verbal de raiva* ( $p<0,001$ ), *Estado*, *Sentimento de raiva*, *Expressão física*, *Traço de raiva*, *Reação de raiva* ( $p<0,01$ ), *Temperamento*, *Expressão de raiva para fora* ( $p<0,05$ ) e a dimensão I (*Distanciamento e rejeição*), tendo-se observado correlações negativas significativas entre esta dimensão e *Controlo de raiva* ( $p<0,01$ ). Os resultados sugerem, de novo, que uma figura paterna fria, distante, que priva a criança de afeto, pode levar o adulto a níveis elevados de raiva, tal como se havia postulado.

Corroborando o que atrás foi dito para a figura materna, também para o pai se verificam correlações negativas significativas entre a dimensão II (*Afetuosidade e estabilidade emocional*) e as escalas de *Estado de raiva*, *Expressão verbal* e *Expressão física* ( $p<0,01$ ), e *Sentimento de raiva*, *Reação de raiva* e *Expressão de raiva para dentro* ( $p<0,05$ ).

Verificam-se correlações positivas entre *Traço de raiva* ( $p<0,01$ ), *Temperamento de raiva*, *Reação de raiva* e *Expressão de raiva para dentro* ( $p<0,05$ ) com o fator III (*Hipervigilância e*

*orientação para o outro*). Mais uma vez, e tal como para a mãe, estes dados parecem reforçar a noção de que pais com elevados níveis de exigência, perfeccionismo e necessidade de aprovação e reconhecimento social, levam à estruturação do traço de raiva.

Tal como para a mãe, também para o pai, não se verificaram correlações significativas entre os diferentes componentes da raiva e o fator IV (*Superproteção e autonomia prejudicada*), salvo a correlação positiva significativa com a *Expressão de raiva para fora* ( $p<0,01$ ), no caso paterno.

Também, e tal como para a mãe, observaram-se para o pai correlações positivas significativas entre *Estado de raiva*, *Expressão física de raiva*, *Reação de raiva*, *Expressão de raiva para fora e para dentro* ( $p<0,05$ ) e *Expressão verbal de raiva* ( $p<0,01$ ), e o fator V (*Limites deteriorados*). De novo, é notória a importância que uma orientação segura e capaz de estabelecer limites adequados parece ter no estado e na expressão de raiva.

**Tabela 14.** Correlações entre as dimensões do STAXI-2 e os estilos parentais percebidos (YPI-Pai e YPI-Mãe) (n entre 204 e 211).

	Mãe					Pai				
	I	II	III	IV	V	I	II	III	IV	V
<b>Estado</b>	0,26 ***	-0,16 *	0,09	-0,03	0,14	0,24 **	-0,22 **	0,09	-0,05	0,15 *
<i>Sentimento</i>	0,20 **	-0,13	0,08	0,00	0,06	0,19 **	-0,15 *	0,07	-0,02	0,07
<i>Exp. Verbal</i>	0,27 ***	-0,17 *	0,11	-0,05	0,15 *	0,25 ***	-0,22 **	0,11	-0,06	0,18 **
<i>Exp. Física</i>	0,19 **	-0,13	0,01	-0,05	0,16 *	0,18 **	-0,22 **	0,05	-0,08	0,16 *
<b>Traço</b>	0,32 ***	-0,22 **	0,20 **	0,08	0,23 **	0,22 **	-0,12	0,18 **	0,12	0,13
<i>Temperamento</i>	0,27 ***	-0,17 *	0,12	0,06	0,16 *	0,14 *	-0,03	0,15 *	0,12	0,06
<i>Reação</i>	0,30 ***	-0,21 **	0,21 **	0,08	0,23 **	0,24 **	-0,15 *	0,17 *	0,10	0,15 *
<b>Expressão p fora</b>	0,24 ***	-0,08	0,18 *	0,11	0,20 **	0,16 *	0,01	0,09	0,19 **	0,15 *
<b>Expressão p dentro</b>	0,21 **	-0,20 **	0,23 **	0,12	0,09	0,08	-0,16 *	0,16 *	0,13	0,16 *
<b>Controlo da raiva</b>	-0,22 **	0,13	-0,10	-0,04	-0,20 **	-0,20 **	0,04	-0,05	-0,10	-0,11

\*  $p<0,05$ ; \*\*  $p<0,01$ ; \*\*\*  $p<0,001$ .

YPI: I. Distanciamento e rejeição; II. Afetuosidade e estabilidade emocional; III. Hipervigilância e orientação para o outro; IV. Superproteção e autonomia prejudicada; V. Limites deteriorados.

Em conclusão, os resultados aqui apresentados parecem demonstrar que a maior parte das associações entre os níveis de raiva e as avaliações que os respondentes fazem dos estilos parentais é estatisticamente significativa. Na verdade, salvo a dimensão paterna e materna *Superproteção e autonomia prejudicada*, que não revela correlações significativas com nenhum dos componentes da raiva (com exceção da *Expressão de raiva para fora* no caso paterno), todos os resultados apresentados estão de acordo com as hipóteses inicialmente formuladas. Estes resultados são relevantes pois alertam para a importância que uma orientação parental segura, emocionalmente estável e capaz de estabelecer limites adequados, tem na manutenção de níveis de raiva assertivos e adaptativos, tal como outros autores já haviam demonstrado (Gormeley & McNeil, 2010; Mikulincer, 1998; Muris et al., 2004, entre outros).

Analísaram-se também as correlações entre as dimensões de vinculação (QVPM) e de estilos parentais (YPI), nas suas versões materna e paterna (**Tabela 15**). Como seria de esperar, observam-se fortes correlações, quer positivas, quer negativas, entre as dimensões dos dois instrumentos, sinal de que se estarão a medir constructos semelhantes, ou muito próximos conceptualmente. Assim, os valores de correlações positivas mais fortes ( $p < 0,001$ ) verificaram-se entre I. *Inibição da exploração e individualidade*, quer na versão QVPM-Pai, quer QVPM-Mãe, com I. *Distanciamento e rejeição* e III. *Hipervigilância e orientação para o outro*, também para o YPI-Pai e YPI-Mãe. Fortes correlações positivas foram também observadas entre a dimensão I. *Inibição da exploração e individualidade*, quer no QVPM-Pai, quer no QVPM-Mãe, com IV. *Superproteção e autonomia prejudicada*, versão YPI-Pai ( $p < 0,001$ ) e versão mãe ( $p < 0,01$ ). Parece pois que pais vistos como impondo restrições à expressão da individualidade são também considerados distantes e abusadores e/ou vigilantes e severos, talvez porque não atendem às necessidades de individuação dos filhos.

Verificam-se também fortes correlações positivas ( $p < 0,001$ ) entre a dimensão II. *Qualidade do laço emocional* (QVPM), para a mãe e para o pai, e II. *Afetuosidade e estabilidade emocional*, quer na versão YPI-Mãe, quer na versão YPI-Pai, resultados que não são de estranhar se se atender ao que cada dimensão mede: pais capazes de prover apoio em situações de dificuldade, compreensivos, que atendem às necessidades de carinho e aceitação.

São também correlações positivas mais fortes ( $p < 0,001$ ) as verificadas entre III. *Ansiedade de separação e dependência* (QVPM-Pai e QVPM-Mãe), com II. *Afetuosidade e estabilidade emocional*, bem como também com IV. *Superproteção e autonomia prejudicada*, quer na versão YPI-Pai quer YPI-Mãe. Tais resultados parecem justificar-se se atendermos ao que cada dimensão mede, ou seja, pais sentidos como mais ansiosos geram uma vinculação insegura, ainda que possam ser vistos

pelos filhos como pais compreensivos que atendem às necessidades de carinho, aceitação e superproteção.

De referir que II. *Qualidade do laço emocional* (QVPM-Pai) mostra uma correlação menor, ainda que significativa ( $p < 0,05$ ), com IV. *Superproteção e autonomia prejudicada* paterna e materna (YPI-Pai e YPI-Mãe). Observou-se, porém, uma forte correlação positiva entre II. *Qualidade do laço emocional* materno (QVPM-Mãe), com IV. *Superproteção e autonomia prejudicada* materna (YPI-Mãe;  $p < 0,001$ ) mas que, surpreendentemente, não se correlaciona significativamente ( $p > 0,05$ ) com a mesma dimensão do YPI-Pai. Parece, pois, que os filhos consideram como qualidade do laço emocional, fundamental ao seu desenvolvimento, a superproteção materna, mas não a superproteção paterna (ainda que isso signifique, para os pais, dificuldade em sustentar a confiança e competência dos filhos).

Desta análise de correlações entre as dimensões do QVPM e do YPI, observaram-se fortes correlações no sentido negativo, com ambas as figuras parentais, entre o fator II. *Qualidade do laço emocional* (QVPM-Pai e QVPM-Mãe), com o fator I. *Distanciamento e rejeição* do YPI-Pai e do YPI-Mãe ( $p < 0,001$ ). Observaram-se também fortes correlações positivas entre II. *Qualidade do laço emocional* (QVPM-Mãe) com o fator V. *Limites deteriorados* do YPI-Mãe e do YPI-Pai ( $p < 0,001$ ) e entre o fator II. *Qualidade do laço emocional* do QVPM paterno com V. *Limites deteriorados* de ambos os progenitores (YPI-Pai,  $p < 0,001$ ; YPI-Mãe,  $p < 0,01$ ). Estas correlações, significativas e negativas, não são de estranhar e vêm confirmar que uma boa qualidade do laço emocional é fundamental a um desenvolvimento seguro, e será naturalmente oposta à visão que os filhos fazem sobre esses pais que não serão percebidos como frios, rejeitantes, com falta de estabilidade emocional e incapazes de prover carinho, estabilidade e segurança, como também não serão permissivos e incapazes de estabelecer limites.

**Tabela 15.** Correlações entre os esquemas parentais (YPI-Pai e YPI-Mãe) com os estilos de vinculação (QVPM-Pai e QVPM-Mãe) (n entre 204 e 211).

		QVPM Mãe					QVPM Pai				
		I		II		III	I		II		III
YPI	Mãe	I	0,52 ***	-0,61 ***	-0,22 **		0,36 ***	-0,39 ***	-0,09		
		II	-0,37 ***	0,69 ***	0,47 ***		-0,20 **	0,42 ***	0,30 ***		
		III	0,55 ***	-0,17 *	-0,03		0,36 ***	-0,23 **	-0,11		
		IV	0,22 **	0,24 ***	0,46 ***		0,27 ***	0,14 *	0,36 ***		
		V	0,14 *	-0,50 ***	-0,22 **		0,13	-0,23 **	-0,08		
	Pai	I	0,35 ***	-0,31 ***	-0,14		0,50 ***	-0,52 ***	-0,27 ***		
		II	-0,17 *	0,27 ***	0,30 ***		-0,23 **	0,60 ***	0,50 ***		
		III	0,33 ***	-0,13	-0,07		0,47 ***	-0,13	-0,09		
		IV	0,26 ***	0,08	0,41 ***		0,29 ***	0,17 *	0,45 ***		
		V	0,24 **	-0,27 ***	-0,09		0,20 **	-0,44 ***	-0,19 **		

QVPM: I. Inibição da exploração e individualidade; II. Qualidade do laço emocional; III. Ansiedade de separação.  
YPI: I. Distanciamento e rejeição; II. Afetuosidade e estabilidade emocional; III. Hipervigilância e orientação para o outro;  
IV. Superproteção e autonomia prejudicada; V. Limites deteriorados  
\*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$ .

## 5.2.2. Análises de regressão linear

Foram realizadas uma série de análises de regressão múltipla *stepwise*, por forma a avaliar se a vinculação e as condutas parentais (variáveis independentes) são responsáveis por uma única proporção da variância com as várias dimensões da raiva (variáveis dependentes). Os principais resultados são apresentados nas quatro tabelas seguintes.

Como se pode observar nas **tabelas 16 e 17**, a *Qualidade do laço emocional*, quer do pai, quer da mãe, apresenta uma relação negativa, com valores de coeficiente  $\beta$  fortes e significativos ( $p$  maioritariamente entre 0,01 e 0,001), com o *Estado de raiva* e as suas subescalas *Sentimento de raiva*, *Expressão verbal de raiva* e *Expressão física de raiva*, parecendo ser uma variável preditora significativa da dimensão *Estado de raiva*. De notar, também, que a *Qualidade do laço emocional* materno explica ainda uma proporção da variância do *Traço de raiva* e da sua subescala *Temperamento de raiva*, ainda que com uma significância menor ( $p < 0,05$ ). Parece, pois, poder concluir-se que a *Qualidade do laço emocional* da figura de vinculação materna e paterna é uma variável preditora estável do *Estado de raiva*, parecendo a variável materna ser também preditora do *Traço de raiva* (ainda que o valor da estatística alteração quadrada de  $R$ ,  $R^2$ , seja em geral baixo).

A variável *Ansiedade de separação e dependência*, paterna e materna, apresenta também correlações positivas significativas com o *Estado de raiva* e o *Traço de raiva*, bem como com algumas das suas subescalas, e uma correlação negativa com *Controlo de raiva*. Esta última relação é facilmente compreensível na medida em que experiências de ansiedade e medo de separação levarão naturalmente à diminuição da capacidade de controlo adequado da raiva, quer na forma expressa, quer inibida.

Por fim, de referir que a dimensão de vinculação *Inibição da exploração e individualidade*, materna e paterna, apresenta correlações positivas significativas com *Traço de raiva* e as suas subescalas *Temperamento de raiva* e *Reação de raiva*, bem como com *Expressão de raiva para fora* e *Expressão de raiva para dentro*. De notar, contudo, que a *Inibição da exploração e individualidade* paterna mostra uma correlação negativa significativa ( $p < 0,01$ ) com *Controlo da raiva*, relação esta que, sendo compreensível, não emerge da escala materna. Este resultado pode resultar de os filhos (mulheres e homens), enquanto jovens e adolescentes, serem mais comunicativos acerca das suas manifestações comportamentais agressivas e, eventualmente, reagirem de forma oposta a um pai de quem esperariam um comportamento na mesma linha de atuação (Muris et al., 2004).

Em conclusão, o estado de raiva parece ser influenciado pela *Qualidade do laço emocional* e pela *Ansiedade de separação e dependência*, quer materna quer paterna, as quais explicam 8% a 9% da variação total do *Estado de raiva* ( $R^2 = 0,04 + 0,05$  para a mãe e  $0,04 + 0,04$  para o pai) e 11% de *Controlo de raiva* ( $R^2 = 0,06 + 0,05$  para a mãe e  $0,07 + 0,04$  para o pai).

Também a variável dependente *Traço de raiva* parece ser influenciada pelas três dimensões de vinculação materna em 12% ( $R^2 = 0,07 + 0,03 + 0,02$ ), sendo o *Temperamento de raiva* explicado em 14% por essas variáveis ( $R^2 = 0,05 + 0,02 + 0,07$ ). Relativamente à vinculação ao pai, o *Traço de raiva* parece ser influenciado em 8% pela *Inibição da exploração e individualidade* e pela *Ansiedade de separação e dependência* ( $R^2 = 0,06 + 0,02$ ).

**Tabela 16.** Análise de regressão linear *stepwise* com as escalas de vinculação materna (QVPM-Mãe) como preditoras e as escalas da raiva (STAXI-2) como variáveis dependentes.

Variáveis dependentes	Variáveis preditoras <sup>a</sup>	$\beta$	$p$ -value	$R^2$
<b>STAXI-2</b>				
<b>Estado</b>	1. Qualidade do laço emocional	-0,29	< 0,001	0,04
	2. Ansiedade de separação e dependência	0,23	< 0,001	0,05
<i>Sentimento</i>	1. Qualidade do laço emocional	-0,35	< 0,001	0,03
	2. Ansiedade de separação e dependência	0,31	< 0,001	0,07
<i>Exp verbal</i>	1. Qualidade do laço emocional	-0,30	< 0,001	0,03
	2. Ansiedade de separação e dependência	0,26	< 0,01	0,03
<i>Exp física</i>	1. Qualidade do laço emocional	-0,23	< 0,01	0,02
	2. Ansiedade de separação e dependência	0,16	< 0,05	0,02
<b>Traço</b>	1. Inibição exploração e individualidade	0,20	< 0,01	0,07
	2. Ansiedade de separação e dependência	0,25	< 0,01	0,03
	3. Qualidade do laço emocional	-0,17	< 0,05	0,02
<i>Temperamento</i>	1. Inibição exploração e individualidade	0,17	< 0,05	0,05
	2. Ansiedade de separação e dependência	0,23	< 0,01	0,02
	3. Qualidade do laço emocional	-0,16	< 0,05	0,07
<i>Reação</i>	1. Inibição exploração e individualidade	0,23	< 0,001	0,06
	2. Ansiedade de separação e dependência	0,14	< 0,05	0,02
<b>Expressão p fora</b>	1. Inibição exploração e individualidade	0,17	< 0,05	0,03
<b>Expressão p dentro</b>	1. Inibição exploração e individualidade	0,24	< 0,001	0,06
<b>Controlo</b>	1. Qualidade do laço emocional	0,395	< 0,001	0,06
	2. Ansiedade de separação e dependência	-0,266	< 0,001	0,05

<sup>a</sup> Nesta tabela, o número apresentado antes da variável preditora refere-se à seleção sequencial da variável estatisticamente mais importante, ao seja, ao passo no qual a variável preditora entra na equação de regressão do modelo (e não ao número habitualmente dado ao domínio ou fator).

**Tabela 17.** Análise de regressão linear *stepwise* com as escalas de vinculação paterna (QVPM-Pai) como preditoras e as escalas da raiva (STAXI-2) como variáveis dependentes.

Variáveis dependentes	Variáveis preditoras <sup>a</sup>	$\beta$	$p$ -value	$R^2$
<b>STAXI-2</b>				
<b>Estado</b>	1. Qualidade do laço emocional	-0,33	< 0,001	0,04
	2. Ansiedade de separação e dependência	0,23	< 0,01	0,04
<i>Sentimento</i>	1. Qualidade do laço emocional	-0,30	< 0,001	0,03
	2. Ansiedade de separação e dependência	0,24	< 0,01	0,04
<i>Exp verbal</i>	1. Qualidade do laço emocional	-0,31	< 0,001	0,04
	2. Ansiedade de separação e dependência	0,20	< 0,01	0,03
<i>Exp física</i>	1. Qualidade do laço emocional	-0,18	< 0,01	0,03
<b>Traço</b>	1. Inibição exploração e individualidade	0,22	< 0,01	0,06
	2. Ansiedade de separação e dependência	0,13	< 0,05	0,02
<i>Temperamento</i>	1. Inibição exploração e individualidade	0,21	< 0,01	0,04
<i>Reação</i>	1. Inibição exploração e individualidade	0,21	< 0,01	0,05
<b>Expressão p fora</b>	1. Inibição exploração e individualidade	0,13	< 0,05	0,02
<b>Expressão p dentro</b>	1. Inibição exploração e individualidade	0,26	< 0,001	0,07
<b>Controlo</b>	1. Inibição exploração e individualidade	-0,18	< 0,01	0,07
	2. Qualidade do laço emocional	0,31	< 0,001	0,04
	3. Ansiedade de separação e dependência	-0,18	< 0,05	0,02

<sup>a</sup> Nesta tabela, o número apresentado antes da variável preditora refere-se à seleção sequencial da variável estatisticamente mais importante, ao seja, ao passo no qual a variável preditora entra na equação de regressão do modelo (e não ao número habitualmente dado ao domínio ou fator).

Como referido atrás, procedeu-se ao mesmo tipo de análise entre as várias dimensões de raiva (variáveis dependentes) e as variáveis preditoras relativas aos esquemas parentais.

Como se pode observar nas **tabelas 18 e 19**, a *escala Distanciamento e rejeição*, materna e paterna, parece ser um importante preditor do *Traço de raiva*, *Temperamento de raiva* e *Reação de raiva*, com valores de significância para a escala materna de  $p < 0,001$  e, para a escala paterna, entre 0,01 e 0,05, explicando, no caso da vinculação materna, 12% da variação total de *Traço de raiva* ( $R^2 = 0,12$ ), 8% da variação total de *Temperamento de raiva* ( $R^2 = 0,08$ ) e 10% da variação total de *Reação de raiva* ( $R^2 = 0,10$ ). No caso da vinculação paterna, o mesmo preditor parece explicar 5% da variação total de *Traço* ( $R^2 = 0,05$ ), 3% da variação total de *Temperamento de raiva* ( $R^2 = 0,03$ ) e 5% da



variação total de *Reação de raiva* ( $R^2=0,05$ ), parecendo ter maior impacto uma mãe emocionalmente distante do que um pai.

Verificaram-se também relações significativas entre o preditor anterior, *Distanciamento e rejeição* (escala materna e paterna), com o *Estado de raiva* ( $\beta=-0,28$ ,  $p<0,001$ ;  $R^2=0,08$ , com a mãe;  $\beta=0,24$ ,  $p<0,01$ ;  $R^2=0,06$  com o pai) e as suas subescalas *Sentimento de raiva* ( $\beta=-0,22$ ,  $p<0,01$ ;  $R^2=0,05$ , com a mãe;  $\beta=0,18$ ,  $p<0,01$ ;  $R^2=0,03$  com o pai), *Expressão verbal* ( $\beta=0,30$ ,  $p<0,001$ ;  $R^2=0,09$ , com a mãe;  $\beta=0,24$ ,  $p<0,01$ ;  $R^2=0,06$  com o pai) e *Expressão física* ( $\beta=0,30$ ,  $p<0,001$ ;  $R^2=0,04$ , apenas com a mãe). Como referido atrás, a *Expressão verbal de raiva* mostra valores de significância para a escala materna de  $p<0,001$  e para a escala paterna de  $p<0,01$ , parecendo explicar, no caso da vinculação materna, 9% da variação total e 6% da variação total no caso paterno. De referir, contudo, que a relação de *Distanciamento e rejeição* com o *Estado de raiva* e *Sentimento de raiva*, estão positivamente relacionadas na escala paterna mas negativamente na escala materna, o que parece permitir concluir que os filhos (mulheres e homens) sentem maior intensidade de raiva em determinados momentos por um pai distante, rejeitante, que por uma mãe.

Observaram-se relações negativas significativas entre este mesmo preditor e o *Controlo de raiva*, quer para a mãe ( $\beta=-0,24$ ,  $p=0,01$ ;  $R^2=0,06$ ), quer para o pai ( $\beta=-0,16$ ,  $p=0,05$ ;  $R^2=0,03$ ). Parece, pois, poder também concluir-se que uma mãe distante, fria, pouco afetuosa, tem mais impacto na *expressão verbal* e *física* de raiva dos filhos, que um pai, mas não tanto no estado e sentimento de raiva. Estes resultados parecem estar de acordo com os de outros autores que referem que adultos (filhos) inseguros reagem a eventos emocionalmente adversos de forma mais agressiva, com sinais e sintomas de hostilidade, relativamente às mães (Mikulincer et al., 1993).

Em conclusão, a variável de vinculação *Distanciamento e rejeição* é uma dimensão importante, quer no caso materno, quer paterno, que influencia de forma significativa o *Estado*, o *Traço*, a *Expressão* e o *Controlo da raiva*.

**Tabela 18.** Análise de regressão linear *stepwise* com as escalas de estilos parentais como preditoras (YPI-Mãe) e as escalas da raiva (STAXI-2) como variáveis dependentes.

Variáveis dependentes	Variáveis preditoras <sup>a</sup>	$\beta$	$p$ -value	$R^2$
<b>STAXI-2</b>				
<b>Estado</b>	1. Distanciamento e rejeição	-0,28	< 0,001	0,08
<i>Sentimento</i>	1. Distanciamento e rejeição	-0,22	< 0,01	0,05
<i>Exp verbal</i>	1. Distanciamento e rejeição	0,30	< 0,001	0,09
<i>Exp física</i>	1. Distanciamento e rejeição	0,30	< 0,001	0,04
	2. Hipervigilância e orientação p o outro	-0,17	< 0,05	0,02
<b>Traço</b>	1. Distanciamento e rejeição	0,34	< 0,001	<b>0,12</b>
<i>Temperamento</i>	1. Distanciamento e rejeição	0,28	< 0,001	0,08
<i>Reação</i>	1. Distanciamento e rejeição	0,32	< 0,001	<b>0,10</b>
<b>Expressão p fora</b>	1. Distanciamento e rejeição	0,23	< 0,01	0,05
<b>Expressão p dentro</b>	1. Hipervigilância e orientação p o outro	0,20	< 0,01	0,06
	2. Afetuosidade e estabilidade emocional	-0,14	< 0,05	0,02
<b>Controlo</b>	1. Distanciamento e rejeição	-0,24	< 0,01	0,06

<sup>a</sup> Nesta tabela, o número apresentado antes da variável preditora refere-se à seleção sequencial da variável estatisticamente mais importante, ao seja, ao passo no qual a variável preditora entra na equação de regressão do modelo (e não ao número habitualmente dado ao domínio ou fator).

**Tabela 19.** Análise de regressão linear *stepwise* com as escalas de estilos parentais como preditoras (YPI-Pai) e as escalas da raiva (STAXI-2) como variáveis dependentes.

Variáveis dependentes	Variáveis preditoras <sup>a</sup>	$\beta$	$p$ -value	$R^2$
<b>STAXI-2</b>				
<b>Estado</b>	1. Distanciamento e rejeição	0,24	< 0,01	0,06
<i>Sentimento</i>	1. Distanciamento e rejeição	0,18	< 0,01	0,03
<i>Exp verbal</i>	1. Distanciamento e rejeição	0,24	< 0,01	0,06
<i>Exp física</i>	1. Afetuosidade e estabilidade emocional	-0,22	< 0,01	0,05
<b>Traço</b>	1. Distanciamento e rejeição	0,23	< 0,01	0,05
<i>Temperamento</i>	1. Distanciamento e rejeição	0,17	< 0,05	0,03
<i>Reação</i>	1. Distanciamento e rejeição	0,23	< 0,01	0,05
<b>Expressão p fora</b>	1. Superproteção e autonomia prejudicada	0,19	< 0,01	0,04
<b>Expressão p dentro</b>	1. Hipervigilância e orientação p o outro	0,15	< 0,05	0,03
	2. Limites deteriorados	0,14	< 0,05	0,02
<b>Controlo</b>	1. Distanciamento e rejeição	-0,16	< 0,05	0,03

<sup>a</sup> Nesta tabela, o número apresentado antes da variável preditora refere-se à seleção sequencial da variável estatisticamente mais importante, ao seja, ao passo no qual a variável preditora entra na equação de regressão do modelo (e não ao número habitualmente dado ao domínio ou fator).

## 6. CONCLUSÕES

O estudo que aqui se apresenta foi realizado a partir dos dados de uma amostra não clínica de adultos e pretendeu avaliar as relações da vinculação e dos estilos de conduta dos pais, com as diferentes dimensões da emoção zanga/raiva, reconhecida que esta é como fator de risco psicológico, não só da doença cardíaca e oncológica, como de dificuldades de relacionamento interpessoal, comportamentos antissociais, perturbações de ansiedade e depressão, consumo de substâncias psicoativas, entre outros (Biaggio, 1998; Caramona et al., 2012; García-Rosado & Pérez-Nieto, 2005; Guimarães & Pasian, 2006; Håseth, 1996; Kassinove & Tafrate, 2006; Laulik, et al., 2013; Linehan, 1993; Mikulincer, 1998; Spielberger, 1999; Spielberger et al., 1995; Vlierberghe et al., 2007).

Como já referido, a raiva pode ser experienciada como um estado emocional momentâneo ou como um traço de personalidade, dependendo de tendências individuais para interpretar diferentes estímulos como frustrantes e/ou provocadores, ou ainda da capacidade de controlar os impulsos de raiva, que podem ser reprimidos ou expressos em direção a outros e/ou a objetos do meio (Guimarães & Pasian, 2006, citando Spielberger & Biaggio, 1992; Konishi & Hymel, 2014; Spielberger, 1991).

O estudo efetuado amplamente confirma a importância da qualidade da vinculação ao pai e à mãe, e a sua relação, quer com o desenvolvimento da zanga, quer com a sua expressão. Na verdade, os resultados confirmam que os estilos de vinculação parental estão relacionados com a raiva nas suas diferentes dimensões. De uma forma mais precisa, os adultos inquiridos que relatam pais percebidos como impedindo a exploração da individualidade dos filhos, pais mais incapazes de estabelecer uma boa qualidade do laço emocional, inseguros e evitantes, referem níveis mais elevados de raiva, resultados que outros autores corroboram e que vêm confirmar as hipóteses inicialmente formuladas (Bowlby, 1973; Gormeley & McNeil, 2010; Ingram (2003); Konishi & Hymel, 2014; Muris et al. 2004).

Também os estilos de desempenho parental estão relacionados com a raiva. Na verdade, pais percebidos como mais rejeitantes, menos calorosos ou emocionalmente mais instáveis, hievigilantes e superprotetores, ou mais permissivos, parecem estar relacionados com níveis mais elevados de raiva nos filhos, quer na forma sentida, quer expressa, o que confirma as hipóteses inicialmente propostas (Ingram, 2003; Muris et al., 2004; Vlierberghe et al., 2007; Young et al., 2003).

Também a análise de regressão linear efetuada permite concluir do contributo significativo que as variáveis de vinculação e de esquemas parentais parecem ter nas diferentes componentes da raiva, tal como se havia proposto como hipóteses. Ou seja, a percepção de elevados níveis de distanciamento e rejeição, e de restrições à individualidade e independência, pelos filhos adultos, de ambos os sexos, parece estar associada e explicar níveis elevados de zanga nas suas diferentes formas de manifestação. Verifica-se também que, apesar dos padrões de resultados serem bastante semelhantes entre a percepção pelos filhos da qualidade da vinculação e das condutas da mãe e do pai, a verdade é que parece ser mais significativo o papel da mãe relativamente às diferentes formas de resposta de raiva dos filhos.

### **Contributos**

Torna-se necessário referir aqui alguns contributos e qualidades deste trabalho

1. Os respondentes não foram selecionados com base em nenhum critério que envolvesse a experiência, expressão ou controlo da raiva.
2. As respostas foram dadas de forma consciente e livre, num tempo que o respondente achou mais conveniente.
3. Não se observaram diferenças significativas entre sexos na grande maioria dos estudos efetuados, salvo na dimensão I. *Distanciamento e rejeição*, do YPI-Mãe, e nas dimensões II. *Afetuosidade e estabilidade emocional* e III. *Hipervigilância e orientação para o outro*, do YPI-Pai.
4. Contrapondo o que refere Kassinove et al. (2002), que a emoção raiva tem sido estudada essencialmente em amostras populacionais estudantis ou em populações clínicas, mas não em adultos de faixas etárias alargadas, os resultados obtidos com este estudo correspondem a esse desiderato, ainda que não possam ser generalizados.
5. Os estudos efetuados com o YPI não pretenderam ser uma adaptação para a população portuguesa. Contudo, os resultados agora apresentados são com certeza uma mais-valia para quem pretenda trabalhar com este instrumento.

Em suma, de uma forma global, o presente estudo parece permitir concluir que uma vinculação insegura e esquemas parentais negativos ou mal-adaptativos estão relacionados com níveis mais elevados de raiva nos filhos, podendo dizer-se que serão fatores familiares preditores ou antecedentes de desenvolvimento de estados de raiva mais intensos, de traços de raiva mais frequentes, bem como de raiva expressa ou controlada.

## Limitações

Apesar do que ficou dito, torna-se necessário ter presentes algumas limitações deste trabalho, nomeadamente:

1. O estudo foi realizado com os dados de uma amostra de conveniência, que se mostrou maioritariamente do sexo feminino, com um nível académico superior, e com incidência do grupo profissional de especialistas das atividades intelectuais e científicas, factos que podem trazer enviesamentos aos resultados e à sua interpretação, não permitindo a extrapolação dos resultados para a população geral.
2. As hipóteses formuladas levaram a estudos de regressão que não permitem tirar conclusões de causalidade que garantam que não há relações bidirecionais, ou seja, os resultados não permitem concluir a relação de causalidade inversa, em que se provaria que níveis elevados de raiva dos filhos promovem fatores familiares negativos.
3. O estudo foi realizado apenas com base em dados de autorrelatos, pelo que, apesar do anonimato e confidencialidade garantidos, os respondentes podem relatar mais comportamentos socialmente desejáveis e podem não reconhecer ou não querer revelar eventos mais perturbadores.
4. O estudo foi realizado com base em interações percebidas pais-filhos e as percepções destes sobre esse relacionamento não estão isentas de subjetividade. Um estilo de processamento negativo devido a modelos de funcionamento interno mais desadaptados pode também ter introduzido vieses avaliativos.
5. A inclusão de uma amostra clínica como, por exemplo, clientes de consultas de psicoterapia ou uma população de reclusos, ou vítimas de violência, teria sido uma mais-valia para este estudo, pois teria permitido testar a hipótese de que fatores familiares adversos levam a um aumento significativo dos níveis de raiva, à necessidade de apoio psicológico ou a condutas socialmente reprováveis.
6. Por fim, de referir que, enquanto o STAXI-2 é uma medida fiável e válida de raiva, e o QVPM é um instrumento elaborado com base nas características da população portuguesa, mostrando, também, resultados de fiabilidade e validade reconhecidos, o YPI é um instrumento mais usado para fins clínicos, individuais, e pouco estudado empiricamente, pelo que muito poucos estudos são conhecidos sobre as suas propriedades psicométricas. Mais, avalia atitudes (esquemas) parentais, gerais e não específicas. Assim, embora as dimensões/escalas usadas neste estudo tenham mostrado adequada fiabilidade e correlações com significado, a verdade é que mais estudos de validade são necessários para este último instrumento.

## Propostas para estudos futuros

Referem-se de seguida alguns estudos que, na sequência da presente investigação, seria interessante desenvolver para alargar o quadro de conhecimento nesta área. Assim, seria interessante efetuar estudos comparativos que permitissem clarificar até que ponto a baixa qualidade da vinculação e esquemas parentais mal adaptativos são responsáveis por aumento significativo de:

1. Violência na sociedade, nomeadamente a violência doméstica.
2. População com problemas criminais, a cumprir pena de prisão ou em programas de (re)inserção social.
3. Necessidades de apoio psicoterapêutico.
4. Pacientes psiquiátricos em que a agressão autodirigida é mais comum.
5. Pacientes deprimidos em que a raiva internalizada e autodirigida também é comum.
6. Perturbação *borderline*.

Considerando a importância da raiva como um elemento preditivo sobre a capacidade de controlo de comportamentos, parece importante alertar para a qualidade da vinculação e dos estilos de desempenho parentais no desenvolvimento da raiva nos filhos e promover a realização de programas de intervenção educacional de pais pois, é sabido, a raiva inspira sentimentos e comportamentos de poder e os episódios de raiva ocorrem sobretudo em ambientes familiares, ou seja, de maior proximidade (Tafrate et al., 2002). Mais, apesar das limitações referidas, os resultados sugerem ser importante, sobretudo para os psicólogos, conhecer melhor as várias facetas da raiva e os instrumentos com melhor qualidade psicométrica para a avaliar, pois, um (melhor) diagnóstico da zanga (raiva) permitirá uma melhor intervenção preventiva e uma melhor adequação de um plano terapêutico. Neste sentido, o papel do psicólogo será fundamental pois, segundo Scheff (2015), a melhor maneira de lidar com a raiva será explicar a quem foi responsável por ela, de forma adequada e assertiva, a razão pela qual a raiva parece ter sido gerada. Até porque, o impacto que a qualidade da vinculação tem sobre a raiva e a agressão, expressam-se ao longo de todo o ciclo de vida, com maior gravidade na vida adulta (Konishi & Hymel, 2014).

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, M. J. (2007). *Paradigmas diferencial e sistémico de investigação da inteligência humana: perspectivas sobre o lugar e o sentido do construto*. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade de Lisboa.
- Biaggio, A. M. B. (1998). Ansiedade, raiva e depressão na concepção de C. D. Spielberger. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 25(6), 291–293.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Separation, anxiety and anger*. New York (NY): Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Sadness and depression*. New York (NY): Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Clinical applications of attachment theory*. London: Routledge.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, 20(1), 155–186.
- Caramona, M. M., Ponciano, E. & Mendes, Z. (2012). Avaliação da ira nos doentes hipertensos. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2 (1), 95–104.
- Chida, Y., & Steptoe, A. (2009). The association of anger and hostility with future coronary heart disease: A meta-analytic review of prospective evidence. *Journal of the American College of Cardiology*, 53(11), 936–946.
- Cordeiro, R. (2012). *Vinculação e temperamento afectivo em jovens adultos*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological bulletin*, 113, 487–496.
- Del Barrio, V., Aluja, A., & Spielberger, C. (2004). Anger assessment with the STAXI-CA: psychometric properties of a new instrument for children and adolescents. *Personality and Individual Differences*, 37, 227–244.
- Eckhardt, C. I., Kassirer, H., Tsytarev, S. V., & Sukhodolsky, D. G. (1995). A Russian version of the state-trait anger expression inventory: Preliminary data. *Journal of Personality Assessment*, 64(3), 440–455.
- Ekman, P. (1984). Expression and the nature of emotion. In K. Scherer & P. Ekman (Eds.), *Approaches to emotion*. Hillsdale, New Jersey (NJ): Lawrence Erlbaum.
- Ekman, P., & Friesen, W. (1975). *Unmasking the face*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Field, A. (2005). *Discovering statistics using SPSS (2nd ed.)*. London: Sage Publication.

- Figueroa, N. B. L., Schmidt V., & Gol, S. (2001). State-trait anger expression inventory (STAXI) and its use in different populations. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 11(1), 55–73.
- Fosha, D. & Yeung, D. (2006). AEDP exemplifies the seamless integration of emotional transformation and dyadic relatedness at work. In G. Stricker & J. Gold (Eds.), *A Casebook of Integrative Psychotherapy*. Washington DC: APA Press.
- García-Rosado, E., & Pérez-Nieto, M. A. (2005). Anger and anxiety in the abstinence of recovered alcoholics. *Edupsykhé*, 4(2), 219–232.
- Gerlock, A. (1994). Veterans' responses to anger management intervention. *Issues in Mental Health Nursing*, 15(4), 393-408.
- Gold, J. (2011). Attachment Theory and Psychotherapy Integration: An Introduction and Review of the Literature. *Journal of Psychotherapy Integration*, 21 (3), 221–231.
- Gormley, G., & McNiel, D. E. (2010). Adult attachment orientations, depressive symptoms, and self-directed aggression by psychiatric patients. *Cognitive Therapy & Research*, 34, 272-281.
- Gouveia, T., & Matos, P. M. (2011). Manual. QVPM. Questionário de vinculação ao pai e à mãe. Obtido de <https://sites.google.com/site/manualqvpm/home>.
- Greenberg, L. S., & Paivio, S. C. (2003). *Working with emotions in psychotherapy*. New York: Guilford Press.
- Guimarães, N. M., & Pasian, S. R. (2006). Agressividade na adolescência: experiência e expressão da raiva. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 89–97.
- Håseth, K. (1996). The norwegian adaptation of the state-trait anger expression inventory. In C. D. Spielberger & I. G. Sarason (Eds.), *Stress and emotion: Anxiety, anger, & curiosity* (vol. 16, pp. 83–108). Washington, DC: Taylor & Francis.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511–524.
- Holloway, J. D. (2003). Advances in anger management. Retirado de <http://www.apa.org/monitor/mar03/advances.aspx>.
- Ingram, R. E. (2003). Origins of cognitive vulnerability to depression. *Cognitive Therapy and Research*, 27, 77–88.
- Kassinove, K., & Tafrate, R. C. (2006). Anger related disorders: Basic issues, models, and diagnostic considerations. In E. L. Feindler (Ed.). *Anger Related Disorders: A Practitioner's Guide to Comparative Treatments* (Cap. 1, pp. 1–27). New York, NY: Springer.
- Konishi, C., & Hymel, S. (2014). An attachment perspective on anger among adolescents. *Merrill-Palmer Quarterly*, 60(1), 53–79.



- Laulik, S., Chou, S., Browne, K. D. and Allam, J. (2013). The link between personality disorder and parenting behaviours: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 18(6), 644–655.
- Lee, C. W., Taylor, G., & Dunn, J. (1999). Factor structure of the schema questionnaire in a large clinical sample. *Cognitive Therapy and Research*, 23, 441–451.
- Linehan, M. M. (1993). *Cognitive-behavioral treatment of borderline personality disorder*. New York: Guilford Press.
- Liotti, G. (2011). Attachment disorganization and the controlling strategies: An illustration of the attachment theory to develop mental psychopathology and to psychotherapy integration. *Journal of psychotherapy integration*, 21, 232–252.
- Lipton, B., & Fosha, D. (2011). Attachment as a transformative process in AEDP: Operationalizing the intersection of attachment theory and affective neuroscience. *Journal of Psychotherapy Integration*, 21(3), 253–279.
- Maroco, J. (2003). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Sílabo.
- Maroco, J., & Garcia Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas. *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65–90.
- Marques, M. I. D. (2008). *Violência em contexto psiquiátrico: avaliação da eficácia de um programa com actividades assistidas por animais*. Dissertação de Doutoramento, Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto.
- Marques, M. I. D., Mendes, A. C., & De Sousa, L. (2007). Adaptação para português do inventário da expressão da ira-estado-traço (STAXI-2) de Spielberger (1999). *Psychologia*, 46, 85–104.
- Mash, E. J., & Barkley, R. A. (Eds.). (2003). *Child psychopathology* (2nd ed.). New York: Guilford.
- Matos, P. M. & Costa, M. E. (2001). *Questionário de vinculação ao pai e à mãe*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, 20(1), 97–126.
- Mendoza, F., Pozo, M. R., & Bello, N. C. (2010). Validación de la versión mexicana del inventario de expresión de ira estado-rasgo (STAXI-2). *Acta Colombiana de Psicología*, 13, 107–117.
- Mikulincer, M. (1998). Adult attachment style and individual differences in functional versus dysfunctional experiences of anger. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 513–524.
- Mikulincer, M., Florian, V., & Weller, A. (1993). Attachment styles, coping strategies, and post-traumatic psychological distress: The importance of the Gulf War in Israel. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64, 817–826.
- Monteiro, N., & Silva, D. (2012). Sobre o conceito de raiva e o STAXI-2. *Revista de Psicologia Militar*, 21, 31–40.

- Moreira, P., Gonçalves, O., & Beutler, L. E. (2005). *Métodos de selecção de tratamento. O melhor para cada paciente*. Porto: Porto Editora.
- Moura, O., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito interparental em adolescentes. *Psicologia*, 22(1), 127–152.
- Muris, P., Meesters, C., Morren, M., & Moorman, L. (2004). Anger and hostility in adolescents: relationships with self-reported attachment style and perceived parental rearing styles. *Journal of Psychosomatic Research*, 57(3), 257–264. Doi: 10.1016/S0022-3999(03)00616-0.
- Prochaska, J. O., & Norcross, J. C. (2010). *Systems of psychotherapy: A transtheoretical analysis* (7th ed.). Pacific Grove, CA: Brooks/Cole.
- Rijo, D. (2009). *Esquemas mal-adaptativos precoces. Validação do conceito e dos métodos de avaliação*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Psicologia, Universidade de Coimbra.
- Scheff, T. (2015). Toward defining basic emotions. *Qualitative Inquiry*, 21(2), 111–121.
- Schmidt, N. B., Joiner, T. E., Young, J. E., Telch, M. J. (1995). The schema questionnaire: Investigation of psychometric properties and the hierarchical structure of a measure of maladaptive schemas. *Cognitive Therapy and Research*, 19, 295–321.
- Sheffield, A., Waller, G., Emanuelli, F., Murray, J., Meyer, C. (2005). Links Between Parenting and Core Beliefs: Preliminary Psychometric Validation of the Young Parenting Inventory. *Cognitive Therapy and Research*, 29(6), 787–802.
- Siegel, J. M. (1986). The Multidimensional Anger Inventory. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51(1):191–200.
- Silva, D. R., Campos, R., & Prazeres, N. (1999). O Inventário de Estado-Traço de Raiva (STAXI) e sua Adaptação para a População Portuguesa. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 34, 55–81.
- Spera, C. (2005). A Review of the relationship among parenting practices, parenting styles, and adolescent school achievement. *Educational Psychology Review*, 17, 125–146.
- Spielberger, C. D. (1999). *STAXI-2 state-trait anger expression inventory-2. Professional manual*. Lutz, FL: Psychological Assessment Resources.
- Spielberger, C. D. (2010). State-Trait Anger Inventory. In I. B. Weiner & W. E. Craighead (Eds.). *The Corsini Encyclopedia of Psychology* (4th ed., vol. 4, pp. 1697–1698). New York: Wiley & Sons.
- Spielberger, C. D., Jacobs, G., Russell, S., & Crane, R. S. (1983). Assessment of anger: The state-trait anger scale. In J. N. Butcher, & C. D. Spielberger (Eds.), *Advances in personality assessment* (pp. 161–189). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Spielberger, C. D., Reheiser, E. C., & Sydeman, S. J. (1995). Measuring the experience, expression, and control of anger. In H. Kassirer (Ed.), *Anger disorders: Definitions, diagnosis, and treatment* (pp. 49–67). Washington, DC: Taylor & Francis.

- Tafrate, R. C., Kassino, H., Dundin, L. (2002). Anger episodes in high- and low-anger community adults. *Journal of Clinical Psychology*, 58(12), 1573–1590.
- Valentini, F. 2009. Estudo das propriedades psicométricas do Inventário de Estilos Parentais de Young no Brasil. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN.
- Valentini, F., & Alchieri, J. C. (2009). Modelo clínico de estilos parentais de Jeffrey Young: revisão da literatura. *Contextos Clínicos*, 2(2), 113–123.
- Vasco, A. B. (2013). Sinto e Penso, logo Existo!: Abordagem Integrativa das Emoções. *Psilogos*, 11(1), 37–44.
- Vlierberghe, L. van, Timbremont, B., Braet, C., & Basile, B. (2007). Parental schemas in youngsters referred for antisocial behaviour problems demonstrating depressive symptoms. *Journal of Forensic Psychiatry and Psychology*, 18, 515–533.
- Young Parenting Inventory: Informal Clinical Scoring Instructions. Obtido de <http://www.schematherapy.com/id112.htm>, em 26 de março de 2014.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. (2003). *Schema therapy: A practitioner's guide*. New York: Guilford Press.


## ANEXO 1

### TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Chamo-me Catarina Dias, sou aluna do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia da ULisboa e encontro-me a realizar o projeto de investigação para a minha dissertação de mestrado. O principal objetivo é investigar em que medida a zanga está relacionada com práticas educativas, elucidando assim sobre a importância de promover práticas e relações parentais mais construtivas e estimulantes da saúde mental, bem como intervenções clínicas preventivas de comportamentos desadequados.

Peço a sua colaboração para o preenchimento de um conjunto de questões. Para participar deve ter no mínimo **17 anos**. O tempo de preenchimento é de 30 a 40 min. A resposta às questões não acarreta riscos conhecidos ou que se possam antecipar, contudo, poderá desistir a qualquer momento. Não há respostas certas ou erradas; o importante é que reflitam a sua experiência pessoal.

A informação facultada é absolutamente confidencial dado a resposta ser anónima, não sendo em nenhum momento pedida ou registada a sua identificação. As respostas serão apenas tratadas no âmbito desta investigação e unicamente por meio de técnicas estatísticas de tratamento conjunto de resultados. Se desejar esclarecimentos pode contactar-me (cdias1@campus.ul.pt). Após aprovação da dissertação, esta ficará disponível no Repositório da Universidade de Lisboa (repositorio.ul.pt/), bastando pesquisar pelo nome da investigadora.

*Ao prosseguir clicando no ícone  (canto inferior direito) estará a declarar que leu e concorda com as indicações atrás referidas.*

**Obrigada pela participação.**

**Catarina Dias (aluna do 5º ano da FPULisboa)**

**Professora Doutora Maria João Afonso (orientadora).**

## ANEXO 2

### Principais características sociodemográficas (N=236)

	n	%
<b>Idade</b>		
17-24	34	14,4
25-34	39	16,5
35-44	60	25,4
45-54	47	19,9
55-64	37	15,7
65-74	17	7,2
≥ 75	2	0,8
<b>Sexo</b>		
Masculino	69	29,2
Feminino	167	70,8
<b>Nacionalidade</b>		
Portuguesa	228	96,6
Outra	8	3,4
<b>Etnia</b>		
Caucasiana	225	95,3
Outra	11	4,7
<b>Escolaridade</b>		
1º ciclo (4º ano)	3	1,3
2º ciclo (6º ano)	1	0,4
3º ciclo (9º ano)	5	2,1
Secundário (12º ano)	39	16,5
Superior	188	79,7
<b>Situação académica atual</b>		
Estuda	60	25,4
Não estuda	176	74,6
<b>Situação profissional atual</b>		
Empregado	174	73,8
Desempregado	14	5,9
Aposentado	26	11,0
Não trabalha (só estuda)	22	9,3

## ANEXO 2 (Cont.)

### Principais características sociodemográficas (N=236)

	n	%
<b>Situação familiar na infância</b>		
Foi criado pelos pais	225	95,5
Principal cuidador		
Mãe	81	34,3
Pai	5	2,1
Ambos os pais	20	8,5
Avós	4	1,7
(Não responde)	126	53,4
Sem irmãos	63	26,7
Com irmãos: lugar na fratria	173	73,3
Mais novo	55	23,3
No meio	34	14,4
Mais velho	83	35,2
Gêmeo	1	0,42
<b>Estado civil / relacional</b>		
Solteiro	103	43,7
Casado	96	40,7
Separado/divorciado	34	14,4
Viúvo	2	0,8
Outra situação	1	0,4
<b>Situação parental: tem filho(s)</b>	<b>130</b>	<b>55,1</b>
<b>Agregado familiar atual</b>		
Vive com cônjuge ou companheiro	96	40,7
Vive com pais	27	11,4
Vive com filho(s)/enteado(s)	69	29,2
Vive só	31	13,1

### ANEXO 3

#### Principais características clínicas (N=236)

	n	%
Doença cardíaca, circulatória, hipertensão	24	10,2
Doença renal	2	0,8
Doença cancerígena	16	6,8
História de uso/abuso de drogas	1	0,4
História de abuso/dependência de álcool	2	0,8
Ansiedade	5	2,1
Fobia e/ou ataques de pânico	8	3,3
Depressão	46	19,5
Dificuldades de relacionamento social	32	13,6
Ideação suicida ou tentativa de suicídio	3	1,3
Nada a referir	139	58,9